Paulo Coelho
Brida
The International Bestseller

Paulo Coelho

Brida

Foto: cortesia de Istoé Gente

Edição especial do site www.paulocoelho.com.br , venda proibida 2

“Um rapaz chamado Santiago (*O alquimista*) passa a fazer parte de uma seleta galeria de personagens ilustres, como Cândido e Pinóquio, por causa de sua capacidade de nos conduzir a tão excepcional aventura.”

PAUL ZINDEL, prêmio Pulitzer, EUA

“A encantadora história de Santiago (*O alquimista*), o pastor que sonha conhecer o mundo, é tocante por si mesma – e, entretanto, consegue ganhar mais ressonância através das muitas lições que Santiago aprende durante sua caminhada. Um livro para pessoas de todas as idades.”

Publisher’s Weekly, EUA

“*O alquimista* é de uma beleza imbatível, uma verdadeira maravilha da inspiração, mostrando-nos uma amálgama de busca espiritual e conflitos existenciais, com profundidade e força.”

MALCOLM BOYD, Modern Maturity Magazine, EUA

“Esta peregrinação (*O diário de um mago*) se transforma numa história excitante.”

LIBRARY JOURNAL, EUA

“Raramente deparei com uma história que tenha a simplicidade e a força concentradas de *O alquimista*. Ela leva o leitor através do tempo... uma bela história com uma mensagem pessoal para cada leitor.”

JOSEPH GIRZONE, EUA (autor de **Joshua**)

“Paulo Coelho nos dá a motivação para seguirmos nossos próprios sonhos, fazendo com que possamos ver o mundo através de nossos próprios olhos.”

LYNN ANDREWS, EUA (autora da série **Medicine Woman**)

“(Paulo) Coelho é uma das grandes revelações da literatura brasileira da atualidade, especialmente depois da publicação de *O alquimista*.”

MARGA FONT, revista **Integral**, Espanha

"Longe da idéia do guru misterioso e enigmático, este mago de hoje...

nos mostra como deve ser a iniciação nos nossos dias.” **PEDRO**

PALAO PONS, revista **Karma** 7, Espanha

“(*O alquimista*) é uma pedra filosofal vinda do Brasil.”

G.T., jornal **Cinco Dias**, Espanha

“(*Brida*) é um livro de nossos dias, grande reportagem de uma vida, escrito com tanta destreza que até o complexo se torna transparente, e é entendido sem esforço, com alegria do espírito, num momento em que a magia resolveu falar todas as linguagens do coração do homem.” **ALARCON BENITO**, revista **Mas Alla**, Espanha

“Finalmente um livro (*O alquimista*) que fala com alegria e simplicidade de conhecimentos outrora tratados de maneira tão enigmática e aborrecida.”

DAVID LUCZYN, revista **Einblick**, Alemanha

“A história da busca da riqueza oculta (*O alquimista*) passa a ser a parábola sobre a dimensão profunda da existência humana. Santiago é um herói universal.”

SARKA GRAUOVA, Literárui Noviny, Tchecoslováquia

“Nesta odisséia espiritual (*O diário de um mago*), Paulo Coelho nos conduz com suavidade, nos mantém atento com seus episódios, e –

quando estamos presos pelo poético misticismo do livro – Coelho nos atinge em profundidade, através de seus processos de treinamento espiritual.”

KATHERINE DIEHL, Body, Mind & Spirit Magazine, EUA

“(*Paulo Coelho*) é um dos autores mais populares da América Latina, e é fácil entender por quê; ele escreve com vigor, e tem uma imensa bagagem de espiritualidade para dividir. A imagem onde mostra a transformação de si mesmo num globo azul (*O diário de um mago*) ficará em minha lembrança por um longo tempo.”

DAVID KRAMER, Man Magazine, EUA

“Uma sábia e inspiradora fábula (*O alquimista*) sobre a peregrinação que devíamos percorrer em nossas vidas.”

SCOTT PECK, autor de **Road Less Travelled**, EUA 4

“Uma inesquecível história sobre a mais interessante de todas as jornadas: o caminho para

cumprir seu próprio destino. Eu recomendo *O alquimista* para qualquer pessoa que esteja comprometida totalmente com seus sonhos."

ANTHONY ROBBINS, autor de **Awaken the Giant Within**

"*O alquimista* é uma síntese da sabedoria universal, que podemos aplicar ao trabalho de nossas vidas."

SPENCER JOHNSON, autor de **O Gerente Minuto**, EUA

"(*O alquimista*) é uma síntese de uma história comum em toda a literatura universal: o homem busca fora de si mesmo o que sempre teve ao seu lado. Uma história atrativa e cheia de simbolismos, que convertem este livro na revelação literária brasileira."

JOSE MOLINA, revista **Mucho Más**, Espanha

"Nesta época conturbada em que vivemos, quando o Ter faz tudo para dominar o Ser, com melhor companhia (Paulo Coelho) não o poderíamos deixar."

VICTOR MENDANHA, jornal **Correio da Manhã**, Portugal 5

OBRAS DO AUTOR

1974 – *O teatro na educação*

1974 – *O manifesto de Krig-há* (c/ Raul Seixas) 1981 – *Os arquivos do inferno*

1986 – *O manual prático do vampirismo* (recolhido) 1987 – *O diário de um mago*

1988 – *O alquimista*

1990 – *Brida*

1991 – *O dom supremo* (adaptação de Henry Drummond) 1992 – *As Valkírias*

1994 – *Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei* 1996 – *O monte cinco*

1997 – *O manual do guerreiro da luz* 1997 – *Cartas de amor do profeta* (adaptação de Kahlil Gibran) 1998 – *Veronika decide morrer*

2000 – *O demônio e a Srta. Prym* 2001 – *Histórias de pais, filhos e netos* (coletânea de contos) Paulo Coelho na Web

http:www.paulocoelho.com.br

PAULO COELHO

Brida

95ª EDIÇÃO

Rio de Janeiro – 2002

Para:

N. D. L., que realizou os milagres; Christina, que faz parte de um deles; e Brida.

9

Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente, até encontrá-la?

E, tendo-a achado, reúne as amigas e vizinhas dizendo: Alegrai-vos porque achei a dracma que eu havia perdido.

LUCAS 15, 8-9

10

ADVERTÊNCIA

No livro *O diário de um mago*, troquei duas das Práticas de RAM por exercícios de percepção que havia aprendido na época em que lidei com teatro. Embora os resultados fossem rigorosamente os mesmos, isto me valeu uma severa reprimenda de meu Mestre. “Não importa se existem meios mais rápidos ou mais fáceis; a Tradição jamais pode ser trocada”, disse ele.

Por causa disso, os poucos rituais descritos em *BRIDA* são os mesmos praticados durante séculos pela Tradição da Lua – uma Tradição específica, que requer experiência e prática na sua execução. Utilizar tais rituais sem orientação é perigoso, desaconselhável, desnecessário, e pode prejudicar seriamente a Busca Espiritual.

PAULO COELHO

PRÓLOGO

Sentávamos toda noite num café em Lourdes. Eu, um peregrino do sagrado Caminho de Roma, que precisava andar muitos dias em busca do meu Dom. Ela, Brida O'Fern, controlava determinada parte deste caminho.

Numa destas noites resolvi perguntar-lhe se ela experimentara uma emoção muito forte ao conhecer determinada abadia, parte da trilha em forma de estrela que os Iniciados percorrem nos Pirineus.

– Nunca estive lá – respondeu.

Fiquei surpreso. Afinal de contas, ela já possuía um Dom.

– Todos os caminhos levam a Roma – disse Brida, usando um velho provérbio para me dizer que os Dons podiam ser despertados em qualquer lugar. – Fiz meu Caminho de Roma na Irlanda.

Em nossos encontros seguintes ela me contou a história de sua busca. Quando acabou, perguntei se podia, algum dia, escrever o que tinha ouvido.

Ela concordou num primeiro momento. Mas, cada vez que nos encontrávamos, ia colocando um obstáculo. Pediu que trocasse os nomes das pessoas envolvidas, queria saber que tipo de gente ia ler, e como as pessoas iam reagir.

– Não posso saber – respondi. – Mas creio que não é por causa disto que você está criando tanto problema.

– Tem razão – disse ela. – É porque acho que é uma experiência muito particular. Não sei se as pessoas podem tirar alguma coisa de proveitosa dela.

Este é um risco que agora corremos juntos, Brida. Um texto anônimo da Tradição diz que cada pessoa, em sua existência, pode ter duas atitudes: Construir ou Plantar. Os construtores podem demorar anos em suas tarefas, mas um dia terminam aquilo que estavam fazendo. Então param, e ficam limitados por suas próprias paredes. A vida perde o sentido quando a construção acaba.

Mas existem os que plantam. Estes às vezes sofrem com tempestades, as estações, e raramente descansam. Mas, ao contrário de um edifício, o jardim jamais pára de crescer. E, ao mesmo tempo que exige a atenção do jardineiro, também permite que, para ele, a vida seja uma grande aventura.

Os jardineiros se reconhecerão entre si – porque sabem que na história de cada planta está o

crescimento de toda a Terra.

12

O AUTOR

13

IRLANDA

Agosto 1983 – Março 1984

14

VERÃO E OUTONO

– Quero aprender magia – disse a moça.

O Mago olhou para ela. Jeans desbotada, camiseta, e o ar de desafio que toda pessoa tímida costuma usar quando não devia. “Devo ter o dobro da idade dela”, pensou. E, apesar disto, sabia que estava diante da sua Outra Parte.

– Meu nome é Brida – continuou ela. – Desculpe não ter me apresentado. Esperei muito por este momento, e estou mais ansiosa do que pensava.

– Para que você quer aprender magia? – perguntou ele.

– Para responder algumas perguntas de minha vida. Para conhecer os poderes ocultos. E, talvez, para viajar ao passado e ao futuro.

Não era a primeira vez que alguém ia até o bosque lhe pedir isto. Houve época em que fora um Mestre muito conhecido e respeitado pela Tradição. Aceitara vários discípulos, e acreditara que o mundo mudaria na medida em que ele pudesse mudar aqueles que o cercavam. Mas havia cometido um erro. E os Mestres da Tradição não podem cometer erros.

– Você não se acha muito jovem?

– Tenho 21 anos – disse Brida. – Se quisesse aprender balé agora, já seria considerada velha demais.

O Mago fez um sinal para que ela o acompanhasse. Os dois começaram a caminhar juntos pelo bosque, em silêncio. “Ela é bonita”, pensava ele, enquanto as sombras das árvores iam mudando rapidamente de posição – porque o sol já estava perto do horizonte.

“Mas tenho o dobro da idade dela.” Isto significava que possivelmente iria sofrer.

Brida estava irritada com o silêncio do homem que caminhava ao seu lado; sua última frase não merecera sequer um comentário da parte dele. O chão da floresta estava úmido, coberto de folhas secas; ela também reparou as sombras mudando e a noite caindo rapidamente. Daqui a pouco ia escurecer, e eles não estavam carregando lanterna alguma.

“Preciso confiar nele”, encorajava a si mesma. “Se acredito que ele pode me ensinar magia, acredito também que ele pode me guiar por uma floresta.”

Continuaram caminhando. Ele parecia andar sem qualquer rumo, de um lado para outro, mudando de direção sem que qualquer obstáculo estivesse interrompendo seu caminho. Mais de uma vez 16

andaram em círculos, passando três ou quatro vezes pelo mesmo lugar.

“Quem sabe está me testando.” Estava resolvida a ir até o fim com aquela experiência e procurava demonstrar que tudo que estava ocorrendo – inclusive as caminhadas em círculo – eram coisas perfeitamente normais.

Viera de muito longe, e havia esperado muito por aquele encontro. Dublin ficava a quase 150 quilômetros de distância, e os ônibus até aquela aldeia eram desconfortáveis e saíam em horários absurdos. Ela teve que acordar cedo, viajar três horas, perguntar por ele na cidadezinha, explicar o que desejava com um homem tão estranho. Finalmente lhe indicaram a área do bosque onde ele costumava ficar durante o dia – mas não sem antes alguém preveni-la de que ele já tentara seduzir uma das moças da aldeia.

“Ele é um homem interessante”, pensou consigo mesma. O

caminho agora era uma subida, e ela começou a torcer para que o sol demorasse ainda um pouco mais no céu. Tinha medo de escorregar nas folhas úmidas que estavam no chão.

– Por que você quer mesmo aprender magia?

Brida ficou contente porque o silêncio havia sido quebrado.

Repetiu a mesma resposta que dera antes.

Mas ele não se satisfez.

– Talvez você queira aprender magia porque ela é misteriosa e oculta. Porque tem respostas que poucos seres humanos conseguem encontrar em sua vida inteira. Mas, sobretudo, porque ela evoca um passado romântico.

Brida não disse nada. Não sabia o que dizer. Ficou desejando que ele voltasse ao seu silêncio habitual, porque estava com medo de dar uma resposta que o Mago não gostasse.

Chegaram finalmente ao alto de um monte, depois de atravessarem o bosque inteiro. O terreno ali ficava rochoso, e despido de qualquer vegetação; mas era menos escorregadio, e Brida acompanhou o Mago sem qualquer dificuldade.

Ele sentou-se na parte mais alta, e pediu que Brida fizesse o mesmo.

– Outras pessoas já estiveram aqui antes – disse o Mago. –

Vieram me pedir que eu lhes ensinasse magia. Mas eu já ensinei tudo que precisava ensinar, já devolvi à humanidade o que ela me deu.

17

Hoje quero ficar sozinho, subir as montanhas, cuidar das plantas, e comungar com Deus.

– Não é verdade – respondeu a moça.

– O que não é verdade? – Ele estava surpreso.

– Talvez queira comungar com Deus. Mas não é verdade que queira ficar sozinho.

Brida arrependeu-se. Disse tudo aquilo num impulso, e agora era tarde demais para consertar seu erro. Talvez existissem pessoas que gostassem de ficar sozinhas. Talvez as mulheres precisassem mais dos homens do que os homens das mulheres.

O Mago, entretanto, não parecia irritado quando tornou a falar.

– Vou lhe fazer uma pergunta – disse. – Você tem que ser absolutamente verdadeira em sua resposta. Se me falar a verdade, eu lhe ensino o que me pede. Se mentir, nunca mais deve voltar a esta floresta.

Brida respirou aliviada. Era apenas uma pergunta. Não precisava mentir, isto era tudo. Sempre achou que os Mestres, para aceitarem seus discípulos, exigiam coisas mais difíceis.

Ele sentou-se bem na sua frente. Seus olhos estavam brilhantes.

– Suponhamos que eu comece a lhe ensinar o que aprendi –

falou, com os olhos fixos nos olhos dela. – Comece a lhe mostrar os universos paralelos que nos rodeiam, os anjos, a sabedoria da natureza, os mistérios da Tradição do Sol e da Tradição da Lua. E

certo dia, você desce à cidade para comprar alguns alimentos, encontra no meio da rua o homem de sua vida.

"Não saberia reconhecê-lo", pensou ela. Mas resolveu ficar calada; a pergunta parecia mais difícil do que tinha imaginado.

– Ele percebe a mesma coisa, e consegue aproximar-se de você.

Os dois se apaixonam. Você continua seus estudos comigo, eu lhe mostro a sabedoria do Cosmos durante o dia, ele lhe mostra a sabedoria do Amor durante a noite. Mas chega um determinado momento em que as duas coisas não podem mais caminhar juntas.

Você precisa escolher.

O Mago parou de falar por alguns instantes. Antes mesmo de perguntar, teve medo da resposta

da moça. Sua vinda, naquela tarde, significava o final de uma etapa na vida de ambos. Ele sabia disto, porque conhecia as tradições e os desígnios dos Mestres. Precisava tanto dela quanto ela dele. Mas ela devia falar a verdade naquele momento; era a única condição.

– Agora me responda com toda franqueza – disse, enfim, tomando coragem. – Você largaria tudo o que aprendeu até então, todas as possibilidades e todos os mistérios que o mundo da magia poderia lhe proporcionar, para ficar com o homem da sua vida?

Brida desviou os olhos dele. À sua volta estavam as montanhas, as florestas, e lá embaixo a pequena aldeia começava a acender suas luzes. As chaminés fumegavam, daqui a pouco as famílias estariam reunidas em torno da mesa para jantar. Trabalhavam com honestidade, temiam a Deus, e procuravam ajudar o próximo. Faziam aquilo tudo porque conheciam o amor. Suas vidas estavam explicadas, eram capazes de entender tudo que se passava no universo, sem jamais terem ouvido falar de coisas como a Tradição do Sol e a Tradição da Lua.

– Não vejo nenhuma contradição entre a minha busca e a minha felicidade – disse ela.

– Responda ao que lhe perguntei. – Os olhos do Mago estavam fixos nos olhos dela. – Você largaria tudo por essa pessoa?

Brida sentiu uma vontade imensa de chorar. Não era apenas uma pergunta, era uma escolha, a escolha mais difícil que as pessoas têm que fazer na vida. Já pensara muito sobre isto. Houve época em que nada mais no mundo era tão importante quanto ela mesma. Teve muitos namorados, sempre acreditou que amava cada um, e sempre viu o amor acabar de uma hora para a outra. De tudo que conhecia até então, o amor era o mais difícil. No momento estava apaixonada por alguém que tinha pouco mais que sua idade, estudava Física e via o mundo de um modo completamente diferente do dela. Mais uma vez estava acreditando no amor, apostando nos seus sentimentos, mas se decepcionara tantas vezes que não tinha mais certeza de nada. Mesmo assim, esta era ainda a grande aposta da sua vida.

Evitou olhar para o Mago. Seus olhos se fixaram na cidade com chaminés fumegando. Era através do amor que todos procuravam entender o universo desde o começo dos tempos.

– Eu largaria – disse finalmente.

Aquele homem a sua frente jamais iria entender o que se passava no coração das pessoas. Era um homem que conhecia o poder, os mistérios da magia, mas não conhecia as pessoas. Tinha os cabelos grisalhos, a pele queimada pelo sol, e o físico de quem está acostumado a subir e descer aquelas montanhas. Era encantador, com seus olhos refletindo sua alma cheia de respostas, e devia estar mais 19

uma vez decepcionado com os sentimentos dos seres humanos comuns. Ela também estava decepcionada consigo mesma, mas não podia mentir.

– Olhe para mim – disse o Mago.

Brida estava com vergonha. Mas olhou assim mesmo.

– Você falou a verdade. Eu vou lhe ensinar.

A noite caiu por completo, e as estrelas brilhavam num céu sem lua. Em duas horas Brida contou sua vida inteira para aquele desconhecido. Tentou buscar fatos que explicassem seu interesse por magia – como visões na infância, premonições, chamados interiores –

mas não conseguiu encontrar nada. Sentia vontade de conhecer, e isto era tudo. E por causa disso já freqüentara cursos de astrologia, *tarot*, numerologia.

– Isto são apenas linguagens – disse o Mago. – E não são as únicas. A magia fala todas as linguagens do coração do homem.

– O que é magia, então? – perguntou ela.

Mesmo no escuro, Brida percebeu que o Mago virou o rosto.

Estava olhando o céu, absorto, quem sabe em busca de uma resposta.

– Magia é uma ponte – disse enfim. – Uma ponte que permite a você andar do mundo visível para o invisível. E aprender as lições de ambos os mundos.

– E como posso aprender a cruzar essa ponte?

– Descobrindo sua maneira de cruzá-la. Cada pessoa tem sua maneira.

– Foi o que vim buscar aqui.

– Existem duas formas – respondeu o Mago. – A Tradição do Sol, que ensina os segredos através do espaço, das coisas que nos cercam. E a Tradição da Lua, que ensina os segredos através do Tempo, das coisas que estão presas na memória do tempo.

Brida havia entendido. A Tradição do Sol era aquela noite, as árvores, o frio no seu corpo, as estrelas no céu. E a Tradição da Lua era aquele homem a sua frente, com a sabedoria dos antepassados brilhando nos olhos.

– Aprendi a Tradição da Lua – disse o Mago, como se estivesse adivinhando seus pensamentos. – Mas jamais fui um Mestre nela. Sou um Mestre na Tradição do Sol.

– Mostre-me a Tradição do Sol – falou Brida, desconfiada, porque havia pressentido uma certa ternura na voz do Mago.

– Vou lhe ensinar o que aprendi. Mas são muitos os caminhos da Tradição do Sol.

20

“É preciso ter confiança na capacidade que cada pessoa tem de ensinar a si mesma.”

Brida não estava enganada. Havia mesmo ternura na voz do Mago. Aquilo a assustava, ao invés de deixá-la mais à vontade.

– Sou capaz de entender a Tradição do Sol – disse.

O Mago parou de olhar as estrelas e se concentrou na menina.

Sabia que ela ainda não era capaz de aprender a Tradição do Sol.

Mesmo assim, devia ensiná-la. Certos discípulos escolhem os seus Mestres.

– Quero lembrar uma coisa, antes da primeira lição – disse. –

Quando alguém encontrar seu caminho, não pode ter medo. Precisa ter coragem suficiente para dar passos errados. As decepções, as derrotas, o desânimo são ferramentas que Deus utiliza para mostrar a estrada.

– Ferramentas estranhas – falou Brida. – Muitas vezes fazem com que as pessoas desistam.

O Mago conhecia o motivo. Já havia experimentado no corpo e na alma estranhas ferramentas de Deus.

– Ensine-me a Tradição do Sol – insistiu ela.

O Mago pediu que Brida encostasse numa saliência da rocha e relaxasse.

– Não precisa fechar os olhos. Veja o mundo ao seu redor, e perceba tudo que puder perceber. Em cada momento, diante de cada pessoa, a Tradição do Sol mostra a sabedoria eterna.

Brida fez o que o Mago estava mandando. Mas achou que ele estava indo muito rápido.

– Esta é a primeira e mais importante lição – disse ele. – Foi criada por um místico espanhol, que entendeu o significado da fé. Seu nome era Juan de La Cruz.

Olhou para a menina, entregue e confiante. Do fundo do seu coração, torceu para que ela entendesse o que estava para lhe ensinar.

Afinal de contas ela era a sua Outra Parte, mesmo que ainda não soubesse, mesmo que ainda fosse muito jovem, e estivesse fascinada pelas coisas e pelas pessoas do mundo.

21

Brida enxergou, através da escuridão, o vulto do Mago entrando no bosque e sumindo entre as árvores que ficavam à sua esquerda.

Teve medo de ficar sozinha ali, e procurou manter-se relaxada. Esta era sua primeira lição, não podia demonstrar qualquer nervosismo.

“Ele me aceitou como discípula. Não posso decepcioná-lo.”

Estava contente consigo mesma, e ao mesmo tempo surpresa com a rapidez com que tudo acontecera. Mas jamais havia duvidado de sua capacidade – tinha orgulho dela, e do que a levara até ali. Teve certeza que, de algum lugar da rocha, o Mago estava olhando suas reações, para ver se era capaz de aprender a primeira lição de magia.

Ele havia falado em coragem; mesmo com medo – no fundo da sua mente começavam a surgir imagens de cobras e escorpiões que habitavam aquela rocha – ela devia demonstrar coragem. Daqui a pouco ele ia voltar, para ensinar a primeira lição.

“Sou uma mulher forte e decidida”, repetiu baixo, para si mesma. Era uma privilegiada em estar ali, com aquele homem, que as pessoas adoravam ou temiam. Reviu toda a tarde que passaram juntos, lembrou-se do momento em que percebeu alguma ternura em sua voz.

“Quem sabe também me achou uma mulher interessante. Talvez até mesmo quisesse fazer amor comigo.” Não seria uma experiência má; havia algo de estranho nos olhos dele.

“Que pensamentos tolos.” Estava ali, atrás de algo muito concreto – um caminho de conhecimento – e de repente percebia a si mesma como uma simples mulher. Procurou não pensar mais nisto, e foi quando se deu conta de que muito tempo já havia passado desde que o Mago a deixara sozinha.

Começou a sentir um início de pânico; a fama que corria a respeito daquele homem era contraditória. Algumas pessoas diziam que ele fora o mais poderoso Mestre que já conheceram, que era capaz de mudar a direção do vento, de abrir buracos em nuvens, utilizando apenas a força do pensamento. Brida, como todo mundo, era fascinada por prodígios dessa natureza.

Outras pessoas, entretanto – pessoas que freqüentavam o mundo da magia, os mesmos cursos e aulas que ela freqüentava – garantiam que ele era um feiticeiro negro, que certa vez havia destruído um homem com o seu Poder, porque se apaixonara pela mulher deste homem. Fora por isso que, mesmo sendo um Mestre, fora condenado a vagar na solidão das florestas.

“Talvez a solidão o tenha enlouquecido mais ainda”, e Brida começou a sentir de novo um início de pânico. Apesar da pouca idade, já conhecia os danos que a solidão era capaz de causar nas pessoas, principalmente quando ficavam mais velhas. Encontrara pessoas que haviam perdido todo o brilho de viver porque não conseguiam mais lutar contra a solidão, e acabaram ficando viciadas nela. Eram, em sua maioria, pessoas que achavam o mundo um lugar sem dignidade e sem glória, que gastavam suas tardes e noites falando sem parar dos erros que os outros haviam cometido. Eram pessoas que a solidão havia convertido em juízes do mundo, cujas sentenças se espalhavam aos quatro ventos, para quem quisesse ouvir. Talvez o Mago tivesse enlouquecido com a solidão.

De repente, um ruído mais forte ao seu lado fez com que ela desse um salto, e seu coração disparasse. Já não havia qualquer vestígio do abandono em que se encontrava há algum tempo atrás.

Olhou em volta sem distinguir nada. Uma onda de pavor parecia nascer de sua barriga e espalhar-se por seu corpo inteiro.

“Tenho que me controlar”, pensou, mas era impossível. A imagem das cobras, dos escorpiões, os fantasmas de sua infância começaram a aparecer na sua frente. Brida estava apavorada demais para conseguir manter o controle. Uma outra imagem surgiu: a de um feiticeiro poderoso, com um pacto demoníaco, que estava oferecendo sua vida em holocausto.

– Onde está você? – gritou finalmente. Já não queria impressionar mais ninguém. Tudo o que queria era sair dali.

Ninguém respondeu.

– Eu quero sair daqui! Me socorre!

Mas havia apenas a floresta com seus ruídos estranhos. Brida sentiu-se tonta de medo, achou que ia desmaiar. Mas não podia; agora que tinha a certeza de que ele estava longe, desmaiar seria pior.

Precisava manter o controle de si mesma.

Este pensamento fez com que descobrisse que alguma força dentro dela estava lutando para manter este controle. “Não posso continuar gritando”, foi seu primeiro pensamento. Seus gritos podiam chamar a atenção de outros homens que viviam naquela floresta e homens que vivem em florestas podem ser mais perigosos que animais selvagens.

“Tenho fé”, começou a repetir baixinho. “Tenho fé em Deus, fé no meu Anjo da Guarda, que me trouxe até aqui e que permanece 23

comigo. Não sei explicar como ele é, mas sei que ele está perto. Não tropeçarei em nenhuma pedra.”

A última frase era de um Salmo que aprendeu na infância, e que há muitos anos não passava por sua cabeça. Sua avó, que morrera há pouco tempo, lhe havia ensinado. Gostaria que ela estivesse por perto naquele momento; imediatamente sentiu uma presença amiga.

Estava começando a entender que havia uma grande diferença entre perigo e medo.

“O que habita no esconderijo do Altíssimo...” era assim que começava o Salmo. Notou que estava se lembrando de tudo, palavra por palavra, exatamente como se sua avó estivesse recitando naquele instante para ela. Recitou durante algum tempo, sem parar, e, apesar do medo, sentiu-se mais tranqüila. Não tinha nenhuma escolha naquele momento; ou acreditava em Deus, no seu Anjo da Guarda, ou se desesperava.

Sentiu uma presença protetora. “Preciso acreditar nesta presença. Não sei explicá-la, mas ela existe. E ela irá estar aqui comigo a noite inteira, porque não sei sair daqui sozinha.”

Quando era criança, costumava acordar no meio da noite, apavorada. Seu pai, então, ia com ela até a janela e mostrava a cidade onde viviam. Ele falava dos guardas noturnos, do leiteiro que já estava entregando o leite, do padeiro fazendo o pão de cada dia. Seu pai pedia para tirar os monstros que havia colocado na noite, e substituí-

los por estas pessoas, que vigiavam a escuridão. “A noite é apenas uma parte do dia”, dizia.

A noite era apenas uma parte do dia. E assim como se sentia protegida pela luz, podia se sentir protegida pelas trevas. As trevas faziam com que ela invocasse aquela presença protetora. Precisava confiar nela. E essa confiança se chamava Fé. Ninguém jamais poderia entender a Fé. A Fé era exatamente aquilo que estava experimentando agora, um mergulho sem explicação numa noite escura como aquela. Existia apenas porque se acreditava nela. Assim como os milagres também não tinham qualquer explicação, mas aconteciam para quem acreditava em milagres.

“Ele me falou da primeira lição”, disse ela de repente se dando conta. A presença protetora estava ali, porque ela acreditava nela.

Brida começou a sentir o cansaço de tantas horas de tensão. Começou a relaxar de novo, e sentia-se a cada momento mais protegida.

Tinha fé. E a fé não deixaria que a floresta fosse de novo povoada por escorpiões e cobras. A fé manteria seu Anjo da Guarda acordado, velando.

Recostou-se de novo na rocha, e dormiu sem perceber.

25

Quando acordou já estava claro, e um lindo sol coloria tudo ao seu redor. Estava com um pouco de frio, a roupa suja, mas sua alma rejubilava-se. Havia passado uma noite inteira, sozinha, numa floresta.

Procurou com os olhos o Mago, mesmo sabendo a inutilidade de seu gesto. Ele devia estar andando pelos bosques procurando

"comungar com Deus", e talvez perguntando a si mesmo se aquela menina da noite anterior teve coragem de aprender a primeira lição da Tradição do Sol.

– Aprendi sobre a Noite Escura – disse ela para a floresta, que agora estava silenciosa. – Aprendi que a busca de Deus é uma Noite Escura. Que a Fé é uma Noite Escura.

"Não foi surpresa. Cada dia do homem é uma noite escura.

Ninguém sabe o que vai acontecer no próximo minuto, e mesmo assim as pessoas andam para a frente. Porque confiam. Porque têm Fé."

Ou, quem sabe, porque não percebam o mistério encerrado no próximo segundo. Mas isto não tinha a menor importância –

importante era saber que ela havia entendido.

Que cada momento na vida era um ato de fé.

Que podia povoá-lo com cobras e escorpiões, ou com uma força protetora.

Que a fé não tinha explicações. Era uma Noite Escura. E cabia a ela apenas aceitá-la ou não.

Brida olhou no relógio e viu que já estava ficando tarde.

Precisava tomar um ônibus, viajar durante três horas, e pensar algumas explicações convincentes para dar ao seu namorado; ele jamais iria acreditar que ela passara uma noite inteira, sozinha, numa floresta.

– É muito difícil a Tradição do Sol! – gritou para a floresta. –

Tenho que ser minha própria Mestra, e não era isto que eu esperava!

Olhou a cidadezinha lá embaixo, traçou mentalmente seu caminho pelo bosque e começou a andar. Antes, porém, voltou-se mais uma vez para a rocha.

– Quero dizer outra coisa – gritou com voz solta e alegre. –

Você é um homem muito interessante.

Encostado no tronco de uma velha árvore, o Mago viu a menina sumir no bosque. Tinha escutado seu medo e ouvido seus gritos durante a noite. Em certo momento chegou a pensar em aproximar-se, abraçá-la, protegê-la do seu pavor, dizer que ela não precisava daquele tipo de desafio.

26

Agora estava contente por não ter feito isto. E orgulhoso que aquela menina, com toda a sua confusão juvenil, fosse a sua Outra Parte.

No centro de Dublin existe uma livraria especializada em tratados de ocultismo mais avançados. É uma livraria que jamais fez qualquer publicidade em jornais ou revistas – as pessoas só chegam lá indicadas por outras, e o livreiro fica contente, porque tem um público seleto e especializado.

Mesmo assim, a livraria está sempre cheia. Depois de ouvir falar muito dela, Brida finalmente conseguiu o endereço com o professor de um curso de viagem astral que estava freqüentando. Foi lá certa tarde, após o trabalho, e ficou encantada com o lugar.

A partir daí, sempre que podia, ia olhar os livros – apenas olhar, porque eram todos importados e muito caros. Costumava folhear um por um, prestando atenção nos desenhos e símbolos que alguns volumes traziam, e sentindo intuitivamente a vibração de todo aquele conhecimento acumulado. Tinha ficado mais cautelosa depois da experiência com o Mago. Às vezes costumava reclamar de si mesma, porque só conseguia participar de coisas que pudesse entender.

Pressentia que estava perdendo algo importante nesta vida, que desta maneira só teria experiências repetidas. Mas não tinha coragem de mudar. Precisava estar sempre enxergando o seu caminho; agora que conhecia a Noite Escura, sabia que não desejava andar por ela.

E apesar de ficar insatisfeita consigo mesma algumas vezes, era impossível ir além de seus próprios limites.

Os livros eram mais seguros. As estantes continham reedições de tratados escritos há centenas de anos atrás – muito pouca gente arriscava dizer algo de novo nesta área. E a sabedoria oculta parecia sorrir naquelas páginas, distante e ausente, sorrindo do esforço dos homens em tentar desvendá-la a cada geração.

Além dos livros, Brida tinha outro grande motivo para freqüentar o local: ficava observando quem vinha sempre ali. Às vezes fingia folhear respeitáveis tratados alquímicos, mas seus olhos estavam concentrados nas pessoas – homens e mulheres, geralmente mais velhos que ela – que sabiam o que desejavam e iam sempre na prateleira certa. Tentava imaginar como deviam ser na intimidade. Às vezes pareciam sábios, capazes de despertar a força e o poder que os mortais não conheciam. Outras vezes pareciam apenas pessoas desesperadas, tentando descobrir novamente respostas que esqueceram há muito tempo – e sem as quais a vida deixava de ter sentido.

Reparou também que os fregueses mais constantes costumavam conversar sempre com o livreiro. Falavam de coisas estranhas, como 28

fases da lua, propriedade de pedras, e pronúncia correta de palavras rituais.

Certa tarde, Brida tomou coragem para fazer a mesma coisa.

Estava voltando do trabalho, onde tudo dera certo. Achou que devia aproveitar o dia de sorte.

– Sei que existem sociedades secretas – disse ela. Achou que era um bom começo para a conversa. Ela “sabia” de alguma coisa.

Mas tudo que o livreiro fez foi erguer a cabeça das contas que estava fazendo, e olhar espantado para a moça.

– Estive com o Mago de Folk – disse uma Brida já meio desconcertada, sem saber como continuar. – Ele me explicou sobre a Noite Escura. Ele me disse que o caminho da sabedoria é não ter medo de errar.

Reparou que o livreiro já estava prestando mais atenção às suas palavras. Se o Mago ensinara alguma coisa a ela, é porque ela devia ser uma pessoa especial.

– Se você sabe que o caminho é a Noite Escura, então por que buscar os livros? – disse ele finalmente, e ela entendeu que a referência ao Mago não tinha sido uma boa idéia.

– Porque não quero aprender daquela maneira – emendou ela.

O livreiro ficou olhando para a menina a sua frente. Ela possuía um Dom. Mas era estranho que, apenas por isto, o Mago de Folk houvesse dedicado tanta atenção a ela. Devia haver outra coisa. Podia também ser mentira, mas ela comentara sobre a Noite Escura.

– Tenho visto você sempre por aqui – disse. – Entra, folheia tudo, e nunca compra livros.

– São caros – disse Brida, pressentindo que ele estava interessado em continuar a conversa. – Mas já li outros livros, freqüentei vários cursos.

Disse o nome dos professores. Talvez o livreiro ficasse ainda mais impressionado.

De novo a coisa funcionou contra suas expectativas. O livreiro a interrompeu, e foi dar atenção a um freguês que queria saber se o almanaque com as posições planetárias para os próximos cem anos havia chegado.

O livreiro consultou uma série de pacotes que estavam debaixo do balcão. Brida reparou que os pacotes traziam carimbos de diversos cantos do mundo.

29

Estava cada vez mais nervosa; sua coragem inicial havia passado por completo. Mas teve que esperar o freguês conferir o livro, pagar, receber o troco, ir embora. Só então o livreiro voltou-se novamente para ela.

– Não sei como continuar – disse Brida. Seus olhos estavam começando a ficar vermelhos.

– O que você sabe fazer bem? – perguntou ele.

– Ir atrás do que acredito. – Não havia outra resposta. Vivia correndo atrás do que acreditava.

O problema é que cada dia acreditava em uma coisa diferente.

O livreiro escreveu um nome no pedaço de papel onde estava fazendo suas contas. Rasgou o pedaço onde havia escrito, e ficou segurando nas mãos.

– Vou lhe dar um endereço – disse. – Houve uma época em que as pessoas aceitavam as experiências mágicas como coisas naturais.

Naquela época não havia sequer sacerdotes. E ninguém saía correndo atrás de segredos ocultos.

Brida não sabia se ele estava se referindo a ele.

– Você sabe o que é magia? – perguntou ele.

– É uma ponte. Entre o mundo visível e invisível.

O livreiro estendeu um papel para ela. Ali estava um telefone e um nome: Wicca.

Brida agarrou rapidamente o papel, agradeceu, e saiu. Ao chegar na porta, voltou-se para ele.

– E também sei que a magia fala muitas linguagens. Inclusive a de livreiros, que se fingem de difíceis, mas que são generosos e acessíveis.

Mandou um beijo e sumiu porta afora. O livreiro interrompeu suas contas, e ficou olhando a própria loja. “O Mago de Folk ensinou estas coisas para ela”, pensou. Um Dom, por melhor que fosse, não era suficiente para que o Mago se interessasse; devia existir outro motivo. Wicca seria capaz de descobrir qual era.

Já estava na hora de fechar. O livreiro estava notando que o público de sua loja começava a mudar. Estava cada vez mais jovem como diziam os velhos tratados que atulhavam suas estantes, as coisas começavam finalmente a voltar para o lugar de onde partiram.

30

O prédio antigo ficava no centro da cidade, num lugar que hoje em dia só é freqüentado por turistas em busca do romantismo do século passado. Brida precisou esperar uma semana até que Wicca resolvesse atendê-la; e agora estava diante de uma construção cinzenta e misteriosa tentando conter sua excitação. Aquele edifício se encaixava perfeitamente no modelo de sua busca; era exatamente num lugar como aquele que deviam viver as pessoas que freqüentavam a livraria.

O lugar não possuía elevador. Subiu as escadas lentamente, para não chegar ofegante ao seu destino. Tocou a campainha da única porta do terceiro andar.

Um cachorro latiu do lado de dentro. Depois de alguma demora, uma mulher magra, bem vestida, e com um ar severo, veio atendê-la.

– Fui eu quem telefonou – disse Brida.

Wicca fez um sinal para que entrasse, e Brida encontrou-se numa sala toda branca, com obras de arte moderna nas paredes e nas mesas. Cortinas igualmente brancas ajudavam a filtrar a luz do sol; o ambiente estava dividido em vários planos, distribuindo com harmonia os sofás, a mesa de jantar, e a biblioteca farta em livros.

Tudo parecia decorado com extremo bom gosto, e Brida lembrou-se de certas revistas de arquitetura que costumava folhear nas bancas de revistas.

“Deve ter custado muito caro”, foi o único pensamento que lhe ocorreu.

Wicca levou a recém-chegada até um dos ambientes da imensa sala, onde havia duas poltronas de *design* italiano, feitas em couro e aço. Entre as duas poltronas estava uma mesinha baixa, de vidro, com os pés também em aço.

– Você é muito jovem – disse Wicca, finalmente.

Não adiantava falar das bailarinas, etc. Brida ficou em silêncio, esperando o próximo comentário, enquanto tentava imaginar o que um ambiente tão moderno como aquele fazia num prédio tão antigo. Sua idéia romântica da busca do conhecimento havia novamente se dissipado.

– Ele me telefonou – disse Wicca; Brida entendeu que ela estava se referindo ao livreiro.

– Vim em busca de um Mestre. Quero trilhar o caminho da magia.

Wicca olhou para a menina. Ela de fato possuía um Dom. Mas precisava saber por que o Mago de Folk se interessara tanto por ela. O

31

Dom, apenas, não era o bastante. Se o Mago de Folk estivesse começando na magia, poderia ficar impressionado pela clareza com que o Dom se manifestava na menina. Mas ele já vivera o suficiente para aprender que toda e qualquer pessoa possuía um Dom; já não era mais sensível a estas armadilhas.

Levantou-se, foi até a estante e pegou o seu baralho preferido.

– Sabe jogar? – perguntou.

Brida balançou a cabeça afirmativamente. Tinha feito alguns cursos, sabia que o baralho na mão da mulher era um *tarot*, com suas setenta e oito cartas. Aprendera algumas maneiras de colocar o *tarot*, e ficou contente por ter uma chance de mostrar seus conhecimentos.

Mas a mulher manteve o baralho com ela. Misturou as cartas, colocou-as na mesinha de vidro, com as faces voltadas para baixo.

Ficou olhando as cartas nesta posição, completamente desorganizadas, diferente de qualquer método que Brida aprendera em seus cursos.

Depois, disse algumas palavras numa língua estranha, e virou apenas uma das cartas da mesa.

Era a carta número 23. Um rei de paus.

– Boa proteção – disse ela. – De um homem poderoso, forte, de cabelos negros.

Seu namorado não era nem poderoso nem forte. E o Mago tinha os cabelos grisalhos.

– Não pense em seu aspecto físico – disse Wicca, como se estivesse adivinhando seu pensamento. – Pense na sua Outra Parte.

– O que é a Outra Parte? – Brida estava surpresa com a mulher.

Ela lhe inspirava um respeito misterioso, uma sensação diferente da que tivera com o Mago, ou com o livreiro.

Wicca não respondeu à pergunta. Tornou a embaralhar as cartas, e mais uma vez espalhou-as desordenadamente sobre a mesa –

só que desta vez com os desenhos voltados para cima. A carta que estava no centro daquela aparente confusão era a carta número 11. A Força. Uma mulher abrindo a boca de um leão.

Wicca retirou a carta e pediu que ela a segurasse. Brida segurou, sem saber direito o que devia fazer.

– Seu lado mais forte sempre foi mulher em outras encarnações

– disse ela.

– O que é a Outra Parte? – insistiu Brida. Era a primeira vez que desafiava aquela mulher. Mesmo assim, era um desafio cheio de timidez.

Wicca ficou um momento em silêncio. Uma suspeita passou pelo fundo da sua mente – o Mago não ensinara sobre Outra Parte para aquela menina. “Bobagem”, disse para si mesma, e deixou o pensamento de lado.

– A Outra Parte é a primeira coisa que as pessoas aprendem quando querem seguir a Tradição da Lua – respondeu. – Só entendendo a Outra Parte é que se entende como o conhecimento pode ser transmitido através do tempo.

Ela ia explicar. Brida ficou em silêncio, ansiosa.

– Somos eternos, porque somos manifestações de Deus – disse Wicca. – Por isso passamos por muitas vidas e por muitas mortes, saindo de um ponto que ninguém sabe, e nos dirigindo a outro ponto que tampouco sabemos. Acostume-se com o fato de que muitas coisas na magia não são e nunca serão explicadas. Deus resolveu fazer certas coisas de certa maneira, e por que Ele fez isto é um segredo que só Ele conhece.

“A Noite Escura da Fé”, pensou Brida. Ela também existia na Tradição da Lua.

– O fato é que isto acontece – continuou Wicca. – E quando as pessoas pensam em reencarnação, elas sempre se defrontam com uma pergunta muito difícil: se no começo existiam tão poucos seres humanos sobre a face da Terra, e hoje existem tantos, de onde vieram essas novas almas?

Brida estava com a respiração suspensa. Já fizera esta pergunta a si mesma muitas vezes.

– A resposta é simples – disse Wicca, depois de saborear por algum tempo a ansiedade da menina. – Em certas reencarnações, nós nos dividimos. Assim como os cristais e as estrelas, assim como as células e as plantas, também nossas almas se dividem.

“A nossa alma se transforma em duas, estas novas almas se transformam em outras duas, e assim, em algumas gerações, estamos espalhados por boa parte da Terra.”

– E só uma destas partes tem a consciência de quem é? –

perguntou Brida. Ela guardava muitas perguntas, mas queria fazer uma de cada vez; esta lhe parecia a mais importante.

– Fazemos parte do que os alquimistas chamam de *Anima Mundi*, a *Alma Mundi*, a Alma do Mundo – disse Wicca, sem responder a Brida. – Na verdade, se a Anima Mundi fosse apenas se dividir, ela estaria crescendo, mas também ficando cada vez mais fraca. Por isso, assim como nos dividimos, também nos 33

reencontramos. E este reencontro chama-se Amor. Porque quando uma alma se divide, ela

sempre se divide numa parte masculina e numa parte feminina.

“Assim está explicado no livro do Gênesis: a alma de Adão dividiu-se, e Eva nasceu de dentro dele.”

Wicca parou, de repente, e ficou olhando o baralho espalhado sobre a mesa.

– São muitas cartas – continuou –, mas fazem parte do mesmo baralho. Para entendermos sua mensagem, precisamos de todas, todas são igualmente importantes. Assim também são as almas. Os seres humanos estão todos interligados, como as cartas deste baralho.

“Em cada vida temos uma misteriosa obrigação de reencontrar pelo menos uma dessas Outras Partes. O Amor Maior, que as separou, fica contente com o Amor que as torna a unir.”

– E como posso saber que é a minha Outra Parte? – ela considerava esta pergunta como uma das mais importantes que fizera em toda a sua vida.

Wicca riu. Também já se perguntara a respeito disto, com a mesma ansiedade que aquela menina a sua frente. Era possível conhecer a Outra Parte pelo brilho nos olhos – assim, desde o início dos tempos, as pessoas reconheciam seu verdadeiro amor. A Tradição da Lua tinha um outro processo: um tipo de visão que mostrava um ponto luminoso acima do ombro esquerdo da Outra Parte. Mas ainda não ia contar isto para ela; talvez ela terminasse aprendendo a ver este ponto, talvez não. Em breve teria a resposta.

– Correndo riscos – disse para Brida. – Correndo o risco do fracasso, das decepções, das desilusões, mas nunca deixando de buscar o Amor. Quem não desistir da busca, vencerá.

Brida lembrou que o Mago dissera algo semelhante, ao se referir ao caminho da magia. “Talvez seja uma coisa só”, pensou.

Wicca começou a recolher o baralho da mesa, e Brida pressentiu que seu tempo estava se esgotando. Entretanto, havia ainda outra pergunta a fazer.

– Podemos encontrar mais de uma Outra Parte em cada vida?

“Sim”, pensou Wicca, com certa amargura. E quando isto acontece, o coração fica dividido e o resultado é dor e sofrimento.

Sim, podemos encontrar três ou quatro Outras Partes, porque somos muitos, e estamos muito espalhados. A menina estava fazendo as perguntas certas, e ela precisava escapar destas perguntas.

– A essência da Criação é uma só – disse. – E esta essência chama-se Amor. O Amor é a força que nos reúne de volta, para condensar a experiência espalhada em muitas vidas, em muitos lugares do mundo.

“Somos responsáveis pela Terra inteira, porque não sabemos onde estão as Outras Partes que fomos desde o início dos tempos; se elas estiverem bem, também seremos felizes. Se estiverem mal, sofreremos, ainda que inconscientemente, uma parcela dessa dor. Mas, sobretudo, somos responsáveis por reunir de volta, pelo menos uma vez em cada encarnação, a Outra Parte que com certeza irá cruzar o nosso caminho. Mesmo que seja por instantes, apenas; porque esses instantes trazem um Amor tão intenso que justifica o resto de nossos dias.”

O cachorro latiu na cozinha. Wicca acabou de recolher o baralho da mesa e olhou mais uma vez para Brida.

– Também podemos deixar que nossa Outra Parte siga adiante, sem aceitá-la, ou sequer percebê-la. Então precisaremos de mais uma encarnação para nos encontrar com ela.

“E por causa do nosso egoísmo, seremos condenados ao pior suplício que inventamos para nós mesmos: a solidão.”

Wicca levantou-se e conduziu Brida até a porta.

– Não foi para saber da Outra Parte que você veio até aqui –

disse ela, antes de se despedir. – Você tem um Dom, e depois que eu souber que Dom é este, talvez possa lhe ensinar a Tradição da Lua.

Brida sentiu-se uma pessoa especial. Precisava sentir-se assim –

aquela mulher inspirava um respeito que pouca gente lhe havia inspirado.

– Farei o possível. Quero aprender a Tradição da Lua.

“Porque a Tradição da Lua não precisa de florestas escuras”, pensou.

– Preste atenção, menina – disse Wicca com severidade. –

Todos os dias a partir de hoje, numa mesma hora que você irá escolher, fique sozinha e abra um baralho de *tarot* sobre a mesa. Abra ao acaso, e não procure entender nada. Apenas contemple as cartas.

Elas, no devido tempo, vão lhe ensinar tudo que você necessita saber no momento.

“Parece a Tradição do Sol; eu de novo ensinando a mim mesma”, pensou Brida, enquanto descia as escadas. E só quando estava no ônibus foi que deu conta que a mulher havia falado de um Dom. Mas poderia conversar isto em um próximo encontro.

Durante uma semana, Brida dedicou meia hora por dia para espalhar seu baralho na mesa da sala. Costumava deitar-se às dez da noite e colocar o despertador para uma da madrugada. Levantava-se, fazia um rápido café, e sentava para contemplar as cartas, procurando entender sua linguagem oculta.

A primeira noite foi cheia de excitação. Brida estava convencida de que Wicca havia lhe passado alguma espécie de ritual secreto, e tentou colocar o baralho exatamente como ela o fizera –, certa de que mensagens ocultas terminariam por se revelar. Depois de meia hora, exceto por algumas pequenas visões que ela considerou frutos da sua imaginação, nada de especial aconteceu.

Brida repetiu a mesma coisa na segunda noite. Wicca dissera que o baralho ia lhe contar sua própria história, e – a julgar pelos cursos que ela freqüentara – era uma história muito antiga, de mais de três mil anos de idade, quando os homens ainda estavam próximos da sabedoria original.

“Os desenhos parecem tão simples”, pensava. Uma mulher abrindo a boca de um leão, um carro puxado por dois animais misteriosos, um homem com uma mesa cheia de objetos a sua frente.

Aprendera que aquele baralho era um livro – um livro onde a Sabedoria Divina anotou as principais mudanças do homem em sua viagem pela vida. Mas seu autor, sabendo que a humanidade lembrava com mais facilidade do vício do que da virtude, fez com que o livro sagrado fosse transmitido através das gerações sob a forma de um jogo. O baralho era uma invenção dos deuses.

“Não pode ser tão simples assim”, pensava Brida, cada vez que espalhava as cartas sobre a mesa. Conhecia métodos complicados, sistemas elaborados, e aquelas cartas desordenadas começaram também a desordenar seu raciocínio. Na sexta noite atirou todas as cartas no chão, irritada. Por um momento pensou que aquele seu gesto tivesse qualquer inspiração mágica, mas os resultados foram igualmente nulos; apenas algumas intuições que ela não conseguia definir, e que sempre considerava como fruto de sua imaginação.

Ao mesmo tempo, a idéia da Outra Parte não lhe saía da cabeça um minuto sequer. No começo achou que estava voltando à sua adolescência, aos sonhos do príncipe encantado que cruzava montanhas e vales para buscar a dona de um sapatinho de cristal, ou para beijar uma mulher adormecida. “Os contos de fada sempre falam da Outra Parte”, brincava consigo mesma. Os contos de fada foram seu primeiro mergulho no universo mágico em que ela agora estava

ansiosa por entrar, e mais de uma vez se perguntou por que as pessoas terminavam se afastando tanto deste mundo, mesmo sabendo as imensas alegrias que a infância deixava em suas vidas.

“Talvez porque não estejam contentes com a alegria.” Achou sua frase meio absurda, mas registrou no seu diário como algo criativo.

Depois de uma semana com a idéia da Outra Parte na cabeça, Brida começou a ser possuída por uma sensação aterradora: a possibilidade de escolher o homem errado. Na oitava noite, ao acordar mais uma vez para contemplar sem qualquer resultado as cartas de *tarot*, resolveu convidar seu namorado para jantar no dia seguinte.

Escolheu um restaurante que não era muito caro, pois ele sempre fazia questão de pagar as contas – apesar do salário como assistente de catedrático de Física na Universidade ser bem menor do que o dela como secretária. Ainda era verão, e sentaram-se numa das mesas que o restaurante colocava na calçada, à beira do rio.

– Quero saber quando os espíritos vão me deixar dormir com você de novo – disse Lorens, bem-humorado.

Brida olhou para ele com ternura. Pedira que ele ficasse quinze dias sem ir ao apartamento, e ele havia aceito, fazendo apenas reclamações suficientes para que ela entendesse o quanto a amava.

Também ele, à sua maneira, procurava os mesmos mistérios do Universo; se algum dia lhe pedisse para ficar quinze dias longe, ela teria que aceitar.

Jantaram sem pressa e sem conversar muito, olhando as barcas que cruzavam o rio, e as pessoas que passeavam pela calçada. A garrafa de vinho branco que estava na mesa esvaziou-se e foi logo substituída por outra. Meia hora depois as duas cadeiras estavam juntas, e eles olhavam abraçados para o céu estrelado de verão.

– Repare este céu – disse Lorens, afagando os cabelos dela. –

Estamos olhando um céu de milhares de anos atrás.

Ele dissera aquilo no dia em que se encontraram. Mas Brida não quis interromper – esta era a maneira dele compartilhar o seu mundo com ela.

– Muitas destas estrelas já se apagaram e, no entanto, suas luzes ainda estão percorrendo o Universo. Outras estrelas nasceram longe, e suas luzes ainda não chegaram até nós.

– Então ninguém sabe como é o céu verdadeiro? – Ela também fizera esta pergunta na primeira noite. Mas era bom repetir momentos tão gostosos.

– Não sabemos. Estudamos o que vemos, e nem sempre o que vemos é o que existe.

– Quero lhe perguntar uma coisa. De que matéria somos nós?

De onde vieram esses átomos que formam o nosso corpo?

Lorens respondeu, olhando o céu antigo.

– Foram criados juntos com estas estrelas e este rio que você está vendo. No primeiro segundo do Universo.

– Então, depois deste primeiro momento de Criação, nada mais foi acrescentado?

– Nada mais. Tudo se moveu e se move. Tudo se transformou e continua se transformando. Mas toda a matéria do Universo é a mesma de bilhões de anos atrás. Sem que um átomo sequer tenha sido acrescentado.

Brida ficou olhando o movimento do rio, e o movimento das estrelas. Era fácil perceber o rio correndo sobre a Terra, mas era difícil notar as estrelas se movendo no céu. Entretanto, um e outro se moviam.

– Lorens – disse por fim, depois de um longo período em que os dois ficaram em silêncio vendo um barco passar. – Deixa eu te fazer uma pergunta que pode parecer absurda: é fisicamente possível que os átomos que compõem o meu corpo tenham estado no corpo de alguém que viveu antes de mim?

Lorens olhou para ela espantado.

– O que você está querendo saber?

– Só isto que lhe perguntei. É possível?

– Podem estar nas plantas, nos insetos, podem ter virado moléculas de hélio e estarem a milhões de quilômetros da Terra.

– Mas é possível que os átomos do corpo de alguém que já morreu estejam no meu corpo e no corpo de uma outra pessoa?

Ele ficou quieto por algum tempo.

– Sim, é possível – respondeu finalmente.

Uma música distante começou a tocar. Vinha de uma barcaça que cruzava o rio e, mesmo a distância, Brida podia distinguir a silhueta de um marinheiro emoldurada pela janela acesa. Era uma música que lhe lembrava a sua adolescência, e trazia de volta os bailes 39

na escola, o cheiro do seu quarto, a cor da fita que costumava usar no rabo-de-cavalo. Brida percebeu que Lorens jamais havia pensado no que ela acabara de perguntar, e talvez neste momento estivesse procurando saber se em seu corpo estavam átomos de guerreiros vikings, de explosões vulcânicas, de animais pré-históricos e misteriosamente desaparecidos.

Mas ela pensava em outra coisa. Tudo que queria saber era se o homem que a abraçava com tanto carinho havia sido, um dia, parte dela mesma.

A barca foi chegando perto e sua música começou a encher todo o ambiente em redor. Em outras mesas interrompeu-se também a conversa para descobrir de onde vinha aquele som, porque todos tiveram algum dia uma adolescência, bailes na escola, e sonhos com contos de guerreiros e fadas.

– Eu amo você, Lorens.

E Brida torceu para que aquele rapaz que sabia tanta coisa sobre a luz das estrelas tivesse um pouco do alguém que ela fora um dia.

“Não vou conseguir.”

Brida sentou-se na cama e procurou o maço de cigarros na mesinha-de-cabeceira. Contrariando todos os seus hábitos, resolveu fumar ainda em jejum.

Faltavam dois dias para encontrar-se de novo com Wicca.

Durante aquelas duas semanas tinha certeza que dera o melhor de si.

Colocara todas as suas esperanças no processo que aquela mulher bonita e misteriosa lhe havia ensinado, e lutou durante todo o tempo para não decepcioná-la; mas o baralho recusou-se a revelar o seu segredo.

Nas três noites anteriores, sempre que acabava o exercício, sentia vontade de chorar. Estava desprotegida, sozinha, e com a sensação de que uma grande oportunidade lhe estava escapando entre os dedos. Mais uma vez ela sentia que a vida a tratava de uma maneira diferente das demais pessoas: dava todas as chances para que pudesse conseguir algo, e quando estava próxima de seu objetivo, o chão abria-se e ela era engolida. Tinha sido assim com os seus estudos, com alguns namorados, com certos sonhos que jamais partilhara com outras pessoas. E estava sendo assim com o caminho que queria trilhar.

Pensou no Mago; talvez ele pudesse ajudá-la. Mas havia prometido a si mesma que só voltaria a Folk quando entendesse de magia o suficiente para enfrentá-lo.

E agora parecia que isto jamais iria acontecer.

Ficou um longo tempo na cama, antes de decidir levantar-se e preparar o café da manhã. Finalmente tomou coragem, e resolveu enfrentar mais um dia, mais uma “Noite Escura Cotidiana”, como costumava chamar desde que tivera sua experiência na floresta.

Preparou o café, olhou o relógio, e viu que ainda tinha tempo suficiente.

Foi até a estante e procurou, entre os livros, o papel que o livreiro lhe dera. Existiam outros caminhos, consolava a si mesma. Se conseguira ir até o Mago, se conseguira chegar até Wicca, terminaria chegando até a pessoa que podia lhe ensinar de uma maneira que pudesse entender.

Mas sabia que isto era apenas uma desculpa.

“Vivo desistindo de tudo que começo”, pensou, com certa amargura. Talvez, em breve, a vida começasse a perceber isto, e parasse de lhe dar as mesmas oportunidades que sempre lhe dera. Ou 41

talvez, desistindo sempre no começo, esgotasse todos os caminhos sem dar um passo sequer.

Mas ela era assim, e sentia-se cada vez mais fraca, cada vez mais incapaz de mudar. Alguns anos atrás lamentava suas atitudes, ainda era capaz de alguns gestos de heroísmo; agora estava se acomodando aos seus próprios erros. Conhecia outras pessoas assim –

acostumavam-se com seus erros, e em pouco tempo confundiam seus erros com virtudes. Então era muito tarde para mudar de vida.

Pensou em não ligar para Wicca, em simplesmente sumir. Mas existia a livraria, e ela não teria coragem de aparecer lá de novo. Se sumisse, simplesmente, o livreiro a trataria mal da próxima vez.

“Muitas vezes, por causa de um gesto impensado meu com uma pessoa, terminei me afastando de outras que me eram queridas.”

Agora não podia ser assim. Estava num caminho onde os contatos importantes eram muito difíceis.

Tomou coragem e discou o número que estava no papel. Wicca atendeu do outro lado.

– Não poderei ir aí amanhã – disse Brida.

– Nem você, nem o encanador – respondeu Wicca. Brida ficou alguns instantes sem entender o que a mulher estava dizendo.

Mas Wicca começou a reclamar que estava com um defeito na pia da cozinha, que já havia chamado várias vezes um homem para consertar, e que o homem nunca aparecia. Começou a contar uma longa história sobre os prédios antigos, cheios de imponência, mas com problemas insolúveis.

– Você está com seu *tarot* aí perto? – perguntou Wicca, no meio da história do encanador.

Brida, surpresa, disse que sim. Wicca pediu que ela espalhasse as cartas sobre a mesa, pois ia lhe ensinar um método de jogo para descobrir se o encanador iria ou não iria aparecer na manhã seguinte.

Brida, mais surpresa ainda, fez o que ela mandava. Espalhou as cartas e ficou olhando, ausente, para a mesa, enquanto esperava instruções do outro lado da linha. A coragem de dizer o motivo do telefonema ia se esvaindo pouco a pouco.

Wicca não parava de falar, e Brida resolveu escutá-la com paciência. Talvez conseguisse ficar sua amiga. Talvez, então, ela fosse mais tolerante, e lhe ensinasse métodos mais fáceis de encontrar a Tradição da Lua.

Wicca, entretanto, emendava um assunto no outro, e depois de fazer todas as reclamações sobre os encanadores, começou a contar a discussão que tivera, ainda cedo, com a síndica sobre o salário do porteiro do prédio. Depois emendou o assunto com uma reportagem sobre as pensões que estavam pagando aos aposentados.

Brida acompanhava tudo aquilo com murmúrios afirmativos.

Concordava com tudo que a outra dizia, mas já não estava conseguindo prestar atenção a nada. Um tédio mortal tomou conta dela; a conversa daquela mulher quase estranha, sobre encanadores, porteiros e aposentados, àquela hora da manhã, era uma das coisas mais aborrecidas que escutara em toda sua vida. Ficou tentando distrair-se com as cartas em cima da mesa, olhando pequenos detalhes que haviam passado despercebidos das outras vezes.

De vez em quando Wicca perguntava se ela estava escutando, e ela resmungava que sim. Mas sua mente estava longe, viajando, passeando por lugares em que jamais estivera. Cada detalhe das cartas parecia empurrá-la mais fundo na viagem.

De repente, como quem penetra em um sonho, Brida percebeu que já não conseguia escutar o que a outra falava. Uma voz, uma voz que parecia vir de dentro dela – mas que ela sabia que vinha de fora –

começou a lhe sussurrar alguma coisa. "Você está entendendo?" Brida dizia que sim. "É, você está entendendo assim", disse a misteriosa voz.

Isto, entretanto, não tinha a menor importância. O *tarot* à sua frente começou a mostrar cenas fantásticas; homens vestidos apenas com tangas, corpos bronzeados ao sol e cobertos de óleo. Alguns usavam máscaras que pareciam gigantescas cabeças de peixe. Nuvens passavam correndo pelo céu, como se tudo estivesse num movimento muito mais rápido que o normal, e a cena mudava de repente para uma praça, com edifícios monumentais, onde alguns velhos contavam segredos para alguns rapazes. Havia desespero e pressa no olhar dos velhos, como se um conhecimento muito antigo estivesse a ponto de se perder definitivamente.

"Some o sete e o oito e você terá o meu número. Sou o demônio, e assinei o livro", disse um rapaz vestido com roupas medievais, depois que a cena mudou para uma espécie de festa.

Algumas mulheres e homens sorriam, e estavam embriagados. As cenas mudaram para templos encravados em rochedos na beira do mar, e o céu começou a se cobrir de nuvens negras, de onde saíam raios muito brilhantes.

43

Apareceu uma porta. Era uma porta pesada, como a porta de um velho castelo. A porta se aproximava de Brida, e ela pressentiu que em pouco tempo ia conseguir abri-la.

“Volte daí”, disse a voz.

– Volte, volte – disse a voz ao telefone. Era Wicca. Brida ficou irritada porque ela estava interrompendo uma experiência tão fantástica, para voltar a falar de porteiros e encanadores.

– Um momento – respondeu. Lutava para retornar àquela porta, mas tudo havia desaparecido da sua frente.

– Sei o que se passou – disse Wicca. Brida estava em estado de choque, completamente surpresa. Não conseguia entender nada do que estava se passando.

“Sei o que houve”, repetiu Wicca, diante do silêncio de Brida.

“Não vou mais falar do encanador; ele esteve aqui na semana passada, e já consertou tudo.”

Antes de desligar, disse que a estava esperando na hora combinada.

Brida colocou o telefone no gancho, sem se despedir. Ficou ainda muito tempo olhando fixo a parede de sua cozinha, antes de cair num choro convulsivo e relaxante.

– Foi um truque – disse Wicca para uma assustada Brida, quando as duas acomodaram-se nas poltronas italianas.

“Sei como deve estar se sentindo”, continuou Wicca. “Às vezes entramos num caminho apenas porque não acreditamos nele. Então, é fácil: tudo o que temos de fazer é provar que ele não é o nosso caminho.”

“Entretanto, quando as coisas começam a acontecer e o caminho se revela para nós, temos medo de seguir adiante.”

Wicca disse que não entendia por que muitos preferem passar a vida inteira destruindo os caminhos que não desejam percorrer, ao invés de andar pelo único que as conduziria a algum lugar.

– Não posso acreditar que foi um truque – disse Brida. Já não tinha mais aquele ar de arrogância e desafio. Seu respeito por aquela mulher aumentara consideravelmente.

– A visão não foi um truque. O truque a que me refiro foi do telefone.

“Durante milhões de anos, o homem sempre falou com aquilo que conseguia ver. De repente, em apenas um século ‘ver’ e o ‘falar’

foram separados. Nós achamos que estamos acostumados com isto, e não percebemos o imenso impacto que isto causou em nossos reflexos. Nosso corpo simplesmente ainda não está acostumado.”

“O resultado prático é que, quando falamos ao telefone, conseguimos entrar num estágio muito semelhante a certos transes mágicos. Nossa mente entra em outra freqüência, fica mais receptiva ao mundo invisível. Conheço feiticeiras que têm sempre papel e lápis junto ao telefone; ficam rabiscando coisas aparentemente sem sentido, enquanto falam com alguém. Quando desligam, as coisas que rabiscam são geralmente símbolos da Tradição da Lua.”

– E por que o *tarot* se revelou para mim?

– Este é o grande problema de quem deseja estudar magia –

respondeu Wicca. – Quando começamos o caminho, sempre temos uma idéia mais ou menos definida do que pretendemos encontrar. As mulheres geralmente buscam a Outra Parte, os homens procuram o Poder. Tanto uns como outros não querem aprender: querem chegar até aquilo que estabeleceram como meta.

“Mas o caminho da magia – como, em geral, o caminho da vida

– é e sempre será o caminho do Mistério. Aprender uma coisa significa entrar em contato com

um mundo do qual não se tem a menor idéia. É preciso ser humilde para aprender.”

45

– É mergulhar na Noite Escura – disse Brida.

– Não me interrompa. – A voz de Wicca mostrava uma contida irritação. Brida percebeu que não era pelo seu comentário – afinal de contas, ela estava certa. “Talvez esteja irritada com o Mago”, pensou.

Quem sabe foi apaixonada por ele algum dia. Os dois eram mais ou menos da mesma idade.

– Desculpe – disse ela.

– Não tem importância. – Wicca também parecia surpresa com a sua reação.

– Você estava me falando do *tarot*.

– Quando você colocava as cartas sobre a mesa, sempre tinha uma idéia do que iria acontecer. Nunca deixou que as cartas contassem a história delas; estava tentando fazer com que elas confirmassem aquilo que você imaginava saber.

“Quando começamos a falar no telefone, eu percebi isto.

Percebi também que ali estava um sinal, e que o telefone era o meu aliado. Comecei uma conversa aborrecida, e pedi que você olhasse as cartas. Você entrou no transe que o telefone provoca, e as cartas a conduziram para o seu mundo mágico.”

Wicca pediu para que ela sempre reparasse nos olhos das pessoas que estavam falando ao telefone. Eram olhos muito interessantes.

46

– Quero fazer outra pergunta – disse Brida, enquanto as duas tomavam chá. A cozinha de Wicca era surpreendentemente moderna e funcional.

“Quero saber por que não deixou que eu abandonasse o caminho.”

“Porque quero entender o que o Mago viu além do seu Dom”, pensou Wicca.

– Porque você tem um Dom – respondeu.

– Como sabe que eu tenho um Dom?

– É simples. Pelas orelhas.

“Pelas orelhas. Que decepção”, Brida falou para si mesma. “Eu pensava que ela estava vendo a minha aura.”

– Todo mundo tem um Dom. Mas alguns nascem com este Dom mais desenvolvido, enquanto outros – como eu, por exemplo – têm que lutar muito para desenvolver o Dom.

“As pessoas com o Dom de nascença têm os lóbulos das orelhas pequenos e colados na cabeça.”

Instintivamente Brida tocou nas suas orelhas. Era verdade.

– Você tem um carro?

Brida respondeu que não.

– Então prepare-se para gastar um bom dinheiro de táxi – disse Wicca, levantando-se. – Está na hora de dar o próximo passo.

“Tudo está indo muito rápido”, pensou Brida, enquanto se levantava. A vida estava parecendo as nuvens que vira no seu transe.

47

No meio da tarde chegaram perto de umas montanhas que ficavam a uns 30 quilômetros ao sul de Dublin. “Podíamos ter feito o mesmo percurso de ônibus”, reclamou Brida mentalmente, enquanto pagava o táxi. Wicca trouxera consigo uma sacola com algumas roupas.

– Se quiserem eu espero – disse o motorista. – Vai ser meio difícil encontrar outro táxi aqui. Estamos no meio da estrada.

– Não se preocupe – respondeu Wicca, para alívio de Brida. –

Sempre conseguimos o que queremos.

O motorista olhou as duas com um ar esquisito e arrancou com o carro. Estavam diante de um bosque de eucaliptos, que chegava até a base da montanha mais próxima.

– Peça licença para entrar – disse Wicca. – Os espíritos da floresta gostam de gentilezas.

Brida pediu licença. O bosque, que antes era apenas um bosque comum, pareceu ganhar vida.

– Mantenha-se sempre na ponte entre o visível e o invisível –

falou Wicca, enquanto andavam pelo meio dos eucaliptos. – Tudo no Universo tem vida, procure estar sempre em contato com esta Vida.

Ela entende sua linguagem. E o mundo começa a ganhar uma importância diferente para você.

Brida estava surpresa com a agilidade da mulher. Os pés dela pareciam levitar no chão, sem quase fazer barulho.

Chegaram a uma clareira, perto de uma enorme pedra. Enquanto procurava saber como aquela pedra havia aparecido ali, Brida notou restos de uma fogueira bem no centro do espaço aberto.

O lugar era lindo. Ainda faltava muito para o entardecer, e o sol mostrava o colorido típico das tardes de verão. Pássaros cantavam, uma brisa leve passeava pelas folhas das árvores. Estavam em uma elevação, e ela podia ver o horizonte lá embaixo.

Wicca tirou de dentro da sacola uma espécie de túnica árabe, que vestiu por cima de sua roupa. Depois levou a sacola para perto das árvores, de modo que não pudesse ser vista da clareira.

– Sente-se – disse ela.

Wicca estava diferente. Brida não sabia explicar se era a roupa, ou o profundo respeito que o lugar inspirava.

– Antes de qualquer coisa, preciso explicar o que vou fazer.

Vou descobrir como o Dom se manifesta em você. Só poderei lhe ensinar algo se souber alguma coisa a respeito do seu Dom.

Wicca pediu que Brida procurasse relaxar, que se entregasse à beleza do local, da mesma maneira como havia se deixado dominar pelo *tarot*.

– Em algum momento de suas vidas passadas, você já esteve no caminho da magia. Sei disso pelas visões do *tarot* que você me descreveu.

Brida fechou os olhos, mas Wicca pediu que ela tornasse a abri-los.

– Os lugares mágicos são sempre lindos, e merecem ser contemplados. São cachoeiras, montanhas, florestas, onde os espíritos da Terra costumam brincar, sorrir, e conversar com os homens. Você está num lugar sagrado, e ele está lhe mostrando os passarinhos e o vento. Agradeça a Deus por isto; pelos passarinhos, pelo vento, e pelos espíritos que povoam este lugar. Mantenha sempre a ponte entre o visível e o invisível.

A voz de Wicca fazia com que ela relaxasse cada dez mais.

Havia um respeito quase religioso pelo momento.

– Outro dia lhe falei de um dos maiores segredos da magia: a Outra Parte. Toda a vida do homem sobre a face da Terra se resume a isto – buscar a sua Outra Parte. Não importa se ele finge correr atrás da sabedoria, do dinheiro, ou do poder. Qualquer coisa que ele consiga vai estar incompleta se, ao mesmo tempo, ele não conseguir encontrar sua Outra Parte.

“Com exceção de algumas poucas criaturas que descendem dos anjos – e que precisam da solidão para o seu encontro com Deus – o resto da humanidade só conseguirá a União com Deus se, em algum momento, em algum instante de sua vida, conseguiu comungar com a sua Outra Parte.”

Brida notou uma estranha energia no ar. Por alguns momentos seus olhos se encheram de água, sem que pudesse explicar o porquê.

– Na Noite dos Tempos, quando fomos separados, uma das partes ficou encarregada de manter o conhecimento: o homem. Ele passou a compreender a agricultura, a natureza, e os movimentos dos astros no céu. O conhecimento sempre foi o poder que manteve o Universo no seu lugar, e as estrelas girando em suas órbitas. Esta foi a glória do homem: manter o conhecimento. E isto fez com que a raça inteira sobrevivesse.

“A nós, as mulheres, foi entregue algo muito mais sutil, muito mais frágil, mas sem o qual todo o conhecimento não faz qualquer

sentido: a transformação. Os homens deixavam o solo fértil, nós semeávamos, e este solo se transformava em árvores e plantas.

“O solo precisa da semente, e a semente precisa do solo. Um só tem sentido com o outro. O mesmo se passa com os seres humanos.

Quando o conhecimento masculino se une com a transformação feminina, está criada a grande união mágica, que se chama Sabedoria.

“Sabedoria é conhecer e transformar.”

Brida começou a sentir um vento mais forte, e percebeu que a voz de Wicca estava fazendo com que ela entrasse de novo em transe.

Os espíritos da floresta pareciam vivos e atentos.

– Deite-se – disse Wicca.

Brida reclinou-se para trás, e estendeu as pernas. Em cima dela brilhava um profundo céu azul, sem nuvens.

– Vá em busca do seu Dom. Não posso ir com você hoje, mas vá sem medo. Quanto mais você entender de si mesma, mais entenderá do mundo.

E mais próxima estará da sua Outra Parte.

50

Wicca abaixou-se e olhou a menina a sua frente. "Igual a quem fui um dia", pensou com carinho. "Em busca de um sentido para tudo, e capaz de olhar o mundo como as mulheres antigas, que eram fortes e confiantes, e não se incomodavam de reinar em suas comunidades."

Naquela época, entretanto, Deus era mulher. Wicca debruçou-se sobre o corpo de Brida e desafivelou o seu cinto. Depois abaixou um pouco o zíper da calça jeans. Os músculos de Brida ficaram tensos.

– Não se preocupe – disse Wicca, com carinho.

Levantou um pouco a camiseta da menina, de modo que seu umbigo ficasse exposto. Então, tirou do bolso de seu manto um cristal de quartzo, e o colocou sobre o umbigo.

– Quero que você feche os olhos agora – disse com suavidade. –

Quero que você imagine a mesma cor do céu, só que de olhos fechados.

Retirou do manto uma pequena ametista, e colocou entre os olhos fechados de Brida.

– Vá seguindo exatamente aquilo que eu lhe disser a partir de agora. Não se preocupe com mais nada.

"Você está no meio do Universo. Pode ver as estrelas a sua volta, e alguns planetas mais brilhantes. Sinta esta paisagem como algo que a envolve completamente, e não como uma tela. Sinta prazer ao contemplar este Universo; nada mais pode preocupá-la. Você está concentrada apenas no seu prazer. Sem culpa."

Brida viu o Universo estrelado e percebeu que era capaz de entrar Nele, ao mesmo tempo em que escutava a voz de Wicca. Esta pediu que ela visse, no meio do Universo, uma gigantesca catedral.

Brida viu uma catedral gótica, com pedras escuras, e que parecia fazer parte do Universo a sua volta – por mais absurdo que aquilo pudesse parecer.

"Caminhe até a catedral. Suba as escadas. Entre."

Brida fez o que Wicca mandava. Subiu as escadas da catedral, sentindo os pés descalços pisando na laje fria. Em determinado momento teve a impressão de estar acompanhada, e a voz de Wicca parecia sair de uma pessoa atrás dela. "Estou imaginando coisas", pensou Brida, e de repente lembrou-se de que era preciso acreditar na ponte entre o visível e o invisível. Não podia ter medo de se decepcionar, nem de fracassar.

Brida estava agora diante da porta da catedral. Era uma porta gigantesca, trabalhada em metal, com desenhos das vidas de santos.

Completamente distinta daquela que vira na sua viagem pelo *tarot*.

51

“Abra a porta. Entre.”

Brida sentiu o metal frio em suas mãos. A porta abriu sem qualquer esforço, apesar do tamanho. Entrou numa imensa igreja.

– Repare em tudo que você está vendo – disse Wicca. Ela notou que, apesar de estar escuro lá fora, muita luz entrava pelos imensos vitrais da catedral. Podia distinguir os bancos, os altares laterais, as colunas adornadas, e algumas velas acesas. Tudo, entretanto, parecia um pouco abandonado; os bancos estavam cobertos de poeira.

“Caminhe para o seu lado esquerdo. Em algum lugar você vai encontrar outra porta. Só que, desta vez, muito pequena.”

Brida caminhou pela catedral. Os seus pés descalços pisavam na poeira do chão, provocando uma sensação desagradável. Em algum lugar, uma voz amiga a guiava. Sabia que era Wicca, mas sabia também que não tinha mais controle sobre a sua imaginação. Estava consciente e, no entanto, não conseguia desobedecer ao que ela estava lhe pedindo.

Encontrou a porta.

“Entre. Existe uma escada de caracol, que desce.”

Brida teve que abaixar-se para entrar. A escada de caracol tinha archotes presos na parede, iluminando os degraus. O chão estava limpo; alguém estivera ali antes, para acender os archotes.

“Você está indo ao encontro de suas vidas passadas. No porão desta catedral existe uma biblioteca. Vamos até lá. Eu estou esperando no final da escada de caracol.”

Brida desceu por um tempo que não soube determinar. A descida a deixou um pouco tonta. Assim que chegou lá embaixo, encontrou Wicca, com seu manto. Agora ficava mais fácil, estava mais protegida. Ela estava dentro do seu transe.

Wicca abriu uma outra porta, que estava no final da escada.

“Agora vou deixar você sozinha aqui. Ficarei do lado de fora, esperando. Escolha um livro, e ele lhe mostrará o que precisa saber.”

Brida nem percebeu que Wicca ficava para trás; contemplava os volumes empoeirados. “Tenho que vir mais aqui, deixar isto limpo.”

O passado estava sujo e abandonado, e ela sentia muita pena de não haver lido todos aqueles livros antes. Talvez conseguisse trazer de volta para a sua vida algumas lições importantes que já havia esquecido.

Olhou os volumes na estante. “Como já vivi”, pensou. Devia ser muito antiga; precisava ser mais sábia. Gostaria de ler tudo de novo, 52

mas não tinha muito tempo, e precisava confiar na sua intuição. Podia voltar quando quisesse, agora que havia aprendido o caminho.

Ficou algum tempo sem saber que decisão tomar. De repente, sem pensar muito, escolheu um volume e puxou. Não era um volume muito grosso, e Brida sentou-se no chão da sala.

Colocou o livro no colo, mas tinha medo. Tinha medo de abrir, e não acontecer nada. Tinha medo de não conseguir ler o que estava escrito.

“Preciso correr riscos. Preciso não ter medo da derrota”, pensou, ao mesmo tempo em que abria o volume. De repente, ao olhar as páginas, sentiu-se mal. Estava de novo tonta.

“Vou desmaiar”, conseguiu refletir, antes que tudo escurecesse por completo.

53

Acordou com a água pingando em seu rosto. Tivera um sonho muito estranho, e não sabia o que aquilo significava; eram catedrais soltas no ar, e bibliotecas cheias de livros. Ela nunca entrara numa biblioteca.

– Loni, você está bem?

Não, ela não estava. Não conseguia sentir mais o pé direito, e sabia que aquilo era um mau sinal. Tampouco estava com vontade de conversar, porque não queria esquecer o sonho.

– Loni, acorde.

Deve ter sido a febre, fazendo com que delirasse. Os delírios pareciam muito vivos. Queria que parassem de chamá-la, porque o sonho estava desaparecendo, sem que ela conseguisse entendê-lo.

O céu estava nublado, e as nuvens baixas quase tocavam a torre mais alta do castelo. Ficou olhando as nuvens. Ainda bem que não conseguia ver as estrelas; os sacerdotes diziam que nem mesmo as estrelas eram completamente boas.

A chuva parou pouco depois que ela abriu os olhos. Loni estava contente com a chuva – isto significava que a cisterna do castelo devia estar cheia de água. Baixou lentamente os olhos das nuvens e viu de novo a torre, as fogueiras no pátio, e a multidão que andava de um lado para outro, desorientada.

– Talbo – disse ela, baixinho.

Ele a abraçou. Ela sentiu o frio de sua armadura, e o cheiro de fuligem nos seus cabelos.

– Quanto tempo se passou? Em que dia estamos?

– Você ficou três dias desacordada – disse Talbo.

Ela olhou para Talbo e teve pena dele; estava mais magro, o rosto sujo, a pele sem vida. Mas nada disto tinha importância – ela o amava.

– Tenho sede, Talbo.

– Não há água. Os franceses descobriram o caminho secreto.

Escutou de novo as Vozes dentro de sua cabeça. Durante muito tempo tinha odiado aquelas Vozes. Seu marido era um guerreiro, um mercenário que lutava a maior parte do ano, e ela tinha medo que as Vozes lhe contassem que ele havia morrido numa batalha. Tinha descoberto uma maneira de evitar que as Vozes falassem com ela –

bastava concentrar seu pensamento numa árvore antiga que havia perto de sua aldeia. As Vozes sempre paravam de falar quando ela fazia aquilo.

Mas agora estava fraca demais, e as Vozes tinham voltado.

“Você vai morrer”, disseram as Vozes. “Mas ele será salvo.”

– Choveu, Talbo – insistiu ela. – Preciso de água.

– Foram apenas algumas gotas. Não deu para nada.

Loni olhou de novo as nuvens. Estavam ali a semana toda, e tudo o que tinham feito era afastar o sol, deixar o inverno mais frio e o castelo mais sombrio. Talvez os católicos franceses tivessem razão.

Talvez Deus estivesse do lado deles.

Alguns mercenários se aproximaram do lugar onde os dois estavam. Por toda a parte havia fogueiras, e Loni teve a sensação de que estava no inferno.

– Os sacerdotes estão reunindo todo mundo, comandante – disse um deles para Talbo.

– Fomos contratados para lutar, e não para morrer – falou outro.

– Os franceses ofereceram a rendição – respondeu Talbo. –

Disseram que aqueles que se converterem de novo à fé católica podem partir sem problemas.

“Os Perfeitos não vão aceitar”, as Vozes sussurraram para Loni.

Ela sabia disto. Conhecia bem os Perfeitos. Era por causa deles que Loni estava ali, e não em casa – onde costumava esperar que Talbo voltasse das batalhas. Os Perfeitos estavam sitiados naquele castelo há quatro meses, e as mulheres da aldeia conheciam o caminho secreto.

Durante todo este tempo trouxeram comida, roupas, munições; durante todo este tempo puderam se encontrar com seus maridos, e por causa delas fora possível continuar a luta. Mas o caminho secreto havia sido descoberto, e agora ela não podia voltar. Nem as outras mulheres.

Tentou sentar-se. Seu pé não doía mais. As Vozes lhe diziam que aquilo era um mau sinal.

– Não temos nada a ver com o Deus deles. Não vamos morrer por causa disto, comandante – disse outro.

Um gongo começou a soar no castelo. Talbo levantou-se.

– Me leva com você, por favor – ela implorou. Talbo olhou os seus companheiros, e olhou para a mulher que tremia a sua frente.

Houve um momento em que não sabia que decisão tomar; seus homens estavam acostumados à guerra – e sabiam que os guerreiros apaixonados costumam esconder-se durante uma batalha.

– Vou morrer, Talbo. Me leva com você, por favor.

Um dos mercenários olhou para o comandante.

– Não é bom deixá-la aqui sozinha – disse o mercenário. – Os franceses podem fazer novos disparos.

55

Talbo fingiu aceitar o argumento. Sabia que os franceses não iam fazer novos disparos; estavam numa trégua, negociando a rendição de Monsegur. Mas o mercenário entendia o que se passava no coração de Talbo – ele também devia ser um homem apaixonado.

"Ele sabe que você vai morrer", as Vozes disseram para Loni, enquanto Talbo a pegava gentilmente no colo. Loni não queria escutar o que as Vozes estavam dizendo; estava se lembrando de um dia em que caminhavam assim, através de um campo de trigo, numa tarde de verão. Naquela tarde também ficara com sede, e tinham bebido água num regato que descia da montanha.

Uma multidão se reuniu junto da grande rocha que se confundia com a muralha ocidental da fortaleza de Monsegur. Eram homens, soldados, mulheres e meninos. Havia um silêncio opressivo no ar, e Loni sabia que não era em respeito aos sacerdotes – mas medo do que poderia acontecer.

Os sacerdotes entraram. Eram muitos, os mantos negros com as imensas cruzes amarelas bordadas na frente. Sentaram-se na rocha, nas escadas externas, no chão em frente à torre. O último a entrar tinha os cabelos completamente brancos, e subiu até a parte mais alta da muralha. Seu vulto estava iluminado pelas chamas das fogueiras, o vento sacudindo o manto negro.

Quando ele parou, no alto, quase todas as pessoas se ajoelharam e, com as mãos postas, bateram três vezes com a cabeça no chão.

Talbo e seus mercenários ficaram de pé; tinham sido contratados apenas para a luta.

– A rendição nos foi oferecida – disse o sacerdote, do alto da muralha. – Todos estão livres para partir.

Um suspiro de alívio correu por toda a multidão.

– As almas do Deus Estrangeiro permanecerão no reino deste mundo. As do Deus verdadeiro voltarão para a sua infinita misericórdia. A guerra continuará, mas não é uma guerra eterna.

Porque o Deus Estrangeiro será vencido no final, mesmo tendo corrompido uma parte dos anjos. O Deus Estrangeiro será vencido, e não será destruído; permanecerá no inferno por toda a eternidade, junto com as almas que conseguiu seduzir.

As pessoas olhavam para o homem no alto da muralha. Já não estavam tão certas se desejavam escapar agora e sofrer por toda a eternidade.

– A Igreja Cátara é a verdadeira Igreja – continuou o sacerdote.

– Graças a Jesus Cristo e ao Espírito Santo, conseguimos chegar à comunhão com Deus. Não precisamos reencarnar outras vezes. Não precisamos voltar de novo ao reino do Deus Estrangeiro.

Loni reparou que três sacerdotes saíram do grupo e abriram algumas Bíblias na frente da multidão.

– O *consolamentum* será distribuído agora aos que quiserem morrer conosco. Lá embaixo, uma fogueira nos espera. Será uma morte horrível, com muito sofrimento. Será uma morte lenta, e a dor das chamas queimando nossa carne não se compara com nenhuma dor que vocês

tenham experimentado antes.

57

"Entretanto, nem todos terão esta honra; só os verdadeiros cátaros. Os outros estão condenados à vida."

Duas mulheres se aproximaram timidamente dos sacerdotes que tinham as Bíblias abertas. Um adolescente conseguiu libertar-se dos braços de sua mãe e também se apresentou.

Quatro mercenários aproximaram-se de Talbo.

– Queremos receber o sacramento, comandante. Queremos ser batizados.

"É assim que a Tradição é mantida", disseram as Vozes.

"Quando as pessoas são capazes de morrer por uma idéia."

Loni ficou aguardando a decisão de Talbo. Os mercenários tinham lutado a vida inteira por dinheiro, até descobrirem que certas pessoas eram capazes de lutar apenas por aquilo que julgavam certo.

Talbo finalmente assentiu. Mas estava perdendo alguns de seus melhores homens.

– Vamos sair daqui – disse Loni. – Vamos para as muralhas.

Eles já disseram que quem quiser pode ir embora.

– É melhor a gente descansar, Loni.

"Você vai morrer", sussurraram as Vozes de novo.

– Quero olhar os Pirineus. Quero olhar o vale mais uma vez, Talbo. Você sabe que eu vou morrer.

Sim, ele sabia. Era um homem acostumado com o campo de batalha, conhecia os ferimentos que acabavam com seus soldados. A ferida de Loni estava aberta há três dias, envenenando seu sangue.

As pessoas cujas feridas não cicatrizavam podem durar dois dias ou duas semanas. Nunca mais que isto.

E Loni estava perto da morte. Sua febre havia passado. Talbo também sabia que isto era um mau sinal. Enquanto o pé doía e a febre queimava, o organismo ainda estava lutando. Agora já não havia mais luta – apenas a espera.

"Você não tem medo", disseram as Vozes. Não, Loni não tinha medo. Desde criança sabia que a morte era apenas outro começo.

Naquela época, as Vozes eram suas grandes companheiras. E tinham rostos, corpos, gestos que só ela podia enxergar. Eram pessoas que vinham de mundos diferentes, conversavam, e nunca a deixavam sozinha. Teve uma infância muito divertida – brincava com as outras crianças, utilizando seus amigos invisíveis, mudava coisas de lugar, fazia certos tipos de barulho, pequenos sustos. Nesta época sua mãe agradecia por viverem num país cátaro – “se os católicos estivessem 58

por aqui, você seria queimada viva”, costumava dizer ela. Os cátaros não davam importância àquilo – achavam que os bons eram bons, os maus eram maus, e nenhuma força do Universo era capaz de mudar isto.

Mas os franceses chegaram, dizendo que não existia um país cátaro. E desde a idade de oito anos, tudo que havia conhecido era a guerra.

A guerra lhe trouxera algo de muito bom: seu marido, contratado numa terra distante pelos sacerdotes cátaros, que jamais pegavam numa arma. Mas também lhe trouxera algo de mau: o medo de ser queimada viva, porque os católicos estavam cada vez mais próximos de sua aldeia. Começou a ter medo dos seus amigos invisíveis, e eles foram desaparecendo de sua vida. Mas ficaram as Vozes. Elas continuavam dizendo o que ia acontecer, e como devia agir. Mas não queria a amizade delas, porque sempre sabiam demais; uma Voz então lhe ensinou o truque da árvore sagrada. E desde que a última cruzada contra os cátaros havia começado, e que os católicos franceses venciam uma batalha atrás da outra, ela não ouvia mais as Vozes.

Hoje, entretanto, não tinha mais forças para pensar na árvore.

As Vozes estavam de novo ali, e ela não se incomodava com isto. Ao contrário, precisava delas; elas iriam lhe ensinar o caminho, depois que morresse.

– Não se preocupe comigo, Talbo. Não tenho medo de morrer –

disse ela.

Chegaram ao alto da muralha. Um vento frio soprava sem parar, e Talbo procurou abrigar-se em sua capa. Loni não sentia mais frio.

Olhou para as luzes de uma cidade no horizonte, e para as luzes do acampamento aos pés da montanha. Havia fogueiras em quase toda a extensão do vale. Os soldados franceses aguardavam a decisão final.

Escutaram o som de uma flauta vinda lá de baixo. Algumas vozes cantavam.

– São soldados – disse Talbo. – Sabem que podem morrer a qualquer instante, e por isso a vida é sempre uma grande festa.

Loni sentiu uma imensa raiva da vida. As Vozes estavam lhe contando que Talbo ia encontrar outras mulheres, ter filhos, e ficar rico com saques de cidades. "Mas jamais tornará a amar alguém como você, porque você é parte dele para sempre", disseram as Vozes.

Ficaram algum tempo olhando a paisagem lá embaixo, abraçados, escutando o canto dos guerreiros. Loni sentiu que aquela montanha fora palco de outras guerras no passado, um passado tão remoto que nem mesmo as Vozes conseguiam se lembrar.

– Somos eternos, Talbo. As Vozes me contaram isto, no tempo em que eu podia ver seus corpos e seus rostos.

Talbo conhecia o Dom de sua mulher. Mas fazia muito tempo que ela não tocava no assunto. Talvez fosse o delírio.

– Mesmo assim, nenhuma vida é igual à outra. E pode ser que não nos encontremos nunca mais. Preciso que você saiba que te amei a minha vida inteira. Te amei antes de te conhecer. Você é parte de mim.

"Vou morrer. E como amanhã é um dia tão bom para morrer quanto qualquer outro, gostaria de morrer junto com os sacerdotes. Eu nunca entendi o que eles pensavam do mundo, mas eles sempre me entenderam. Quero acompanhá-los até a outra vida. Talvez eu possa ser uma boa guia, porque já estive antes nestes outros mundos."

Loni pensou na ironia do destino. Tivera medo das Vozes porque elas podiam levá-la ao caminho da fogueira. E, entretanto, a fogueira estava no seu caminho, de qualquer jeito.

Talbo olhava a sua mulher. Os olhos dela estavam perdendo o brilho, mas ela ainda conservava o mesmo encanto de quando a havia conhecido. Nunca lhe dissera certas coisas – não havia lhe contado sobre mulheres que recebeu como prêmio de batalhas, mulheres que encontrou enquanto viajava pelo mundo, mulheres que estavam esperando ele voltar um dia. Não lhe contara isto porque tinha certeza 60

de que ela sabia de tudo e lhe perdoava porque ele era o seu grande Amor, e o grande amor está acima das coisas deste mundo.

Mas havia outras coisas que ele não havia contado, e que possivelmente ela jamais iria descobrir; que tinha sido ela, com o seu carinho e a sua alegria, a grande responsável por ele ter encontrado de novo o sentido da vida. Que foi o amor daquela mulher que o empurrara até os mais distantes confins da terra, porque precisava ser rico bastante para comprar um campo e viver em paz, com ela, pelo resto dos seus dias. Foi a imensa confiança naquela criatura frágil, cuja alma estava se apagando, que o obrigara a lutar com honra, porque sabia que depois da batalha podia esquecer os horrores da guerra no seu colo. O único colo que era realmente seu, apesar de todas as mulheres do mundo. O único colo onde conseguia fechar os olhos e dormir como um menino.

– Vá chamar um sacerdote, Talbo – disse ela. – Quero receber o batismo.

Talbo vacilou um momento; só os guerreiros escolhiam a maneira de morrer. Mas a mulher a sua frente dera sua vida por amor

– talvez, para ela, o amor fosse uma forma desconhecida de guerra.

Levantou-se e desceu as escadas da muralha. Loni tentou concentrar-se na música que vinha lá de baixo, que fazia a morte mais fácil. Entretanto, as Vozes não paravam de falar.

"Toda mulher, em sua vida, pode usar os Quatro Anéis da Revelação. Você usou um anel só, e era o anel errado", disseram as Vozes.

Loni olhou os seus dedos. Estavam feridos, as unhas sujas. Não havia qualquer anel. As Vozes riram.

"Você sabe do que estamos falando", disseram. "A virgem, a santa, a mártir, a bruxa."

Loni sabia em seu coração o que as Vozes diziam. Mas não se lembrava. Soubera disto há muito tempo, numa época em que as pessoas se vestiam diferente, e enxergavam o mundo de outra maneira. Naquele tempo ela possuía um outro nome, e falava outra língua.

"São estas as quatro maneiras da mulher comungar com o Universo", as Vozes disseram, como se fosse importante para ela relembrar coisas tão antigas. "A Virgem possui o poder do homem e da mulher. Está condenada à Solidão, mas a Solidão revela seus

segredos. Este é o preço da Virgem – não precisar de ninguém, consumir-se em seu amor por todos, e através da Solidão descobrir a sabedoria do mundo."

Loni continuava olhando o acampamento lá embaixo. Sim, ela sabia.

"E a Mártir", continuaram as Vozes, "a Mártir possui o poder daqueles a quem a dor e o sofrimento não podem causar mal. Entrega-se, sofre, e através do Sacrifício descobre a

sabedoria do mundo.”

Loni tornou a olhar suas mãos. Ali, com brilho invisível, o anel da Mártir circundava um de seus dedos.

“Podia ter escolhido a revelação da Santa, mesmo que não fosse este o seu anel”, as Vozes disseram. “A Santa possui a coragem daquelas para quem Dar é a única maneira de receber. São um poço sem fundo, onde as pessoas bebem sem parar. E, se falta água em seu poço, a Santa entrega seu sangue, para que as pessoas não cessem jamais de beber. Através da Entrega, a Santa descobre a Sabedoria do mundo.”

As Vozes calaram-se. Loni escutou os passos de Talbo subindo a escada de pedra. Sabia qual era o seu anel nesta vida, porque era o mesmo que usara em suas vidas passadas quando tinha outros nomes e falava línguas diferentes. Em seu anel, a Sabedoria do Mundo era descoberta através do Prazer.

Mas não queria lembrar-se disto. O anel da Mártir brilhava, invisível, em seu dedo.

Talbo aproximou-se. E de repente, ao erguer os olhos para ele, Loni reparou que a noite tinha um brilho mágico, como se fosse um dia de sol.

“Acorde”, diziam as Vozes.

Mas eram vozes diferentes, que ela nunca havia escutado.

Sentiu alguém massageando o seu pulso esquerdo.

– Vamos, Brida, levante.

Abriu os olhos e fechou rapidamente, porque a luz do céu era muito intensa. A Morte era algo estranho.

– Abra os olhos – insistiu Wicca mais uma vez.

Mas ela precisava voltar até o castelo. Um homem que amava saiu para buscar o sacerdote. Não podia fugir assim. Ele estava sozinho, e precisava dela.

– Conte-me o seu Dom.

Wicca não lhe dava tempo para pensar. Sabia que ela havia participado de algo extraordinário, algo mais forte que a experiência do *tarot*. Mesmo assim não lhe dava tempo. Não entendia e não respeitava seus sentimentos; tudo o que queria era descobrir o seu Dom.

– Me fale de seu Dom – repetiu Wicca mais uma vez.

Ela respirou fundo, contendo sua raiva. Mas não havia jeito. A mulher ia insistir até que ela contasse alguma coisa.

– Fui uma mulher apaixonada por...

Wicca tapou rapidamente sua boca. Depois levantou-se, fez alguns gestos estranhos no ar, e tornou a olhar para ela.

– Deus é a palavra. Cuidado! Cuidado com o que você fala, em qualquer situação ou instante de sua vida.

Brida não entendia por que a outra estava reagindo assim.

– Deus se manifesta em tudo, mas a palavra é um dos seus meios favoritos de agir. Porque a palavra é o pensamento transformado em vibração; você está colocando no ar a sua volta aquilo que antes era apenas energia. Muito cuidado com tudo que disser – continuou Wicca.

“A palavra tem um poder maior que muitos rituais.”

Brida continuava sem entender. Não tinha outra maneira de contar sua experiência, a não ser através de palavras.

63

– Quando você se referiu a uma mulher – continuou Wicca –

você não foi ela. Você foi uma parte dela. Outras pessoas podem ter a mesma memória que você.

Brida sentia-se roubada. Aquela mulher era forte, e não gostaria de dividi-la com mais ninguém. Além do mais, havia Talbo.

– Fale-me do seu Dom – disse mais uma vez Wicca. Não podia deixar que a menina ficasse deslumbrada com a experiência. As viagens no tempo geralmente acarretavam muitos problemas.

– Tenho muitas coisas para falar. E preciso falar com você, porque ninguém mais vai acreditar. Por favor – insistiu Brida.

Começou a contar tudo, desde o momento em que a chuva pingava em seu rosto. Tinha uma chance e não podia perder – a chance de estar com alguém que acreditava no extraordinário. Sabia que ninguém mais iria ouvi-la com o mesmo respeito, porque as pessoas tinham medo de saber como a vida era mágica; estavam acostumadas com suas casas, seus empregos, suas expectativas, e se alguém aparecesse dizendo que era possível viajar no tempo – era possível ver castelos no Universo, *tarots* que contavam histórias, homens que caminhavam pela noite escura – as pessoas iriam se sentir roubadas pela vida, porque elas não tinham aquilo, a vida delas era o dia sempre igual, a noite sempre igual, os fins de semana iguais.

Por isso, Brida precisava aproveitar aquela chance; se as palavras eram Deus, então que ficasse registrado no ar à sua volta que ela viajara até o passado, e se lembrava de cada detalhe como se fosse o presente, como se fosse o bosque. Assim, quando mais tarde alguém conseguisse provar para ela que não havia acontecido nada daquilo, quando o tempo e o espaço fizessem com que ela mesma duvidasse de tudo, quando – finalmente – ela mesma tivesse certeza de que aquilo não passara de ilusão, as palavras daquela tarde, no bosque, ainda estariam vibrando no ar e pelo menos uma pessoa, alguém para quem a magia era parte da vida, saberia que tudo aconteceu de fato.

Descreveu o castelo, os sacerdotes com suas roupas negras e amarelas, a visão do vale com fogueiras acesas, o marido pensando coisas que ela conseguia captar. Wicca ouviu com paciência, demonstrando interesse apenas quando ela relatava as vozes que surgiam na cabeça de Loni. Nestes momentos interrompia, e perguntava se eram vozes masculinas ou femininas (eram de ambos os sexos), se passavam algum tipo de emoção, como agressividade, ou consolo (não, eram vozes impessoais), e se ela podia despertar as vozes sempre que desejasse (não sabia, não teve tempo para isto).

– OK, podemos ir – disse Wicca, retirando a túnica e colocando de novo dentro da sacola. Brida estava desapontada – pensou que ia receber algum tipo de elogio. Ou, no mínimo, uma explicação. Mas Wicca parecia com certos médicos, que ficam olhando o cliente com ar impessoal, mais interessados em anotar os sintomas que entender a dor e o sofrimento que aqueles sintomas causam.

Fizeram uma longa viagem de volta. Todas as vezes que Brida queria tocar no assunto, Wicca mostrava-se interessada no aumento do custo de vida, no trânsito congestionado do final da tarde, e nas dificuldades que o síndico do seu prédio estava criando.

Só quando estavam sentadas de novo nas duas poltronas, é que Wicca comentou a experiência.

– Quero lhe dizer uma coisa – falou. – Não se preocupe em explicar emoções. Viva tudo intensamente, e guarde o que sentiu como uma dádiva de Deus. Se você acha que não vai conseguir agüentar um mundo onde viver é mais importante do que entender, então desista da magia.

“A melhor maneira de destruir a ponte entre o visível e o invisível é tentando explicar as emoções.”

As emoções eram cavalos selvagens, e Brida sabia que em nenhum momento a razão conseguia dominá-las por completo. Certa vez teve um namorado, que havia partido por uma razão qualquer.

Brida ficou em casa durante meses, explicando todo dia para si mesma as centenas de defeitos, as milhares de inconveniências daquele relacionamento. Mas toda manhã acordava e pensava nele, e sabia que se ele telefonasse, terminaria aceitando um encontro.

O cachorro na cozinha latiu. Brida sabia que era um código, a visita estava encerrada.

– Por favor, nem conversamos! – implorou ela. – E eu precisava fazer pelo menos duas perguntas.

Wicca levantou-se. A menina sempre achava um jeito de ter perguntas importantes justamente na hora de sair.

– Queria saber se os sacerdotes que vi realmente existiram.

– Temos experiências extraordinárias e menos de duas horas depois estamos tentando convencer a nós mesmos de que elas são produtos de nossa imaginação – disse Wicca, enquanto ia até a estante. Brida lembrou-se do que havia pensado no bosque sobre pessoas que têm medo do extraordinário. E ficou com vergonha de si mesma.

Wicca voltou com um livro nas mãos.

– Os cátaros, ou os Perfeitos, eram sacerdotes de uma igreja criada no sul da França, no final do século XII. Acreditavam em reencarnação, e no Bem e Mal absolutos. O mundo era dividido entre os escolhidos e os perdidos. Não adiantava tentar converter ninguém.

“O desprendimento dos cátaros com relação aos valores terrenos fez com que os senhores feudais da região do Languedoc adotassem sua religião; não precisavam mais pagar as pesadas taxas que a Igreja Católica exigia na época. Ao mesmo tempo, como os bons e os maus já estavam definidos antes de nascer, os cátaros tinham uma atitude muito tolerante com relação ao sexo – e, principalmente, a mulher.

Eram rigorosos apenas com aqueles que recebiam a ordenação sacerdotal.

“Tudo ia muito bem até que o catarismo começou a se espalhar por muitas cidades. A Igreja Católica sentiu a ameaça, e convocou uma cruzada contra os hereges. Durante quarenta anos, cátaros e católicos travaram batalhas sangrentas, mas as forças legalistas, com o apoio de várias nações, conseguiram finalmente destruir todas as cidades que haviam adotado a nova religião. Sobrou apenas a fortaleza de Monsegur, nos Pirineus, onde os cátaros resistiram até que o caminho secreto – por onde recebiam suprimentos – foi descoberto.

Numa manhã de março de 1244, depois da rendição do castelo, duzentos e vinte cátaros atiraram-se cantando na imensa fogueira acesa na base da montanha onde o castelo fora construído.”

Wicca disse tudo aquilo com o livro fechado no colo. Só quando acabou a história foi que abriu suas páginas, e procurou uma fotografia.

Brida olhou a foto. Eram ruínas, com a torre quase toda em pedaços, mas as muralhas intactas. Ali estava o pátio, a escada por onde Loni e Talbo subiram, a rocha que se misturava com a muralha e a torre.

– Você disse que tinha outra pergunta para me fazer.

66

A pergunta já não tinha mais importância. Brida não estava conseguindo pensar direito. Sentia-se esquisita. Com algum esforço, lembrou-se do que queria saber.

– Quero saber por que você perde seu tempo comigo. Por que deseja me ensinar.

– Porque assim manda a Tradição – respondeu Wicca. – Você se dividiu pouco nas sucessivas encarnações. Pertence ao mesmo tipo de gente que eu e meus amigos pertencemos. Nós somos as pessoas encarregadas de manter a Tradição da Lua.

"Você é uma bruxa."

Brida não prestou atenção no que Wicca disse. Nem sequer lhe passou pela cabeça que precisava marcar um novo encontro: tudo que ela queria naquele momento era ir embora, descobrir coisas que a trouxessem de volta a um mundo familiar; uma infiltração na parede, um maço de cigarros atirado no chão, alguma correspondência esquecida em cima da mesa do porteiro.

"Tenho que trabalhar amanhã." Estava de repente preocupada com o horário.

Na condução de volta para casa, começou a fazer uma série de cálculos sobre o faturamento das exportações de sua firma na semana anterior, e conseguiu descobrir uma maneira de simplificar certos procedimentos no escritório. Ficou muito contente: seu chefe podia gostar do que estava fazendo, e quem sabe, lhe dar um aumento.

Chegou em casa, jantou, assistiu um pouco de televisão. Depois passou os cálculos sobre as exportações para o papel. E caiu exausta na cama.

O faturamento das exportações tinha ganho importância em sua vida. Era para trabalhar neste tipo de coisas que era paga.

O resto não existia. O resto era mentira.

67

Durante uma semana, Brida acordou sempre na hora marcada, trabalhou na firma de exportações com a maior dedicação possível, e recebeu merecidos elogios do chefe. Não perdeu uma só aula da Faculdade, e se interessou por todos os assuntos de todas as revistas que estavam nas bancas de jornais. Tudo que precisava fazer era não pensar. Quando, sem querer, lembrava-se que conheceu um Mago na montanha e uma bruxa na cidade, as provas do próximo semestre, e o comentário que certa amiga havia feito sobre outra amiga afastavam estas lembranças.

Sexta-feira chegou, e seu namorado foi encontrá-la na porta da Faculdade, para um cinema. Depois, foram ao bar que freqüentavam, conversaram sobre o filme, os amigos, e sobre o que tinha acontecido no trabalho de cada um. Encontraram amigos que estavam voltando de uma festa, jantaram com eles, dando graças a Deus por Dublin ter sempre um restaurante aberto.

Às duas horas da manhã os amigos se despediram, e os dois resolveram ir até a casa dela. Assim que chegaram, ela colocou Iron Butterfly no toca-discos, e serviu um uísque duplo para cada um.

Ficaram abraçados no sofá, em silêncio e distraídos, enquanto ele acariciava os seus cabelos, e depois os seus seios.

– Foi uma semana louca – disse ela, de repente. – Trabalhei sem parar, preparei todos os exames, e fiz todas as compras que estavam faltando.

O disco acabou. Ela levantou-se para trocar o lado.

– Sabe a porta do armário da cozinha, aquela que havia despregado? Finalmente consegui arranjar um tempo para chamar alguém que a consertasse.

“E tive de ir várias vezes ao banco. Uma para pegar o dinheiro que papai me enviou, outra para depositar cheques da firma, e outra...”

Lorens estava olhando fixamente para ela.

– Por que você está me olhando? – disse. Seu tom de voz era agressivo. Aquele homem na sua frente sempre quieto, sempre olhando, incapaz de dizer algo inteligente, era uma situação absurda.

Não precisava dele. Não precisava de ninguém.

“Por que você está me olhando?”, insistiu.

Mas ele não disse nada. Levantou-se também e, com todo carinho, a trouxe de volta para o sofá.

– Você não presta atenção em nada do que digo – falou Brida, desnorteada.

Lorens deitou-a de novo em seu colo.

“As emoções são cavalos selvagens.”

– Conte-me tudo – falou Lorens com ternura. – Saberei ouvir e respeitar sua decisão. Mesmo que seja outro homem. Mesmo que seja uma despedida.

“Estamos juntos há algum tempo. Não conheço você inteiramente, não sei como você é. Mas sei como você não é. E você não tem sido você durante toda a noite.”

Brida teve vontade de chorar. Mas já havia gasto muitas lágrimas com noites escuras, com *tarots* que falavam, com florestas encantadas. As emoções eram cavalos selvagens – nada mais restava do que libertá-los, afinal.

Sentou-se diante dele, lembrando que tanto o Mago como Wicca gostavam desta posição. Depois, sem interrupções, contou tudo que havia se passado desde seu encontro com o Mago na montanha.

Lorens ouviu em silêncio total. Quando ela falou da fotografia, Lorens perguntou se, em algum dos seus cursos, ela já ouvira falar dos cátaros.

– Sei que você não acredita em nada do que lhe contei –

respondeu. – Você acha que foi meu inconsciente, que eu me lembrei de coisas que já sabia. Não, Lorens, nunca ouvi falar dos cátaros antes.

Mas sei que você tem explicações para tudo.

Sua mão tremia, sem que ela pudesse controlar. Lorens levantou-se, pegou uma folha de papel, e fez dois furos – a uma distância de vinte centímetros um do outro. Colocou a folha na mesa, apoiada na garrafa de uísque, de modo que ficasse na vertical.

Depois foi até a cozinha e trouxe uma rolha.

Sentou-se na cabeceira da mesa, e empurrou o papel com a garrafa para o outro extremo. Em seguida, colocou a rolha na sua frente.

– Venha até aqui – disse ele.

Brida levantou-se. Estava tentando esconder as mãos trêmulas, mas ele parecia não dar a menor importância.

– Vamos fingir que esta rolha é um elétron, uma das pequenas partículas que compõem o átomo. Entendeu?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Pois bem, preste atenção. Se eu tivesse aqui comigo certos aparelhos complicadíssimos que me permitem dar um “tiro de elétron”, e se eu disparasse em direção àquela folha, ele ia passar pelos dois buracos ao mesmo tempo, sabia? Só que ele ia passar pelos dois buracos *sem se dividir.*

69

– Não acredito – disse ela. – É impossível.

Lorens pegou a folha e jogou no lixo. Depois guardou a rolha no lugar de onde havia retirado – era uma pessoa muito organizada.

– Não acredite, mas é verdade. Todos os cientistas sabem disto, embora não consigam explicar.

“Eu também não acredito em nada do que você me disse. Mas sei que é verdade.”

As mãos de Brida ainda tremiam. Mas ela não chorava, e não perdia o controle. Tudo que percebeu foi que o efeito do álcool havia passado completamente. Estava lúcida, uma lucidez estranha.

– E o que os cientistas fazem diante dos mistérios da ciência?

– Entram na Noite Escura, para usar um termo que você me ensinou. Sabemos que o mistério não irá nos abandonar nunca – então aprendemos a aceitá-lo, e a conviver com ele.

“Acredito que isto está presente em muitas situações da vida.

Uma mãe que educa um filho deve sentir-se mergulhando na Noite Escura. Ou um imigrante que vai para longe da pátria em busca de trabalho e dinheiro. Todos acreditam que seus esforços serão recompensados, e que um dia vão entender o que aconteceu no caminho – e que, na época, parecia tão assustador.”

“Não são as explicações que nos levam para a frente; é a nossa vontade de seguir adiante.”

Brida sentiu de repente um cansaço imenso. Precisava dormir.

O sono era o único reino mágico em que conseguiria entrar.

70

Naquela noite teve um sonho lindo, com mares e ilhas cobertas de árvores. Acordou de madrugada, e ficou contente porque Lorens estava dormindo ao seu lado. Levantou-se e foi até a janela do seu quarto, olhar Dublin adormecida.

Lembrou-se do seu pai, que costumava fazer isto quando ela acordava com medo. A lembrança trouxe de volta uma outra cena de sua infância.

Estava na praia com o pai, e ele pediu para ver se a temperatura da água estava boa. Ela estava com cinco anos, e ficou contente de poder ajudar; foi até à beira da água e molhou os seus pés.

"Coloquei os pés, está fria", disse para ele.

O pai pegou-a no colo, caminhou com ela até a beira do mar, e, sem qualquer aviso, atirou-a dentro da água. Ela levou um susto, mas depois ficou contente com a brincadeira.

"Como está a água?", perguntou o pai.

"Está gostosa", respondeu.

"Então, daqui para a frente, quando você quiser saber alguma coisa, mergulhe nela."

Tinha esquecido esta lição com muita rapidez. Apesar de ter apenas 21 anos, já havia se interessado por muitas coisas, e desistido com a mesma rapidez com que se apaixonava por elas. Não tinha medo das dificuldades – o que a assustava era a obrigação de ter que escolher um caminho.

Escolher um caminho significava abandonar outros. Tinha uma vida inteira para viver, e sempre pensava que talvez se arrependesse, no futuro, das coisas que queria fazer agora.

"Tenho medo de me comprometer", pensou consigo mesma.

Queria percorrer todos os caminhos possíveis, e ia acabar não percorrendo nenhum.

Nem mesmo na coisa mais importante de sua vida, o amor, havia conseguido ir até o fim; depois da primeira decepção, nunca mais entregou-se por completo. Temia o sofrimento, a perda, a inevitável separação. Claro, estas coisas estavam sempre presentes na estrada do amor – e a única maneira de evitá-las era renunciando a percorrer a estrada. Para não sofrer, era preciso também não amar.

Como se, para não enxergar as coisas ruins da vida, terminasse precisando furar os olhos.

"É muito complicado viver."

71

Era preciso correr riscos, seguir certos caminhos e abandonar outros. Lembrou-se de Wicca falando das pessoas que seguem os caminhos apenas para provar que não servem para elas. Mas isto não era o pior. O pior era escolher, e ficar o resto da vida pensando se escolheu certo. Nenhuma pessoa era capaz de escolher sem medo.

Entretanto, esta era a lei da vida. Esta era a Noite Escura, e ninguém podia fugir da Noite Escura, mesmo que jamais tomasse uma decisão, mesmo que não tivesse coragem para mudar nada; porque isto em si já era uma decisão, uma mudança. E sem os tesouros escondidos na Noite Escura.

Lorens podia estar certo. No final, iriam rir dos medos que tiveram no início. Assim como ela riu das cobras e escorpiões que colocou na floresta. Em seu desespero, não se lembrara que o santo padroeiro da Irlanda, São Patrício, havia expulsado todas as cobras do país.

– Que bom que você existe, Lorens – disse baixinho, com medo que ele escutasse.

Voltou para a cama e o sono veio rápido. Antes, porém, lembrou de mais uma história com seu pai. Era um domingo e estavam almoçando na casa da sua avó, com a família toda reunida.

Ela já devia ter uns catorze anos, e estava reclamando que não conseguia fazer determinado trabalho para a escola, porque tudo que começava a fazer terminava dando completamente errado.

“Talvez estes erros estejam lhe ensinando algo”, disse seu pai.

Mas Brida insistia que não; que ela havia entrado por um caminho errado, e agora não havia mais jeito.

O pai pegou-a pela mão e foram até a sala onde a avó costumava ver televisão. Ali havia um grande relógio de pé, antigo, que estava parado há muitos anos, por falta de peças.

“Não existe nada de completamente errado no mundo, minha filha”, disse o seu pai, olhando o relógio.

“Mesmo um relógio parado consegue estar certo duas vezes por dia.”

72

Caminhou algum tempo pela montanha, até encontrar o Mago.

Ele estava sentado numa rocha – quase perto do cume, contemplando o vale e as montanhas que ficavam a oeste. O lugar tinha uma vista belíssima, e Brida lembrou-se que os espíritos preferiam estes lugares.

– Será que Deus é o Deus apenas da beleza? – disse, assim que se aproximou. – E como ficam as pessoas e os lugares feios deste mundo?

O Mago não respondeu. Brida ficou sem graça,

– Talvez você não se lembre de quem eu sou. Estive aqui faz dois meses. Fiquei uma noite inteira, sozinha, na floresta. E prometi a mim mesma que só voltaria quando descobrisse o meu caminho.

"Conheci uma mulher chamada Wicca."

O Mago piscou, e sabia que a menina não havia percebido nada.

Mas riu da grande ironia do destino.

– Wicca me disse que eu sou uma bruxa – continuou a menina.

– Você não confia nela?

Foi a primeira pergunta que o Mago fez desde que ela se aproximou. Brida ficou contente porque ele estava escutando sua conversa; até aquele momento, não tinha certeza disto.

– Confio – respondeu. – E confio na Tradição da Lua. Mas sei que a Tradição do Sol me ajudou, quando me obrigou a compreender a Noite Escura. Por isso estou aqui de novo.

– Então sente-se e contemple o pôr-do-sol – disse o Mago.

– Não vou ficar de novo sozinha na floresta – respondeu ela. –

Da última vez que estive...

O Mago a interrompeu:

– Não diga isto. Deus está nas palavras.

Wicca dissera a mesma coisa.

– O que disse de errado?

– Se você falar que foi a “última”, ela pode se transformar mesmo na última. Na verdade, o que você quis dizer foi “da vez mais recente que estive...”

Brida ficou preocupada. Ia ter que ficar vigiando muito as palavras, daqui por diante. Resolveu sentar-se e ficar quieta, fazendo o que o Mago dissera – contemplando o pôr-do-sol.

Contemplar o pôr-do-sol a deixava nervosa. Ainda faltava quase uma hora para o crepúsculo, e Brida tinha muito o que conversar, muita coisa que dizer e perguntar. Sempre que se via parada, contemplando alguma coisa, ficava com a sensação de estar desperdiçando um tempo precioso em sua vida, deixando de fazer 73

coisas e encontrar pessoas; podia sempre aproveitar seu tempo de maneira muito melhor, pois ainda havia muito o que aprender.

Entretanto, à medida que o sol se aproximava do horizonte, e que as nuvens iam se enchendo de raios dourados e cor-de-rosa, Brida tinha a sensação de que toda a sua luta na vida era para um dia poder sentar e contemplar um pôr-de-sol igual àquele.

– Sabe rezar? – perguntou o Mago, a certa altura.

Claro que Brida sabia. Qualquer pessoa no mundo sabia rezar.

– Pois então, assim que o sol tocar o horizonte, faça uma prece.

Na Tradição do Sol, é através das preces que as pessoas comungam com Deus. A prece, quando feita com as palavras da alma, é muito mais poderosa que todos os rituais.

– Não sei rezar, porque minha alma está em silêncio –

respondeu Brida.

O Mago riu.

– Só os grandes iluminados têm a alma em silêncio.

– Então, por que não sei rezar com a alma?

– Porque lhe falta humildade para escutá-la, e saber o que ela deseja. Você tem vergonha de escutar os pedidos de sua alma. E tem medo de levar esses pedidos até Deus, porque acha que Ele não tem tempo para preocupar-se com isto.

Estava diante de um pôr-de-sol, e ao lado de um sábio.

Entretanto, sempre que aconteciam momentos como este em sua vida, ficava com a impressão de que não merecia nada daquilo.

– Me acho indigna, sim. Acho que a busca espiritual foi feita para pessoas melhores do que

eu.

– Estas pessoas – se é que existem – não precisam buscar nada.

Elas já são a própria manifestação do espírito. A busca foi feita para gente como nós.

“Como nós”, ele dissera. E, entretanto, estava muitos passos à sua frente.

– Deus está nas alturas, tanto na Tradição do Sol, como na Tradição da Lua – disse Brida, entendendo que a Tradição era a mesma, e diferente só na maneira de ensinar.

“Então, me ensine a rezar, por favor.”

O Mago virou-se diretamente para o sol, e fechou os olhos.

– Somos seres humanos e desconhecemos a nossa grandeza, Senhor. Dai-nos a humildade de pedir o que precisamos, Senhor, porque nenhum desejo é vão e nenhum pedido é fútil. Cada qual sabe com o que alimentar a sua alma; dai-nos coragem de olhar nossos 74

desejos como vindos da fonte de Tua eterna Sabedoria. Só aceitando nossos desejos é que podemos ter uma idéia de quem somos, Senhor.

Amém.

“Agora é sua vez”, disse o Mago.

– Senhor, faz com que eu entenda que tudo que me acontece de bom na vida é porque eu mereço. Faz com que eu entenda que o que me move a buscar Tua verdade é a mesma força que moveu os santos, e que as dúvidas que eu tenho são as mesmas dúvidas que os santos tiveram, e que as fraquezas que sinto são as mesmas fraquezas que os santos sentiram. Faz com que eu seja humilde o suficiente para aceitar que não sou diferente dos outros, Senhor. Amém.

Ficaram em silêncio, olhando o pôr-do-sol, até que o último raio daquele dia abandonou as nuvens. Suas almas rezavam, pediam coisas, e agradeciam por estarem juntas.

– Vamos até o bar da aldeia – falou o Mago.

Brida calçou de novo os sapatos, e começaram a descer. Mais uma vez lembrou-se do dia em que fora até a montanha procurá-lo.

Prometeu a si mesma que só tornaria a contar esta história uma vez mais na sua vida; não precisava continuar convencendo a si mesma.

O Mago olhou a menina descendo à sua frente, procurando mostrar-se familiar com o chão úmido e com as pedras, e tropeçando a cada instante. Seu coração alegrou-se um pouco, mas logo tornou a ficar em guarda.

Às vezes, certas bênçãos de Deus entram estilhaçando todas as vidraças.

Como era bom que Brida estivesse ao seu lado, pensou o Mago, enquanto desciam a montanha. Também ele era um homem igual a todos os homens, com as mesmas fraquezas, as mesmas virtudes – e até hoje não estava acostumado com o papel de Mestre. No começo, quando pessoas vindas de vários lugares da Irlanda chegavam àquela floresta em busca de seus ensinamentos, ele falava da Tradição do Sol e pedia que as pessoas compreendessem o que estava à sua volta. Ali, Deus havia guardado Sua sabedoria, e todos eram capazes de compreendê-la através de umas poucas práticas, nada mais. A maneira de ensinar segundo a Tradição do Sol já fora descrita há dois mil anos atrás pelo Apóstolo: “e no meio de vós eu estive como um fraco e tímido, cheio de grande temor; a minha palavra e a minha pregação não consistiram em discursos cheios de sabedoria, mas na demonstração do Espírito e da força divina – para que vossa fé não se fundasse em sabedoria humana, mas na força de Deus.”

Entretanto, as pessoas pareciam incapazes de entender o que ele estava falando sobre a Tradição do Sol, e ficavam decepcionadas, porque era um homem como todos os homens.

Ele dizia que não, que ele era um Mestre, e tudo que estava fazendo era dar a cada um meios próprios de adquirir a Sabedoria.

Mas elas precisavam de muito mais – precisavam de um guia. Não entendiam a Noite Escura, não entendiam que qualquer guia na Noite Escura iluminaria – com sua lanterna – apenas aquilo que ele mesmo quisesse ver. E, se por acaso, esta lanterna se apagasse, as pessoas estariam perdidas, por não conhecerem o caminho de volta.

Mas elas precisam de um guia. E, para ser um bom Mestre, ele também precisava aceitar as necessidades dos outros.

Então passou a rechear seus ensinamentos com coisas desnecessárias mas fascinantes, de modo que todos fossem capazes de aceitar e aprender. O método deu resultado. As pessoas aprendiam a Tradição do Sol e, quando chegavam finalmente a entender que muitas coisas que o Mago mandara fazer eram absolutamente inúteis, riam de si mesmas. E o Mago ficava contente, porque havia finalmente conseguido aprender a ensinar.

Brida era uma pessoa diferente. Sua oração tocara fundo na alma do Mago. Ela conseguia entender que nenhum ser humano que pisou este planeta foi ou é diferente dos outros. Poucas pessoas eram 76

capazes de dizer em voz alta que os grandes Mestres do passado tiveram as mesmas qualidades e os mesmos defeitos de todos os homens, e isto não diminuiu nem um pouco a capacidade de buscarem a Deus. Julgar-se pior que os outros era um dos mais violentos atos de orgulho que ele conhecia porque era usar a maneira mais destrutiva possível de ser diferente.

Quando chegaram ao bar, o Mago pediu duas doses de uísque.

– Olhe as pessoas – disse Brida. – Devem vir aqui todas as noites. Devem fazer sempre a mesma coisa.

O Mago já não estava tão convencido de que Brida realmente se julgava igual aos outros.

– Você está preocupada demais com as pessoas – respondeu. –

Elas são um espelho de você mesma.

– Eu sei disso. Já havia descoberto o que é capaz de me deixar alegre e o que me deixava triste. De repente, entendi que é preciso mudar estes conceitos. Mas é difícil.

– O que a fez mudar de idéia?

– O Amor. Conheço um homem que me completa. Há três dias atrás ele me mostrou que seu mundo também está cheio de mistérios.

Então não estou sozinha.

O Mago ficou impassível. Mas lembrou-se das bênçãos de Deus que estilhaçam as vidraças.

– Você o ama?

– Descobri que posso amá-lo ainda mais. Se este caminho não me ensinar nada de novo a partir de agora, ao menos aprendi algo importante: é preciso correr riscos.

Ele havia preparado uma grande noite, enquanto desciam a montanha. Queria mostrar o quanto precisava dela, mostrar que era um homem como todos os outros homens, cansado de tanta solidão.

Mas tudo que ela queria era respostas para suas perguntas.

– Existe algo estranho no ar – disse a menina. O ambiente parecia haver mudado.

– São os Mensageiros – respondeu o Mago. – Os demônios artificiais, aqueles que não fazem parte do braço esquerdo de Deus, aqueles que não nos conduzem para a luz.

Os olhos dele estavam brilhando. Realmente alguma coisa havia mudado – e ele falava de demônios.

“Deus criou a legião de Seu Braço Esquerdo para nos aperfeiçoar, para que saibamos o que fazer com nossa missão”, 77

continuou ele. “Mas deixou a cargo do homem o poder de concentrar as forças das trevas, e criar os seus próprios demônios.”

Era isto o que ele estava fazendo agora.

– Também podemos concentrar as forças do bem – disse a menina, um pouco assustada.

– Não podemos.

Era bom que ela perguntasse alguma coisa, precisava distrair-se.

Não queria criar um demônio. Na Tradição do Sol eles eram chamados de Mensageiros, e podiam fazer muito bem, ou muito mal –

só aos grandes Mestres era permitido invocá-los. Ele era um grande Mestre, mas não queria fazer isto agora – porque a força do Mensageiro era perigosa, principalmente quando misturada com as decepções do amor.

Brida estava desnorteada com a resposta. O Mago estava agindo de uma maneira estranha.

– Não podemos concentrar o Bem – continuou ele, fazendo um imenso esforço para prestar atenção em suas próprias palavras. – A Força do Bem sempre se espalha, como a Luz. Quando você emana as vibrações do Bem, beneficia toda a humanidade. Mas quando você concentra as forças do Mensageiro, está beneficiando – ou prejudicando – apenas você mesma.

Seus olhos estavam brilhando. Ele chamou o dono do bar e pagou a conta.

– Vamos até lá em casa – disse. – Vou preparar um chá e você irá me dizer quais são as perguntas importantes de sua vida.

Brida vacilou. Ele era um homem atraente. Ela também era uma mulher atraente. Tinha medo que aquela noite pudesse estragar seu aprendizado.

"Preciso correr riscos", repetiu para si mesma.

A casa do Mago ficava um pouco distante do povoado. Brida reparou que, apesar de bastante diferente da casa de Wicca, era confortável e bem decorada. Entretanto, não havia qualquer livro à vista – predominava o espaço vazio, com poucos móveis.

Foram à cozinha preparar o chá, e voltaram para a sala.

– O que veio fazer hoje aqui? – perguntou o Mago.

– Prometi a mim mesma que voltaria no dia em que já soubesse de alguma coisa.

– Você já sabe?

– Um pouco. Sei que o caminho é simples, e por isso mais difícil do que havia pensado. Mas simplificarei minha alma. Esta é a primeira pergunta. Por que perde seu tempo comigo?

"Porque você é a minha Outra Parte", pensou o Mago.

– Porque também preciso de alguém para conversar – respondeu ele.

– O que acha do caminho que escolhi, o da Tradição da Lua?

O Mago precisava dizer a verdade. Mesmo preferindo que a verdade fosse outra.

– Era o seu caminho. Wicca tem toda a razão. Você é uma feiticeira. Vai aprender na memória do Tempo as lições que Deus ensinou.

E ficou pensando por que a vida era assim, por que havia encontrado uma Outra Parte cuja única maneira possível de aprender era através da Tradição da Lua.

– Tenho apenas mais uma pergunta – disse Brida. Estava ficando tarde, daqui a pouco não haveria mais ônibus. – Preciso saber a resposta, e sei que Wicca não me ensinará. Sei disto porque ela é uma mulher igual a mim – será sempre a minha Mestra mas, quando tratar deste assunto, será sempre uma mulher.

"Quero saber como encontrar a minha Outra Parte."

"Está na sua frente", pensou o Mago.

Mas não respondeu nada. Foi até um canto da sala e apagou as luzes. Deixou acesa apenas uma escultura de acrílico, que Brida não havia reparado na hora em que entrou; continha água dentro, e bolhas que subiam e desciam, enchendo o ambiente com reflexos de raios vermelhos e azuis.

– Já nos encontramos duas vezes – disse o Mago, de olhos fixos na escultura. – Só tenho permissão de ensinar através da Tradição do Sol. A Tradição do Sol faz despertar nas criaturas a sabedoria ancestral que possuem.

– Como descubro a minha Outra Parte pela Tradição do Sol?

– Esta é a grande busca das pessoas sobre a face da Terra – o Mago repetiu, sem querer, as mesmas palavras de Wicca. Talvez tivessem aprendido com o mesmo Mestre, pensou Brida.

“E a Tradição do Sol colocou no mundo, para todas as pessoas verem, o sinal da sua Outra Parte: o brilho nos olhos.”

– Já vi muitos olhos brilharem – disse Brida. – Hoje mesmo, no bar, vi os seus olhos brilharem. Esta é a maneira que todas as pessoas procuram.

"Já esqueceu sua oração", pensou o Mago. Estava de novo acreditando que era diferente dos outros. "É incapaz de reconhecer o que Deus lhe mostra tão generosamente."

– Não entendo os olhos – insistiu ela. – Quero saber como as pessoas descobrem sua Outra Parte pela Tradição da Lua.

O Mago virou-se para Brida. Seus olhos estavam frios e sem expressão.

– Você está triste comigo, eu sei – continuou ela. – Triste porque ainda não consigo aprender através das coisas simples. O que você não entende é que as pessoas sofrem, se buscam e se matam por amor, sem saber que estão cumprindo a missão divina de encontrar sua Outra Parte. Você esqueceu – porque é um sábio e não lembra mais das pessoas comuns – que eu trago milênios de desilusão comigo, e já não consigo aprender certas coisas através da simplicidade da vida.

O Mago permaneceu impassível.

– Um ponto – disse ele. – Um ponto brilhante em cima do ombro esquerdo da Outra Parte. É assim na Tradição da Lua.

– Estou indo – disse ela. E torceu para que ele pedisse que ficasse. Gostava de estar ali. Ele havia respondido sua pergunta.

O Mago, entretanto, levantou-se e a conduziu até a porta.

– Vou aprender tudo que você sabe – ela falou. – Vou descobrir como se vê este ponto.

O Mago esperou que Brida sumisse na estrada. Havia um ônibus de volta para Dublin na próxima meia hora, e ele não precisava se preocupar. Depois foi até o jardim, e executou o ritual de todas as noites; já estava acostumado a fazer aquilo, mas às vezes precisava de muito esforço para atingir a concentração necessária. Hoje estava particularmente dispersivo.

Quando acabou o ritual, sentou-se na soleira da porta e ficou olhando o céu. Pensou em Brida. Podia vê-la no ônibus, com o ponto luminoso em seu ombro esquerdo, que só ele era capaz de reconhecer, porque ela era a sua Outra Parte. Pensou como devia estar ansiosa para concluir uma busca que havia começado no dia do seu nascimento. Pensou como ela estava fria e distante desde que chegaram em sua casa e como aquilo era um bom sinal. Significava 80

que ela estava confusa com seus próprios sentimentos; estava se defendendo do que não podia compreender.

Pensou também, com certo temor, que ela estava apaixonada.

“Não existem pessoas que não conseguem encontrar sua Outra Parte”, Brida, falou alto, o Mago, para as plantas em seu jardim. Mas no fundo percebeu que também ele, apesar de conhecer há tantos anos a Tradição, ainda precisava reforçar a sua fé, e estava falando para si mesmo.

“Todos nós, em algum momento de nossas vidas, cruzamos com ela, e a reconhecemos”, continuou. “Se eu não fosse um Mago, e não visse o ponto no seu ombro esquerdo, demoraria um pouco mais para aceitar você. Mas você lutaria por mim, e um dia eu ia perceber o brilho em seus olhos.”

“Sou um Mago, porém, e agora sou eu quem precisa lutar por você. Para que todo o meu conhecimento se transforme em sabedoria.”

Ficou muito tempo olhando a noite e pensando em Brida no ônibus. Estava mais frio do que de costume – o verão ia acabar em breve.

“Tampouco existe risco no Amor, e você vai aprender isto por si mesma. Há milhares de anos que as pessoas se buscam e se encontram.”

Mas, de repente, se deu conta de que podia estar enganado.

Havia sempre um risco, um único risco.

Que uma mesma pessoa cruzasse com mais de uma Outra Parte na mesma encarnação.

Isto também acontecia há milênios.

81

INVERNO E PRIMAVERA

Durante os dois meses seguintes, Wicca iniciou Brida nos primeiros mistérios da feitiçaria. Segundo ela, as mulheres aprendiam tais assuntos mais rapidamente que os homens, porque todo mês acontecia em seus corpos o ciclo completo da natureza: nascimento, vida e morte. “O Ciclo da Lua”, disse ela.

Brida teve que comprar um caderno virgem, e registrar todas as suas experiências psíquicas a partir de seu primeiro encontro. O

caderno devia estar sempre atualizado, e devia ter na capa uma estrela de cinco pontas – que associava tudo o que estava escrito à Tradição da Lua. Wicca contou que todas as feiticeiras possuíam um caderno como aquele, conhecido como *O Livro das Sombras*, em homenagem às irmãs mortas durante quatro séculos de caça às feiticeiras.

– Por que preciso fazer tudo isto?

– Temos que despertar o Dom. Sem ele, tudo que você pode conhecer são os Pequenos Mistérios. O Dom é sua maneira de servir ao mundo.

Brida teve que reservar um canto de sua casa que não freqüentasse muito, para montar um pequeno oratório com uma vela queimando dia e noite. A vela, segundo a Tradição da Lua, era o símbolo dos quatro elementos, e continha em si a terra do pavio, a água da parafina, o fogo que queimava, e o ar que permitia o fogo queimar. A vela também era importante para lembrar que havia uma missão a cumprir, e que ela estava envolvida naquela missão. Apenas a vela devia ficar visível – o resto precisava ficar escondido dentro de uma estante, ou de uma gaveta; desde a Idade Média a Tradição da Lua exigia que as bruxas cercassem do máximo segredo suas atividades – várias profecias avisavam que as Trevas retornariam no final do milênio.

Sempre que Brida chegava em casa, e olhava a chama da vela queimando, sentia uma responsabilidade estranha, quase sagrada.

Wicca mandou que ela sempre prestasse atenção ao ruído do mundo. “Em qualquer lugar que você esteja, pode escutar o ruído do mundo”, disse a feiticeira. “É um ruído que não pára nunca, que está presente nas montanhas, na cidade, nos céus e no fundo do mar. Este ruído – parecido com uma vibração – é a Alma do Mundo se transformando, caminhando para a luz. A feiticeira deve estar atenta a isto, porque ela é uma peça importante nessa caminhada.”

Wicca também explicou que os Antigos falavam com o nosso mundo através dos símbolos. Mesmo que ninguém estivesse escutando, mesmo que a linguagem dos símbolos tivesse sido esquecida por quase todos, os Antigos não paravam nunca de conversar.

– Eles são seres como nós? – perguntou Brida, certo dia.

– Nós somos eles. E de repente entendemos tudo aquilo que descobrimos nas vidas passadas, e tudo o que os grandes sábios deixaram escrito no Universo. Jesus disse: “O Reino dos Céus é semelhante a um homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce sem que ele saiba como.”

“A raça humana bebe sempre desta fonte inesgotável – e quando todos dizem que ela está perdida, encontra uma maneira de sobreviver.

Sobreviveu quando os macacos expulsaram os homens das árvores, quando as águas cobriram a terra. E sobreviverá quando todos estiverem se preparando para a catástrofe final.”

– Somos responsáveis pelo Universo, porque nós somos o Universo. – Quanto mais convivia com ela, mais Brida notava o quanto era bonita.

Wicca continuou a ensinar a Tradição da Lua. Mandou que ela fizesse um punhal com uma lâmina com fio nos dois lados, e que fosse irregular como uma labareda. Brida procurou em várias lojas, sem conseguir encontrar algo parecido; mas Lorens resolveu o problema pedindo a um químico metalúrgico, que trabalhava na Universidade, para fazer uma lâmina daquelas. Depois ele mesmo entalhou um cabo de madeira, e lhe deu de presente o punhal. Era sua maneira de dizer que respeitava a busca de Brida.

O punhal foi consagrado por Wicca, num ritual complicado que envolvia palavras mágicas, desenhos com carvão na lâmina, e algumas pancadas usando uma colher de pau. O punhal devia ser utilizado como um prolongamento de seu próprio braço, mantendo toda a energia do corpo concentrada na lâmina. Por isso as fadas utilizavam uma varinha de condão, e os magos precisavam de uma espada.

Quando Brida mostrou-se surpresa com o carvão e a colher de pau, Wicca disse que, na época da caça às bruxas, as feiticeiras eram obrigadas a utilizar materiais que pudessem ser confundidos com objetos da vida cotidiana. Esta tradição se manteve através do tempo, no caso da lâmina, do carvão, e da colher de pau. Os verdadeiros materiais que os Antigos usavam haviam se perdido por completo.

Brida aprendeu a queimar incenso e a utilizar o punhal em círculos mágicos. Havia um ritual que era obrigada a fazer toda vez que a lua mudava de fase; ia para a janela com uma taça cheia de água, e deixava que a lua refletisse na superfície do líquido. Depois fazia com que seu rosto se refletisse na água, de modo que a imagem da lua ficasse bem no meio da sua testa. Quando estava totalmente concentrada, feria a água com o punhal, fazendo com que ela e a lua se dividissem em vários reflexos.

Esta água devia ser bebida imediatamente, e o poder da lua, então, crescia dentro dela.

– Nada disso faz sentido – comentou Brida, certa vez. Wicca não deu muita importância – também pensara assim, um dia. Mas tornou a lembrar as palavras de Jesus sobre as coisas que cresciam dentro de cada um sem que se soubesse como.

– Não importa se faz sentido ou não – acrescentou. – Lembre-se da Noite Escura. Quanto mais você fizer isto, mais os Antigos se comunicarão. Primeiro, de uma maneira que você não entende – é apenas sua alma que está escutando. Um belo dia as vozes serão novamente despertadas.

Brida não queria despertar vozes apenas – queria conhecer sua Outra Parte. Mas não comentava tais assuntos com Wicca.

Ela estava proibida de voltar de novo ao passado. Wicca dizia que poucas vezes isto era necessário.

– Tampouco utilize cartas para ver o futuro. As cartas servem apenas para o crescimento sem palavras, aquele que está penetrando sem ser percebido.

Brida tinha que abrir o *tarot* três vezes por semana e ficar olhando as cartas espalhadas. Nem sempre as visões apareciam – e quando apareciam, eram geralmente cenas incompreensíveis. Quando reclamava das visões, Wicca dizia que estas cenas tinham um significado tão profundo que ela ainda era incapaz de captar.

– Por que não devo ler a sorte?

– Só o presente tem poder sobre nossas vidas – respondeu Wicca. – Quando você está lendo a sorte num baralho, você está trazendo o futuro para o presente. E isto pode causar sérios danos: o presente pode embaralhar o seu futuro.

Uma vez por semana iam até o bosque, e a feiticeira ensinava para a aprendiz o segredo das ervas. Para Wicca, cada coisa neste mundo trazia a assinatura de Deus – especialmente as plantas. Certas folhas pareciam com o coração, e eram boas para doenças cardíacas, enquanto flores cuja forma lembrava os olhos curavam as doenças da visão. Brida começou a perceber que muitas ervas possuíam realmente uma grande semelhança com órgãos humanos – e, num compêndio sobre medicina popular que Lorens conseguiu emprestado na Biblioteca da Universidade, descobriu pesquisas indicando que a tradição dos camponeses e feiticeiras podia estar certa.

– Deus colocou nas florestas a sua farmácia – disse Wicca, um dia em que as duas descansavam sob uma árvore. – Para que todos os homens pudessem ter saúde.

Brida sabia que sua mestra tinha outros aprendizes, mas foi difícil descobrir isto – o cachorro nunca deixava de latir na hora certa.

Mesmo assim, já cruzara na escada com uma senhora, uma moça quase da sua idade, e um homem de terno. Brida ficava acompanhando discretamente os passos deles no prédio, e as antigas tábuas do chão denunciavam o destino: o apartamento de Wicca.

Certo dia, Brida arriscou perguntar sobre os outros discípulos.

– A força da bruxaria é uma força coletiva – respondeu Wicca.

– São os diversos dons que mantêm a energia do trabalho sempre em movimento. Um depende do outro.

Wicca explicou que existiam nove dons, e que tanto a Tradição do Sol como a Tradição da Lua cuidavam para que eles atravessassem os séculos.

– Que dons são estes?

Wicca respondeu que ela era preguiçosa, vivia perguntando tudo, e que uma verdadeira bruxa era uma pessoa interessada em todas as buscas espirituais do mundo. Mandou Brida ler mais a Bíblia (“onde está toda a verdadeira sabedoria oculta”) e procurar os dons na primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios. Brida procurou e descobriu os nove dons: a palavra da sabedoria, a palavra do conhecimento, a fé, a cura, a operação de milagres, a profecia, a conversa com os espíritos, as línguas, e a capacidade de interpretação.

Foi só aí que entendeu o dom que estava buscando: a conversa com os espíritos.

86

Wicca ensinou Brida a dançar. Disse que ela precisava mover seu corpo de acordo com o ruído do mundo, a tal vibração sempre presente. Não havia nenhuma técnica especial – bastava fazer qualquer movimento que lhe viesse à cabeça. Mesmo assim, Brida demorou um pouco para se acostumar a agir e dançar sem lógica.

– O Mago de Folk lhe ensinou sobre a Noite Escura. Nas duas Tradições – que na verdade são uma só – a Noite Escura é a única maneira de crescer. Quando se mergulha no caminho da magia, o primeiro ato é entregar-se a um poder maior. Vamos nos defrontar com coisas que jamais poderemos entender.

“Nada terá a lógica com a qual estamos acostumados. Vamos compreender coisas apenas com o nosso coração, e isto pode assustar um pouco. A viagem vai parecer, durante muito tempo, uma noite escura. Toda busca é um ato de fé.

“Mas Deus, que é mais difícil de entender que uma Noite Escura, aprecia o nosso ato de fé. E segura em nossa mão, e nos guia através do Mistério.”

Wicca falava do Mago sem qualquer rancor ou mágoa. Brida estava errada, ela jamais tivera um caso de amor com ele; estava escrito nos seus olhos. Talvez a irritação daquele dia tivesse sido apenas por causa da diferença dos caminhos. Bruxos e magos eram vaidosos, e cada um queria provar ao outro como sua busca era mais acertada.

De repente, deu-se conta do que havia pensado.

Wicca não estava apaixonada pelo Mago, por causa dos seus olhos.

Já havia visto filmes que falavam no assunto. Livros. O mundo inteiro sabia reconhecer os olhos de uma pessoa apaixonada.

“Só consigo entender as coisas simples depois que me envolvo com as complicadas”, pensou consigo mesma. Talvez um dia pudesse seguir a Tradição do Sol.

O outono já estava no meio, e o frio começava a ficar insuportável, quando Brida recebeu um telefonema de Wicca.

– Vamos nos encontrar na floresta. Daqui a dois dias, na noite de lua nova, quando estiver faltando pouco para o anoitecer – foi tudo o que ela disse.

Brida ficou os dois dias pensando no encontro. Fez os rituais de sempre, dançou o ruído do mundo. “Preferia que fosse uma música”, pensava ela, sempre que precisava dançar. Mas já estava quase se acostumando a mover seu corpo segundo aquela estranha vibração, que conseguia perceber melhor durante a noite – ou nos lugares silenciosos, como as igrejas. Wicca dissera que, ao dançar a música do mundo, a alma se acostumava melhor com o corpo, e as tensões diminuíam. Brida começou a reparar como as pessoas caminhavam pelas ruas sem saber onde colocar as mãos, sem mover os quadris e os ombros. Sentiu vontade de ensinar para todos que o mundo tocava uma melodia; se elas dançassem um pouco esta música, apenas deixando o corpo se mover sem lógica alguns minutos por dia, iam sentir-se muito melhores.

Aquela dança, porém, era da Tradição da Lua, e só as feiticeiras sabiam disto. Devia haver algo semelhante na Tradição do Sol.

Sempre havia algo semelhante na Tradição do Sol, embora ninguém gostasse de aprender por ela.

– Não conseguimos conviver mais com os segredos do mundo –

dizia para Lorens. – E, no entanto, todos eles estão a nossa frente.

Quero ser uma feiticeira, para conseguir enxergá-los.

No dia marcado Brida dirigiu-se ao bosque. Caminhou por entre as árvores, sentindo a presença mágica dos espíritos da natureza. Há seiscentos anos atrás, aquele bosque era o lugar sagrado dos sacerdotes druidas – até o dia que São Patrício expulsara as serpentes da Irlanda, e os cultos druidas desapareceram. Mesmo assim, o respeito por aquele lugar passou de geração em geração, e até hoje os habitantes da aldeia vizinha respeitavam e temiam o local.

Encontrou Wicca na clareira, vestida com seu manto. Junto com ela estavam mais quatro pessoas – todas com roupas normais, e todas mulheres. No lugar onde antes havia notado as cinzas, uma fogueira estava acesa. Brida olhou para o fogo com um medo inexplicável –

não sabia se era por causa da parte de Loni que trazia dentro dela, ou se a fogueira era uma experiência repetida em outras encarnações.

Chegaram outras mulheres. Havia gente de sua idade, e gente mais velha que Wicca. Eram, ao todo, nove pessoas.

– Não convidei os homens hoje. Vamos esperar o reino da Lua.

O reino da Lua era a noite.

Ficaram em volta da fogueira, conversando os assuntos mais corriqueiros do mundo, e Brida ficou com a sensação de que havia sido convidada para um chá de comadres – diferente apenas no cenário.

Quando o céu cobriu-se de estrelas, porém, o ambiente mudou.

Não foi preciso qualquer ordem da parte de Wicca; aos poucos, a conversa foi morrendo, e Brida perguntou a si mesma se só agora elas estavam reparando na presença do fogo e do bosque.

Depois de algum tempo em silêncio, Wicca falou.

– Uma vez por ano, na noite de hoje, as bruxas de todo o mundo se reúnem para fazer uma oração e prestar homenagem a suas antepassadas. Assim manda a Tradição; na décima lua do ano devemos nos reunir em volta da fogueira, que foi vida e morte das nossas irmãs perseguidas.

Brida tirou do seu manto uma colher de pau.

– Aqui está o símbolo – disse, mostrando a colher de pau para todas.

As mulheres ficaram de pé e deram-se as mãos. Então, levantando as mãos dadas para o alto, escutaram a prece de Wicca.

“Que a bênção da Virgem Maria e de seu filho Jesus caia sobre nossas cabeças esta noite. Em nosso corpo dorme a Outra Parte de nossos antepassados; que a Virgem Maria nos abençoe.

“Que nos abençoe porque somos mulheres, e hoje vivemos num mundo onde os homens nos amam e nos entendem cada vez mais.

Entretanto, temos ainda no corpo a marca das vidas passadas, e estas marcas ainda doem.

“Que a Virgem Maria nos livre destas marcas, e apague para sempre nosso sentimento de culpa. Nos sentimos culpadas quando saímos de casa, porque estamos deixando os nossos filhos para ganhar o sustento deles. Nos sentimos culpadas quando ficamos em casa, porque parece que não aproveitamos a liberdade do mundo. Nos sentimos culpadas por tudo, e não podemos ser culpadas, porque sempre estivemos distantes das decisões e do poder.

“Que a Virgem Maria nos lembre sempre que fomos nós, as mulheres, que ficamos junto com Jesus no momento em que os homens fugiram e negaram sua fé. Que fomos nós que choramos enquanto ele carregava a cruz, que ficamos aos seus pés na hora da morte, que fomos nós que visitamos o sepulcro vazio. Que não devemos ter culpa.

“Que a Virgem Maria nos recorde sempre que fomos queimadas e perseguidas porque pregávamos a Religião do Amor. Enquanto as pessoas tentavam parar o tempo com a força do pecado, nós nos reuníamos nas festas proibidas, para celebrar o que ainda havia de belo no mundo. Por causa disto, fomos condenadas e queimadas nas praças.

“Que a Virgem Maria nos recorde sempre que, enquanto os homens eram julgados em praça pública por causa de disputa de terras, as mulheres eram julgadas em praça pública por causa de adultério.

“Que a Virgem Maria nos lembre de nossas antepassadas, que precisaram travestir-se de homens – como a Santa Joana D’Arc para cumprir a palavra do Senhor. E, mesmo assim, morremos na fogueira.”

Wicca segurou a colher de pau com as duas mãos, e estendeu os braços para a frente.

“Aqui está o símbolo do martírio de nossas antepassadas. Que a chama que devorou os seus corpos mantenha sempre acesa nossas almas. Porque elas estão em nós. Porque nós somos elas.”

E atirou a colher de pau na fogueira.

Brida continuou a fazer os rituais que Wicca havia ensinado.

Mantinha a vela sempre acesa, dançava o ruído do mundo. Anotava no *Livro das Sombras* os encontros com a feiticeira, e freqüentava o bosque sagrado duas vezes por semana. Reparou, para a sua surpresa, que já estava entendendo alguma coisa de ervas e plantas.

Mas as vozes que Wicca desejava despertar não apareciam.

Tampouco conseguia ver o ponto luminoso.

“Quem sabe, ainda não conheço minha Outra Parte”, pensou com certo medo. Este era o destino de quem conhecia a Tradição da Lua: jamais enganar-se sobre o homem de sua vida. Significava dizer que nunca mais, a partir do momento em que se transformasse em uma feiticeira de verdade, ia ter as ilusões que todas as outras pessoas tinham com o amor. Significava sofrer menos, é verdade – talvez significasse até não sofrer nada, porque podia amar tudo mais intensamente; a Outra Parte era uma missão divina na vida de cada pessoa. Mesmo que ela tivesse que partir um dia, o amor pela Outra Parte – assim ensinavam as Tradições – era coroado de glória, de compreensão e de uma saudade purificadora.

Mas significava também que, a partir do momento em que pudesse ver o ponto luminoso, não teria mais os encantos da Noite Escura do Amor. Brida pensava nas muitas vezes em que se atormentou de paixão, nas noites em que passou acordada, esperando alguém que não telefonava, nos fins de semana românticos que não resistiam à semana seguinte, nas festas com olhares ansiosos em todas as direções, na alegria da conquista só para provar que era possível, na tristeza da solidão quando tinha certeza que o namorado de uma amiga sua era exatamente o único homem no mundo capaz de fazê-la feliz.

Tudo aquilo era parte do seu mundo – e do mundo de todas as pessoas que conhecia. Isto era o amor, e desta maneira as pessoas buscavam a sua Outra Parte desde o início dos tempos – olhando nos olhos, procurando descobrir o brilho e o desejo. Nunca dera valor a estas coisas – ao contrário, achava que era inútil sofrer por alguém, inútil morrer de medo por não encontrar outra pessoa com quem compartilhar sua vida. Agora quando podia livrar-se de vez deste medo passou a não ter mais certeza do que queria.

“Será que realmente quero ver o ponto luminoso?”

Lembrou-se do Mago – começou a achar que ele estava com a razão, e a Tradição do Sol era a única maneira correta de lidar com o Amor. Mas não podia mudar de idéia agora; conhecia um caminho, e

precisava ir até o fim. Sabia que, se desistisse, ia ficar cada vez mais difícil fazer qualquer escolha na vida.

93

Certa tarde, depois de uma longa aula sobre rituais que eram utilizados pelas antigas feiticeiras para fazer chover – e que Brida precisava anotar em seu Livro das Sombras, mesmo que jamais fosse utilizá-los – Wicca perguntou se ela usava todas as roupas que possuía.

– Claro que não – foi a resposta.

– Pois a partir desta semana, utilize tudo que estiver em seu armário.

Brida achou que não havia entendido bem.

– Tudo que contém nossa energia deve estar sempre em movimento – disse Wicca. As roupas que você comprou fazem parte de você, e representam momentos especiais. Momentos em que você saiu de casa disposta a dar a si mesma um presente, porque estava contente com o mundo. Momentos em que alguém lhe fez mal, e você precisava compensar aquilo. Momentos em que você achou que era necessário mudar de vida.

"As roupas sempre transformam emoção em matéria. É uma das pontes entre o visível e o invisível. Existem certas roupas que, inclusive, são capazes de fazer mal, porque foram feitas para outras pessoas, e terminaram parando em suas mãos."

Brida entendia o que ela estava dizendo. Havia coisas que não conseguia usar; sempre que vestia, algo de errado terminava acontecendo.

– Desfaça-se das roupas que não foram feitas para você –

insistiu Wicca. – E use todas as outras. É importante manter sempre a terra revolvida, a onda com espuma, e a emoção em movimento. O

Universo inteiro se move: não podemos ficar paradas.

Ao chegar em casa, Brida colocou em cima da cama tudo o que estava dentro do armário. Ficou olhando cada peça de roupa – havia muitas de cuja existência nem lembrava mais; outras recordavam momentos felizes do passado, mas que já haviam saído de moda.

Brida guardava, mesmo assim, porque aquelas roupas pareciam possuir uma espécie de feitiço – caso se desfizesse delas, podia estar se desfazendo das coisas boas que vivera quando as vestia.

Olhou para as roupas que acreditava possuírem "más vibrações". Ela sempre havia alimentado a esperança de que estas vibrações se invertessem um dia, e pudesse usá-las de novo – mas sempre que resolvia fazer um "teste", acabava tendo problemas.

Reparou que sua relação com as roupas era aparentemente mais complicada do que parecia.

Mesmo assim, era difícil aceitar que 94

Wicca estivesse querendo mexer com o que havia de mais íntimo e mais pessoal na sua vida; sua maneira de se vestir. Certas roupas precisavam ficar guardadas para ocasiões especiais, e só ela era capaz de dizer quando devia usá-las. Outras não eram adequadas para o trabalho, ou mesmo para as saídas no final de semana. Por que Wicca precisava mexer nisto? Jamais questionou uma ordem dela, vivia dançando e acendendo velas, enfiando punhais na água e aprendendo coisas que não ia utilizar nunca. Podia aceitar tudo aquilo – fazia parte de uma Tradição, uma Tradição que não compreendia mas que talvez estivesse mesmo falando com seu lado desconhecido. Entretanto, no momento em que mexia com as suas roupas, já estava mexendo também com a sua maneira de estar no mundo.

Quem sabe Wicca havia perdido os limites do seu poder. Quem sabe estava tentando interferir em algo que não devia.

"*O que está fora é mais difícil de mudar do que aquilo que está dentro*."

Alguém dissera algo. Num movimento instintivo, Brida olhou assustada a sua volta. Mas tinha certeza de que não ia encontrar ninguém.

Era a Voz.

A voz que Wicca queria despertar.

Dominou sua excitação e o seu medo. Ficou em silêncio, esperando escutar mais alguma coisa – e tudo que pôde ouvir era o barulho da rua, o som de uma televisão ligada a distância, e o onipresente ruído do mundo. Procurou ficar na mesma posição em que estava antes, pensar as mesmas coisas que havia pensado. Tudo fora tão rápido que ela não havia sequer levado um susto – nem ficado admirada ou orgulhosa de si mesma.

Mas a Voz dissera algo. Mesmo que todas as pessoas do mundo lhe provassem que aquilo era fruto de sua imaginação, mesmo que a caça às bruxas voltasse de repente e ela tivesse que enfrentar tribunais e morrer na fogueira por causa disto, tinha completa e absoluta certeza de que havia escutado uma voz que não era a dela.

"O que está fora é mais difícil de mudar do que aquilo que está dentro." A voz podia ter dito algo mais monumental, já que esta era a primeira vez que a estava escutando nesta encarnação. Mas, de repente, Brida sentiu uma imensa alegria invadi-la. Teve vontade de ligar para Lorens, de visitar o Mago, de contar para Wicca que seu dom havia surgido, e que ela agora podia fazer parte da Tradição da Lua. Andou de um lado para o outro, fumou alguns cigarros, e só meia 95

hora depois conseguiu acalmar-se o suficiente para sentar-se de novo na cama, onde estavam todas as roupas espalhadas.

A Voz tinha razão. Brida havia entregue sua alma para uma mulher estranha, e – por mais

absurdo que pudesse parecer – era muito mais fácil entregar sua alma que sua maneira de vestir.

Só agora estava entendendo o quanto aqueles exercícios, aparentemente sem sentido, estavam mexendo com a sua vida. Só agora, mudando por fora, podia perceber o quanto estava mudada por dentro.

Wicca quis saber tudo sobre a Voz, quando tornou a encontrar-se com Brida – cada detalhe estava anotado no Livro das Sombras, e Wicca ficou contente.

– De quem é a Voz? – perguntou Brida.

Wicca, porém, tinha coisas mais importantes para dizer do que ficar respondendo às eternas perguntas da menina.

– Até hoje lhe mostrei como voltar ao caminho que sua alma percorre há várias encarnações. Despertei este conhecimento falando diretamente com ela – com a alma – através dos símbolos e dos rituais dos nossos antepassados. Você reclamava, mas sua alma estava contente porque estava reencontrando sua missão. Enquanto você se irritava com os exercícios, ficava entediada com a dança, morria de sono com os rituais, seu lado oculto bebia de novo da sabedoria do Tempo, recordava o que já havia aprendido, e a semente crescia sem que você soubesse como. Chegou, porém, o momento de começar a aprender coisas novas. Chama-se a isto Iniciação, porque aí é que está o seu verdadeiro começo nas coisas que precisa aprender nesta vida. A Voz indica que você já está preparada.

"Na Tradição das feiticeiras, a Iniciação sempre é feita nos Equinócios, naquelas datas do ano em que os dias e as noites são absolutamente iguais. O próximo é o Equinócio de Primavera, no dia 21 de março. Gostaria que esta fosse a data de sua Iniciação, porque eu também me iniciei num Equinócio de Primavera. Você já sabe manejar os instrumentos, e conhece os rituais necessários para manter sempre aberta a ponte entre o visível e o invisível. Sua alma continua recordando as lições das vidas passadas – sempre que você realiza qualquer ritual que já sabe.

"Ao ouvir a Voz, você trouxe para o mundo visível o que já estava acontecendo no mundo invisível. Ou seja, você entendeu que sua alma está pronta para o próximo passo. O primeiro grande objetivo foi atingido."

Brida lembrou-se de que antes queria também ver o ponto luminoso. Mas desde que começara a refletir sobre a procura do amor, isto ia perdendo importância a cada semana.

– Falta apenas uma prova para você ser aceita na Iniciação da Primavera. Caso não consiga agora, não se preocupe – muitos Equinócios estão em seu futuro, e algum dia você será iniciada. Até o momento você mexeu com seu lado masculino: o conhecimento. Você sabe, você é capaz de entender o que sabe, mas ainda não tocou na 97

grande força feminina, uma das forças mestras da transformação. E

conhecimento sem transformação não é sabedoria.

"Esta força sempre foi Poder em Maldição das feiticeiras, em geral, e das mulheres, em

particular. Todas as pessoas que caminham pelo planeta conhecem esta força. Todas sabem que somos nós, as mulheres, as grandes guardiãs de seus segredos. Por causa desta força fomos condenadas a vagar num mundo perigoso e hostil, porque ela era despertada por nós, e existiam lugares onde era abominada. Quem toca nesta força, mesmo sem saber, está ligada a ela pelo resto da vida.

Pode ser seu senhor ou seu escravo, pode transformá-la numa força mágica, ou utilizá-la o resto da vida sem nunca dar-se conta de seu imenso poder. Esta força está em tudo que nos cerca, está no mundo visível dos homens, e no mundo invisível dos místicos. Pode ser massacrada, humilhada, escondida, ou até mesmo negada. Pode ficar anos dormindo, esquecida num canto qualquer, pode ser tratada pela raça humana de quase todas as maneiras, menos uma: no momento que alguém conhece esta força, nunca mais, em toda a sua vida poderá esquecê-la."

– E que força é esta?

– Não continue me fazendo perguntas tolas – respondeu Wicca.

– Porque eu sei que você sabe qual é.

Brida sabia.

O sexo.

Wicca abriu uma das cortinas imaculadamente brancas e mostrou a paisagem. A janela dava para o rio, os prédios antigos, e as montanhas no horizonte. Numa daquelas montanhas vivia o Mago.

– O que é aquilo? – perguntou Wicca, apontando para o alto de uma igreja.

– Uma cruz. O símbolo do cristianismo.

– Um romano jamais entraria num edifício com aquela cruz. Ia pensar que se tratava de uma casa de suplícios – já que o símbolo em sua fachada é um dos mais horrendos instrumentos de tortura que o homem inventou.

"A cruz é a mesma, mas seu significado mudou. Da mesma maneira, quando os homens estavam próximos a Deus, o sexo era a comunhão simbólica com a unidade divina. O sexo era o reencontro com o sentido da vida."

– Por que as pessoas que buscam Deus normalmente se afastam do sexo?

Wicca ficou irritada com a interrupção. Mas resolveu responder.

– Quando eu falo na força, não falo apenas do ato sexual. Certas pessoas utilizam esta força sem usá-la. Tudo depende do caminho escolhido.

– Conheço esta força – disse Brida. Sei como utilizá-la.

Era hora de voltar ao assunto de novo.

– Talvez você saiba lidar com sexo na cama. Isto não é conhecer a força. Tanto o homem como a mulher são absolutamente vulneráveis à força do sexo, porque ali o prazer e o medo têm a mesma importância.

– E por que o prazer e o medo caminham juntos?

Até que enfim a menina havia perguntado algo que valia a pena responder.

– Porque quem lida com o sexo sabe que está diante de algo que só acontece em toda a sua intensidade quando se perde o controle.

Quando estamos na cama com alguém, estamos dando permissão para que esta pessoa comungue não apenas com o nosso corpo, mas com toda a nossa personalidade. São as forças puras da vida que se comunicam, independente de nós – e, então, não podemos esconder quem somos.

"Não importa a imagem que tenhamos de nós mesmos. Não importam os disfarces, as respostas prontas, as saídas honrosas. No sexo, fica difícil enganar o outro – porque ali cada um se mostra como realmente é."

Wicca falava como quem conhecia bem aquela força. Seus olhos tinham brilho, e havia orgulho em sua voz. Talvez fosse esta força que a mantinha tão atraente. Era bom aprender com ela: um dia ia terminar descobrindo o segredo de todo aquele encanto.

– Para que a Iniciação possa ser feita, você tem que encontrar-se com esta força. O resto, o sexo das feiticeiras, pertence aos Grandes Mistérios, e você saberá depois da cerimônia.

– Como encontrar-me com ela, então?

– É uma fórmula simples, e como todas as coisas simples, seus resultados são muito mais difíceis que todos os complicados rituais que lhe ensinei até agora.

Wicca chegou bem perto de Brida, segurou-a pelos ombros, e olhou no fundo de seus olhos.

"A fórmula é esta: utilize, durante todo o tempo, os seus cinco sentidos. Se eles chegarem

juntos no momento do orgasmo, você será aceita para a Iniciação.”

100

– Vim pedir desculpas – disse a menina.

Estavam no mesmo local onde haviam se encontrado da outra vez; as pedras do lado direito da montanha, de onde se via o imenso vale.

– Às vezes penso uma coisa e faço outra – continuou ela. – Mas se algum dia você já experimentou o amor, sabe quanto custa sofrer por ele.

– Sim, eu sei – respondeu o Mago. Era a primeira vez que ele estava falando de sua vida particular.

– Você tinha razão quanto ao ponto luminoso. A vida perde um pouco a graça. Descobri que a busca pode ser tão interessante quanto o encontro.

– Desde que se vença o medo.

– É verdade.

E Brida ficou contente em saber que também ele, com tudo que conhecia, continuava a sentir medo.

Passearam a tarde inteira pela floresta coberta de neve.

Conversaram sobre plantas, sobre a paisagem, e sobre as maneiras como as aranhas costumavam estender as teias naquela região. A certa altura encontraram um pastor que trazia de volta seu rebanho de ovelhas.

– Olá, Santiago! – o Mago cumprimentou o pastor. Depois virou-se para ela:

“Deus tem uma preferência especial pelos pastores. São pessoas acostumadas à natureza, ao silêncio, e à paciência. Possuem todas as virtudes necessárias para comungar com o Universo.”

Até aquele instante não haviam tocado nestes assuntos, e Brida não queria antecipar o momento adequado. Voltou a conversar sobre sua vida e sobre o que acontecia no mundo. Seu sexto sentido a alertou para evitar o nome de Lorens – não sabia o que estava acontecendo, não sabia por que o Mago lhe dedicava tanta atenção, mas precisava manter acesa esta chama. Poder em Maldição, dissera Wicca. Tinha um objetivo e ele era o único que podia ajudá-la a atingi-lo.

Passaram por alguns cordeiros, que deixavam, com seus pés, uma trilha engraçada na neve. Desta vez não havia pastor, mas os cordeiros pareciam saber aonde ir, e o que desejavam encontrar. O

Mago ficou um longo tempo contemplando os animais, como se 101

estivesse diante de algum grande segredo da Tradição do Sol, que Brida não conseguia entender.

À medida que a luz do dia ia acabando, ia acabando também o sentimento de terror e respeito que tomava conta dela sempre que encontrava aquele homem; pela primeira vez estava tranqüila e confiante ao seu lado. Talvez porque não precisasse mais demonstrar seus dons – já escutara a Voz, e seu ingresso no mundo daqueles homens e mulheres era apenas uma questão de tempo. Também ela pertencia ao caminho dos mistérios, e, a partir do momento em que escutou a Voz, o homem ao seu lado fazia parte do seu Universo.

Teve vontade de pegar nas mãos dele, pedir que lhe mostrasse um pouco da Tradição do Sol, da mesma maneira que costumava pedir a Lorens para lhe falar das estrelas antigas. Era uma maneira de dizer que estavam vendo a mesma coisa – de ângulos diferentes.

Algo lhe dizia que ele precisava disto, e não era a Voz misteriosa da Tradição da Lua, mas a voz inquieta, e às vezes tola, de seu coração. Uma voz que não costumava escutar muito, já que sempre a conduzia por caminhos que não conseguia entender.

Mesmo assim, as emoções eram cavalos selvagens, e pediam para serem ouvidas. Brida deixou que corressem soltas por algum tempo até que cansassem. As emoções contavam o quanto seria boa aquela tarde, se ela estivesse apaixonada por ele. Porque quando se apaixonava, era capaz de aprender tudo, e conhecer coisas que nem ousava pensar, porque o amor era a chave para a compreensão de todos os mistérios.

Imaginou muitas cenas de amor, até que assumiu de novo o controle de suas emoções. Então disse para si mesma que jamais poderia amar um homem como aquele. Porque ele entendia o Universo, e todos os sentimentos humanos ficavam pequenos quando vistos a distância.

Chegaram às ruínas de uma velha igreja. O Mago sentou-se num dos vários montes de pedra lavrada que se espalhavam pelo chão; Brida limpou a neve no parapeito de uma janela.

– Deve ser bom viver aqui, passar os dias em uma floresta, e à noite dormir numa casa aquecida – disse ela.

– Sim, é bom. Conheço o canto dos pássaros, sei ler os sinais de Deus, aprendi a Tradição do Sol e a Tradição da Lua.

“Mas estou só”, teve vontade de dizer. “E de nada adianta compreender o Universo inteiro quando se está só.”

Ali à sua frente, deitada no parapeito de uma janela, estava a sua Outra Parte. Ele podia ver o ponto de luz em cima do seu ombro esquerdo, e lamentou haver aprendido as Tradições. Porque talvez houvesse sido aquele ponto o que havia feito com que se apaixonasse por aquela mulher.

“Ela é inteligente. Pressentiu o perigo antes, e agora não quer mais saber dos pontos luminosos.”

– Ouvi o meu Dom. Wicca é uma excelente Mestra.

Era a primeira vez que ela puxava o assunto de magia aquela tarde.

– Esta Voz vai lhe ensinar os mistérios do mundo, os mistérios que estão presos no tempo, e que são levados de geração em geração pelas feiticeiras.

Falou sem prestar atenção às suas próprias palavras. Estava tentando lembrar-se quando encontrou sua Outra Parte pela primeira vez. As pessoas solitárias perdem o sentido do tempo, as horas são longas e os dias intermináveis. Mesmo assim, sabia que tinham estado juntos apenas duas vezes. Brida estava aprendendo tudo muito rápido.

– Conheço os rituais, e irei iniciar-me nos Grandes Mistérios quando chegar o Equinócio.

Sua tensão estava voltando.

– Existe, entretanto, uma coisa que ainda não sei. A Força que todos conhecem, que reverenciam como mistério.

O Mago entendeu por que ela veio aquela tarde. Não foi apenas para passear entre as árvores e deixar duas trilhas de pés na neve –

trilhas que se aproximavam a cada minuto.

Brida colocou a gola do casaco em torno do rosto. Não sabia se estava fazendo aquilo porque o frio era mais forte quando se pára de caminhar, ou se estava querendo esconder seu nervosismo.

– Quero aprender a despertar a força do sexo. Os cinco sentidos

– disse, finalmente. – Wicca não toca no assunto. Diz que, assim como eu descobri a Voz, descobrirei também isto.

Ficaram alguns minutos em silêncio. Ela pensava se devia estar tocando neste assunto justamente nas ruínas de uma igreja. Mas lembrou-se que existiam muitas maneiras de trabalhar a força. Os monges que viveram ali trabalharam pela abstinência – e entenderiam o que ela estava tentando dizer.

– Tenho procurado de todas as maneiras. Pressinto que existe um truque, como aquele truque do telefone, que ela usou com o *tarot*.

Algo que Wicca não quis me mostrar. Acho que ela aprendeu da maneira mais difícil, e quer que eu passe pelas mesmas dificuldades.

– Foi para isto que você me procurou? – interrompeu ele.

Brida olhou o fundo de seus olhos.

– Sim.

Esperou que a resposta o convencesse. Mas desde o momento em que o encontrara, já não tinha tanta certeza. O caminho pelo bosque nevado, a luz do sol refletida na neve, a conversa despreocupada sobre as coisas do mundo – tudo aquilo havia feito com que suas emoções galopassem como cavalos selvagens. Precisava convencer-se de novo que estava ali apenas em busca de um objetivo, e que iria atingi-lo de qualquer maneira. Porque Deus tinha sido mulher, antes de ser homem.

O Mago levantou-se do monte de pedras em que estava sentado, e andou até a única parede que ainda permanecia inteira. No meio desta parede havia uma porta, e ele encostou-se no umbral. A luz da tarde batia nas suas costas, Brida não conseguia ver o seu rosto.

– Existe uma coisa que Wicca não lhe ensinou – disse o Mago.

– Pode ter sido por esquecimento. Pode ter sido porque ela queria que descobrisse sozinha.

– Pois estou aqui. Descobrindo sozinha.

E perguntou a si mesma se, no fundo, não era exatamente este o plano de sua Mestra: fazer com que ela encontrasse aquele homem.

– Vou lhe ensinar – disse ele, finalmente. – Venha comigo.

Caminharam até um lugar onda as árvores eram mais altas e mais fortes. Brida reparou que em algumas delas havia escadas rústicas presas aos troncos. No alto de cada escada havia uma espécie de cabana.

"Aqui devem viver os eremitas da Tradição do Sol", pensou.

O Mago examinou cuidadosamente cada cabana, decidiu-se por uma e pediu que Brida subisse junto com ele.

Ela começou a subir. No meio do caminho sentiu medo, pois uma queda poderia ser fatal. Mesmo assim, resolveu seguir em frente; estava num lugar sagrado, protegido pelos espíritos da floresta. O

Mago não havia pedido licença, mas talvez na Tradição do Sol isto não fosse necessário.

Quando chegaram ao alto, ela deu um longo suspiro; havia vencido mais um de seus medos.

– É um bom lugar para lhe ensinar o caminho – disse ele. – Um lugar de tocaia.

– Um lugar de tocaia?

– São cabanas de caçadores. Precisam ser altas para que os animais não sintam o cheiro do homem.

"Durante o ano inteiro eles deixam comida aqui. Acostumam a caça a vir sempre neste local até que, um belo dia, a matam."

Brida reparou que havia alguns cartuchos vazios no chão.

Estava chocada.

– Olhe para baixo – disse ele.

Não havia espaço suficiente para duas pessoas, e o seu corpo quase tocava o dele. Levantou-se e olhou para baixo; a árvore devia ser a mais alta de todas, e ela podia ver as copas de outras árvores, o vale, as montanhas cobertas de neve no horizonte. Era um lugar lindo; ele não precisava dizer que era um lugar de tocaia.

O Mago removeu o teto de lona da cabana, e de repente o lugar foi inundado pelos raios de sol. Fazia frio, e pareceu a Brida que eles estavam num lugar mágico, no topo do mundo. Suas emoções queriam cavalgar de novo, mas ela precisava manter o controle total.

– Não era necessário trazer você aqui para explicar o que quer saber – disse o Mago. – Mas quis que você conhecesse um pouco mais desta floresta. No inverno, quando caça e caçador

estão longe, costumo subir nestas árvores e contemplar a Terra.

Ele estava mesmo querendo dividir o seu mundo com ela. O

sangue de Brida começou a correr mais rápido. Sentia-se em paz, 105

entregue a um daqueles momentos da vida quando a única alternativa possível é perder o controle.

– Toda a relação do homem com o mundo se faz através dos cinco sentidos. Mergulhar no mundo da magia é descobrir sentidos desconhecidos – e o sexo nos empurra para algumas destas portas.

Ele havia mudado subitamente de tom. Parecia um professor dando uma aula de biologia a um aluno. "Talvez seja melhor assim", pensou ela, sem estar muito convencida.

– Não importa se você está buscando a sabedoria ou o prazer na força do sexo; ele sempre será uma experiência total. Porque é a única atividade do homem que mexe – ou devia mexer – com os cinco sentidos ao mesmo tempo. Todos os canais com o próximo ficam ligados.

"No momento do orgasmo, os cinco sentidos somem, e você penetra no mundo da magia; não é mais capaz de ver, de escutar, de sentir o gosto, o tato, o cheiro. Durante aqueles longos segundos tudo desaparece, e um êxtase ocupa o lugar. Um êxtase absolutamente igual ao que os místicos atingem com anos de renúncia e disciplina."

Brida teve vontade de perguntar por que os místicos não procuravam isto através do orgasmo. Mas lembrou-se dos descendentes dos anjos.

– O que empurra a pessoa para este êxtase são os cinco sentidos.

Quanto mais eles forem estimulados, mais forte será o empurrão. E

seu êxtase será mais profundo. Entende?

Claro. Ela estava entendendo tudo, e fez que sim com a cabeça.

Mas tal pergunta a deixou mais distante. Gostaria que ele estivesse ao seu lado, como quando caminharam pela floresta.

– É só isso – disse ele.

– Mas isto eu sei, e mesmo assim não consigo! – Brida não podia falar de Lorens. Pressentia que era perigoso. – Você me disse que existia um modo de se atingir isto!

Estava nervosa. As emoções começavam a cavalgar, e ela estava perdendo o controle.

O Mago olhou de novo a floresta lá embaixo. Brida perguntou a si mesma se também ele

estava lutando contra as emoções. Mas não queria e não devia acreditar no que estava pensando.

Ela sabia o que era a Tradição do Sol. Ela sabia que seus Mestres ensinavam através do espaço, do momento. Pensou nisto 106

antes de procurá-lo. Imaginou que podiam estar juntos, como estavam agora – sem ninguém por perto. Assim eram os Mestres da Tradição do Sol – sempre ensinando através da ação, e nunca deixando que a teoria fosse mais importante. Havia pensado tudo isto antes de vir até a floresta. E viera mesmo assim, porque agora seu caminho era mais importante que qualquer coisa. Precisava continuar a tradição de suas muitas vidas.

Mas ele estava se comportando como Wicca, que apenas falava das coisas.

– Me ensine – disse ela mais uma vez.

O Mago estava com os olhos fixos nas copas desfolhadas e cobertas de neve. Podia naquele momento esquecer que era um Mestre, e ser apenas um Mago, um homem como todos os outros homens. Sabia que a Outra Parte estava à sua frente. Podia falar da luz que estava vendo, ela ia acreditar, e o reencontro estava consumado.

Mesmo que saísse chorando e revoltada, acabaria voltando, porque ele estava dizendo a verdade – e assim como ele precisava dela, ela também precisava dele. Era esta a sabedoria das Outras Partes – uma nunca deixava de reconhecer a outra.

Mas ele era um Mestre. E um dia, numa aldeia da Espanha, fizera um juramento sagrado. Entre outras coisas, este juramento dizia que nenhum Mestre podia induzir alguém a fazer uma escolha.

Cometeu este erro uma vez, e por causa disto ficara tantos anos exilado do mundo. Agora era diferente, mas, mesmo assim, não queria arriscar. "Posso renunciar à Magia por ela", pensou por alguns instantes, e logo deu-se conta da tolice de seu pensamento. Não era este tipo de renúncia que o Amor precisava. O verdadeiro Amor permitia que cada um seguisse seu próprio caminho – sabendo que isto jamais afastava as Partes.

Precisava ter paciência. Precisava continuar olhando os pastores, e sabendo que, mais cedo ou mais tarde, os dois estariam juntos. Esta era a Lei. Acreditara nisto toda a sua vida.

– O que você está pedindo é simples – disse ele finalmente.

Continuava senhor de si; a disciplina havia vencido.

“Faça com que, quando você tocar o outro, os cinco sentidos já estejam funcionando. Porque o sexo tem vida própria. A partir do momento que começa, você não o controla mais – é ele que passa a controlar você. E o que você carregou para ele – seus medos, seus desejos, sua sensibilidade – irá permanecer o tempo todo. Por isso as pessoas se tornam impotentes. No sexo, leve para a cama apenas o amor e os cinco sentidos já funcionando. Só assim você experimentará a comunhão com Deus.”

Brida contemplou os cartuchos espalhados no chão. Não demonstrou nada do que estava sentindo. Afinal, já sabia o truque. E –

disse para si mesma – era a única coisa que a interessava.

– Isto é tudo que posso lhe ensinar.

Ela continuava quieta. Os cavalos selvagens estavam sendo domados pelo silêncio.

– Respire sete vezes tranqüilamente, faça com que seus cinco sentidos estejam funcionando antes do contato físico. Dê tempo ao tempo.

Era um Mestre da Tradição do Sol. Havia ultrapassado mais uma prova. Sua Outra Parte estava também fazendo com que ele aprendesse muitas coisas.

“Já lhe mostrei a vista daqui de cima. Podemos descer.”

108

Ficou olhando distraída as crianças que brincavam na praça.

Alguém lhe dissera certa vez que toda cidade tem sempre um “lugar mágico”, um lugar onde costumamos ir quando precisamos pensar sério a respeito da vida. Aquela praça era o seu “lugar mágico” em Dublin. Tinha alugado ali perto o seu primeiro apartamento, quando chegou à cidade grande cheia de sonhos e de expectativa. Naquela época, seu projeto de vida era matricular-se no Trinity College e tornar-se catedrática em Literatura. Ficava muito tempo sentada naquele banco onde estava agora, escrevendo poesias e tentando comportar-se como os seus ídolos literários se comportavam.

Mas o dinheiro que seu pai remetia era pouco, e precisou arranjar o emprego na firma de exportações. Não lamentava isto; estava contente com o que fazia, e, neste momento, o emprego era uma das coisas mais importantes de sua vida – porque era ele que dava o sentido de realidade a tudo, e fazia com que ela não enlouquecesse. Ele permitia o equilíbrio precário entre o mundo visível e o invisível.

As crianças brincavam. Todas aquelas crianças – como também ela, um dia, escutaram histórias de fadas e bruxas, onde as feiticeiras se vestem de negro e oferecem maçãs envenenadas a pobres meninas perdidas na floresta. Nenhuma daquelas crianças podia imaginar que ali, observando suas brincadeiras, estava uma feiticeira de verdade.

Naquela tarde, Wicca pedira que fizesse um exercício que nada tinha a ver com a Tradição da Lua; qualquer pessoa podia obter resultados. Entretanto, ela precisava executá-lo para manter sempre funcionando a ponte entre o visível e o invisível.

A prática era simples: devia deitar-se, relaxar, e imaginar uma rua comercial da cidade. Então, concentrada, olhar para uma vitrine da rua, que estava imaginando, guardando todos os detalhes –

mercadorias, preços, arrumação. Depois que o exercício terminasse, precisava ir até a rua e conferir tudo.

Agora estava ali olhando as crianças. Acabava de voltar da loja, e as mercadorias que imaginou em sua concentração eram exatamente as mesmas. Perguntou se aquilo era realmente um exercício para pessoas comuns, ou se os seus meses de treinamento como feiticeira ajudaram no resultado. Jamais saberia a resposta.

Mas a rua do exercício ficava perto do seu “lugar mágico”.

“Nada é por acaso”, pensou. Seu coração andava aflito, por causa de 109

algo que não conseguia resolver direito: o Amor. Amava Lorens, tinha certeza disto. Sabia que quando manejasse bem a Tradição da Lua, veria o ponto luminoso em cima do ombro

esquerdo dele. Numa das tardes que saíram juntos para tomar chocolate quente perto da torre que serviu de inspiração a James Joyce em *Ulisses*, ela pôde reparar o brilho nos olhos dele.

O Mago tinha razão. A Tradição do Sol era o caminho de todos os homens, e estava ali para ser decifrada por qualquer pessoa que soubesse rezar, ter paciência, e desejar seus ensinamentos. Quanto mais ela mergulhava na Tradição da Lua, mais entendia e admirava a Tradição do Sol.

O Mago. Estava de novo pensando nele. Era este o problema que a conduzira até seu "lugar mágico". Desde o encontro na cabana dos caçadores, pensava nele com freqüência. Agora mesmo estava querendo ir até lá, falar do exercício que acabara de fazer; mas sabia que isto era apenas um pretexto, esperança que ele a convidasse de novo para passear na floresta. Tinha a certeza de que seria bem recebida, e começava a acreditar que ele, por alguma misteriosa razão

– que ela nem ousava pensar qual era – também gostava da companhia dela.

"Sempre tive esta tendência ao delírio total", pensou, procurando tirar o Mago da cabeça. Mas sabia que daqui a pouco ele voltaria.

Não queria continuar. Era uma mulher, e conhecia bem os sintomas de uma nova paixão; precisava evitar isto a qualquer custo.

Amava Lorens, desejava que as coisas continuassem assim. Seu mundo já havia mudado o suficiente.

110

Sábado de manhã Lorens telefonou.

– Vamos dar um passeio – disse. – Vamos aos rochedos.

Brida preparou alguma coisa para comer, e enfrentaram juntos quase uma hora num ônibus com a calefação defeituosa. Por volta de meio-dia chegaram ao povoado.

Brida estava emocionada. Em seu primeiro ano de Literatura na Faculdade, lera muito sobre o poeta que viveu ali no século passado.

Era um homem misterioso, grande conhecedor da Tradição da Lua, que participou de sociedades secretas e havia deixado em seus livros a mensagem oculta daqueles que buscam o caminho espiritual.

Chamava-se W. B. Yeats. Ela lembrou de alguns de seus versos, versos que pareciam feitos para aquela manhã fria, com as gaivotas sobrevoando os barcos ancorados no pequeno porto:

"*eu semeei meus sonhos onde você está pisando agora;*

pise suavemente, porque você está pisando nos meus sonhos."

Entraram no único bar do lugarejo, tomaram um uísque para agüentar melhor o frio, e saíram em direção aos rochedos. A pequena rua asfaltada logo deu lugar a uma subida e, meia hora depois, eles chegaram ao que os habitantes locais chamavam de "falésias". Era um promontório composto de formações rochosas, que acabavam num abismo em frente ao mar. Um caminho circundava os rochedos; andando sem pressa, dariam a volta inteira nas falésias em menos de quatro horas; depois era só pegar um ônibus e voltar para Dublin.

Brida estava encantada com o programa; por mais emoções que a vida estivesse lhe reservando aquele ano, era sempre difícil agüentar o inverno. Tudo que fazia era ir ao trabalho de dia, à Faculdade de noite, e ao cinema nos finais de semana. Executava os rituais sempre nas horas marcadas, e dançava conforme Wicca lhe havia ensinado.

Mas tinha vontade de estar no mundo, sair de casa e ver um pouco de natureza.

O tempo estava nublado, as nuvens baixas, mas o exercício físico e a dose de uísque conseguiam disfarçar o frio. A trilha era estreita demais para que os dois andassem lado a lado; Lorens ia na frente, e Brida seguia alguns metros atrás. Era difícil conversar nestas circunstâncias. Mesmo assim, de vez em quando, conseguiam trocar algumas palavras, o suficiente para que um sentisse que o outro estava perto, compartilhando da natureza que os cercava.

Ela olhava, com fascínio infantil, a paisagem à sua volta.

Aquele cenário devia ser o mesmo há milhares de anos atrás, numa época em que não existiam cidades, nem portos, nem poetas, nem garotas que buscavam a Tradição da Lua; naquele tempo existiam apenas as rochas, o mar estourando lá embaixo, e as gaivotas passeando pelas nuvens baixas. De vez em quando Brida olhava o precipício, e sentia uma leve vertigem. O mar dizia coisas que não compreendia, as gaivotas faziam desenhos que não conseguia acompanhar. Ainda assim, olhava para aquele mundo primitivo, como se ali estivesse guardado, mais que em todos os livros que lia, ou em todos os rituais que praticava, a verdadeira sabedoria do Universo. À

medida que se afastavam do porto, todo o resto ia perdendo importância – seus sonhos, seu cotidiano, sua busca. Ficava apenas aquilo que Wicca chamou de "a assinatura de Deus".

Sobrava apenas aquele momento primitivo, junto às forças puras da natureza – a sensação de estar viva, ao lado de alguém que amava.

Depois de quase duas horas de caminho, a trilha se alargou, e eles resolveram sentar juntos para descansar. Não podiam demorar muito; o frio em breve ia se tornar insuportável e eles teriam que movimentar-se. Mas ela estava com vontade de ficar pelo menos alguns instantes ao lado dele, olhando as nuvens e escutando o barulho do mar.

Brida sentiu o cheiro da maresia no ar, e o gosto do sal na boca.

Seu rosto, colado no casaco de Lorens, estava aquecido. Era um momento intenso, de existência plena. Seus cinco sentidos estavam funcionando.

Seus cinco sentidos estavam funcionando.

Numa fração de segundo, ela pensou no Mago e o esqueceu.

Tudo que lhe interessava agora era os cinco sentidos. Precisavam continuar funcionando. Ali estava o momento.

– Quero falar com você, Lorens.

Lorens murmurou qualquer coisa, mas seu coração teve medo.

Enquanto olhava as nuvens e o precipício, entendeu que aquela mulher era a coisa mais importante de sua vida. Que ela era uma explicação, o único motivo daquelas rochas, daquele céu, daquele inverno. Se ela não estivesse ali com ele, não importava que todos os anjos do céu descessem em revoada para confortá-lo – o Paraíso não faria qualquer sentido.

– Quero dizer que te amo – Brida falou com suavidade. –

Porque você me mostrou a alegria do amor.

Sentia-se plena, total, com toda aquela paisagem penetrando em sua alma. Ele começou a acariciar os cabelos dela. E ela teve certeza de que, se corresse riscos, poderia experimentar um amor que jamais havia experimentado.

Brida beijou-o. Sentiu o gosto de sua boca, o toque de sua língua. Era capaz de perceber cada movimento, e pressentia que o mesmo se passava com ele – porque a Tradição do Sol se revelava sempre a todos que olhassem o mundo como se o estivesse vendo pela primeira vez.

– Quero te amar aqui, Lorens.

Ele, numa fração de segundo, pensou que estavam num caminho público, que alguém podia passar, alguém louco o suficiente para andar por ali em pleno inverno. Mas quem fosse capaz disto, também seria capaz de entender que certas forças, quando colocadas em marcha, não podem mais ser interrompidas.

Colocou as mãos sob o suéter dela, e sentiu os seios. Brida estava completamente entregue – todas as forças do mundo penetravam por seus cinco sentidos, e se transformavam na energia que tomava conta dela. Os dois se deitaram no chão, entre a rocha, o precipício, o mar, entre a vida das gaivotas lá em cima e a morte nas pedras lá embaixo. Começaram a se amar sem medo, porque Deus protegia os inocentes.

Não sentiam mais frio. O sangue corria com tal velocidade que ela arrancou parte de suas roupas, e ele fez o mesmo. Não havia mais dor; joelhos e costas se arranhavam no chão pedregoso, mas aquilo fazia parte e completava o prazer. Brida soube que o orgasmo se aproximava, mas foi um sentimento muito distante, porque ela estava completamente ligada ao mundo, seu corpo e o corpo de Lorens se misturavam com o mar, as pedras, a vida e a morte. Ficou neste estado o tempo que foi possível, enquanto uma outra parte sua percebia, ainda que de forma muito vaga, que ela estava fazendo coisas que jamais fizera antes. Mas era o reencontro de si mesma com o sentido da vida, era a volta aos jardins do Éden, era o momento em que Eva tornava a entrar em Adão e as duas Partes se transformavam na Criação.

De repente, já não podia mais controlar o mundo à sua volta, seus cinco sentidos pareciam querer soltar-se, e não lhe sobravam forças para segurá-los. Como se um raio sagrado a atingisse, ela

soltou-os, e o mundo, as gaivotas, o gosto de sal, a terra áspera, o cheiro do mar, a visão das nuvens, tudo desapareceu por completo –

em seu lugar apareceu uma imensa luz dourada, que crescia, crescia, até conseguir tocar a

mais distante estrela da galáxia.

Foi descendo lentamente daquele estado, e o mar e as nuvens tornaram a aparecer. Mas tudo estava imerso numa vibração de profunda paz, a paz de um universo que, nem que seja por alguns instantes, passa a ter uma explicação, porque ela estava comungando com o mundo. Havia descoberto mais uma ponte que ligava o visível ao invisível, e nunca mais ia esquecer o caminho.

114

No dia seguinte telefonou para Wicca. Contou o que havia acontecido, e a outra ficou algum tempo em silêncio.

– Parabéns – disse, finalmente. – Você conseguiu.

Explicou que a força do sexo, a partir daquele instante, ia causar profundas transformações na sua maneira de ver e sentir o mundo.

– Você está preparada para a festa do Equinócio. Só precisa de mais uma coisa.

– Mais uma coisa? Mas você disse que era só isto!

– Uma coisa fácil. Você tem que sonhar com um vestido. O

vestido que vai usar no dia.

– E se eu não conseguir?

– Vai sonhar. O mais difícil você já conseguiu.

E mudou de assunto de repente, como costumava fazer com freqüência. Disse que havia comprado um carro novo, que gostaria de fazer algumas compras. Queria saber se Brida podia acompanhá-la.

Brida ficou orgulhosa com o convite, e pediu permissão ao chefe para sair mais cedo do trabalho. Era a primeira vez que Wicca demonstrava algum tipo de afeto por ela – mesmo que fosse apenas sair para fazer compras. Tinha consciência de que muitos outros discípulos adorariam, naquele momento, estar em seu lugar.

Quem sabe, durante aquela tarde, poderia demonstrar o quanto Wicca era importante para ela, e como gostaria que fosse sua amiga.

Era difícil para Brida separar a amizade da busca espiritual, e se ressentia porque até então a Mestra não havia demonstrado qualquer tipo de interesse por sua vida. Suas conversas nunca iam além do estritamente necessário para que ela pudesse realizar um bom trabalho na Tradição da Lua.

Na hora marcada, Wicca estava esperando dentro de um carro MG conversível, vermelho, com a capota arriada. O carro, um modelo clássico da indústria automobilística britânica, estava excepcio-nalmente bem conservado, a lataria brilhante e o painel de madeira encerado. Brida não ousou calcular o seu preço. A idéia de que uma feiticeira pudesse ter um automóvel tão caro como aquele a assustava um pouco. Antes de conhecer a Tradição da Lua, havia escutado por toda a sua infância que as bruxas faziam terríveis pactos com o demônio, em troca de dinheiro e poder.

– Não acha que está um pouco frio para andarmos sem capota?

– perguntou enquanto entrava.

– Não posso esperar até o verão – respondeu Wicca. –

Simplesmente não posso. Estou morrendo de vontade de andar assim.

Que bom. Pelo menos nisto, era uma pessoa normal.

Saíram pelas ruas, recebendo olhares admirados das pessoas mais velhas e alguns assovios e galanteios dos homens.

– Fico contente que esteja preocupada em não sonhar com o vestido – disse Wicca. Brida já se esquecera da conversa ao telefone.

“Nunca deixe de ter dúvidas. Quando as dúvidas param de existir, é porque você parou em sua caminhada. Então vem Deus e desmonta tudo, porque é assim que Ele controla os seus eleitos; fazendo com que percorram sempre, por inteiro, o caminho que precisam percorrer. Ele nos obriga a andar quando paramos por qualquer razão – comodismo, preguiça, ou a falsa sensação de que já sabemos o necessário.

“Mas tome cuidado com uma coisa: jamais deixe que as dúvidas paralisem suas ações. Tome sempre todas as decisões que precisar tomar, mesmo sem ter segurança ou certeza de que está decidindo corretamente. Ninguém erra quando está agindo, se, ao tomar suas decisões, mantiver sempre em mente um velho provérbio alemão, que a Tradição da Lua trouxe até os dias de hoje. Se você não esquecer este provérbio, sempre pode transformar uma decisão errada numa decisão certa.

“E o provérbio é este: *o diabo mora nos detalhes*.”

Wicca parou de repente numa oficina mecânica.

– Existe uma superstição a respeito deste provérbio – disse. –

Ele só chega até nós quando precisamos dele. Acabei de comprar o carro, e o diabo mora nos detalhes.

Saltou do automóvel assim que o mecânico se aproximou.

– Está com a capota quebrada, senhora?

Wicca não se deu ao trabalho de responder. Pediu que ele fizesse uma revisão completa de tudo. Havia uma loja de doces do outro lado da rua; enquanto o mecânico olhava o MG, foram até lá tomar um chocolate quente.

– Repare no mecânico – disse Wicca, enquanto as duas olhavam através da vitrine da loja a oficina. Ele estava parado diante do motor aberto do carro, sem fazer qualquer movimento.

“Não está tocando em nada. Apenas contempla. Tem anos nesta profissão, e sabe que o carro fala com ele uma linguagem especial.

Não é seu raciocínio que está atuando agora – é a sua sensibilidade.”

De repente, o mecânico foi direto em algum lugar do motor, e começou a mexer.

– Acertou o defeito – continuou Wicca. – Não perdeu tempo nenhum, porque a comunicação entre ele e a máquina é perfeita. São assim todos os bons mecânicos que eu conheço.

“E os que eu conheço também”, pensou Brida. Mas ela sempre achava que agiam desta maneira porque não sabiam por onde começar. Nunca se deu o trabalho de reparar que eles sempre começavam pelo lugar certo.

– Por que estas pessoas, que têm a sabedoria do Sol em suas vidas, jamais tentam compreender as perguntas fundamentais do Universo? Por que preferem ficar consertando motores, ou servindo café nos bares?

– E o que faz você pensar que nós, com todo o nosso caminho e nossa dedicação, compreendemos o Universo melhor que os outros?

“Tenho muitos discípulos. São pessoas absolutamente iguais a todas as outras, que choram no cinema e se desesperam com o atraso dos filhos, mesmo sabendo que a morte não existe. A bruxaria é apenas uma das formas de estar perto da Sabedoria Suprema – mas qualquer coisa que o homem faça pode levá-lo até lá; desde que trabalhe com amor no coração. As feiticeiras podem conversar com a Alma do Mundo, enxergar a luz no ombro esquerdo de nossa Outra Parte, e contemplar o infinito através do brilho e do silêncio de uma vela. Mas não entendemos de motores de automóveis. Assim como os mecânicos precisam de nós, também precisamos dos mecânicos. Eles têm a sua ponte para o invisível num motor de carro; a nossa é na Tradição da Lua. Mas o invisível é o mesmo.

“Faça a sua parte e não se preocupe com os outros. Acredite que Deus também fala com eles, e que eles estão tão empenhados quanto você em descobrir o sentido desta vida.

– O carro está direito – disse o mecânico, assim que as duas voltaram da loja de doces. – Mas a senhora evitou um grande problema; uma mangueira estava prestes a estourar.

Wicca reclamou um pouco do preço, mas agradeceu por haver se lembrado do provérbio.

Foram fazer compras numa das principais ruas de comércio em Dublin – exatamente aquela que Brida havia mentalizado no exercício da vitrine. Sempre que a conversa girava para assuntos particulares, Wicca saía-se com respostas vagas ou evasivas. Mas falava com grande entusiasmo sobre os assuntos triviais – os preços, as roupas, o mau humor das vendedoras. Gastou algum dinheiro aquela tarde, geralmente em coisas que revelavam um sofisticado bom gosto.

Brida sabia que ninguém pergunta a outra pessoa de onde vem o dinheiro que está gastando. Sua curiosidade era tanta, porém, que quase violou as mais elementares normas da educação.

Terminaram a tarde no restaurante japonês mais tradicional da cidade, diante de uma travessa de sashimi.

– Que Deus abençoe nossa comida – disse Wicca.

"Somos navegantes num mar que não conhecemos; que Ele conserve sempre nossa coragem em aceitar este mistério."

– Mas você é uma Mestra da Tradição da Lua – comentou Brida. – Você conhece as respostas.

Wicca ficou um momento contemplando a comida, com um olhar distante.

– Sei viajar entre o presente e o passado – disse depois de algum tempo. – Conheço o mundo dos espíritos, e já entrei em comunhão total com forças tão deslumbrantes que as palavras de todas as línguas são insuficientes para descrever. Talvez possa dizer que possuo o conhecimento silencioso da caminhada que trouxe a raça humana até este momento.

"E porque conheço tudo isto, e sou uma Mestra, sei também que nunca, mas nunca mesmo, saberemos a razão final de nossa existência. Poderemos saber como, onde, quando, e de que maneira estamos aqui. Mas a pergunta para quê? é, e será sempre, uma pergunta sem resposta. O objetivo central do grande Arquiteto do Universo é apenas Dele, e de ninguém mais."

Um silêncio parecia haver tomado conta do ambiente.

– Agora, enquanto estamos aqui comendo, noventa e nove por cento das pessoas deste planeta lidam, à sua maneira, com esta pergunta. Para quê estamos aqui? Muitas pensam que descobriram a resposta em suas religiões, ou no seu materialismo. Outras se desesperam, e gastam sua vida e sua fortuna tentando entender este significado. Algumas poucas deixaram que esta pergunta passasse em

branco, e vivem apenas o momento, sem se preocupar com os resultados e as conseqüências.

"Só os corajosos, e os que conhecem a Tradição do Sol e a Tradição da Lua, conhecem a

única resposta possível a esta pergunta: NÃO SEI.

“Isto, no primeiro momento, pode parecer assustador, e nos deixar desamparados diante do mundo, das coisas do mundo, e do próprio sentido de nossa existência. Entretanto, depois de passado o primeiro susto, vamos gradualmente nos acostumando à única solução possível, seguir nossos sonhos. Ter coragem de dar os passos que sempre desejamos é a única maneira de mostrar que confiamos em Deus.

“No instante em que aceitamos isto, a vida passa a ter para nós um sentido sagrado e experimentamos a mesma emoção que a Virgem experimentou quando, numa tarde qualquer de sua existência comum, apareceu um estranho e lhe fez uma oferta. ‘Seja feita a vossa vontade’, disse a Virgem. Porque ela havia compreendido que a maior grandeza que um ser humano pode experimentar é a aceitação do Mistério.”

Depois de um longo instante de silêncio, Wicca pegou de novo os talheres e voltou a comer. Brida olhava para ela, orgulhosa de estar ao seu lado. Já não pensava mais nas perguntas que jamais faria, se ganhava dinheiro, ou se era apaixonada por alguém, ou sentia ciúmes de um homem. Pensava na grandeza de alma dos verdadeiros sábios.

Sábios que passaram a vida inteira procurando uma resposta que não existia e, ao perceberem isto, não falsificaram explicações. Passaram a viver, com humildade, num Universo que nunca poderiam entender.

Mas podiam participar, e a única maneira possível era seguindo os próprios desejos, os próprios sonhos – porque era através disto que o homem se transformava num instrumento de Deus.

– Então, de que vale procurar? – perguntou ela.

– Não procuramos. Aceitamos, e então a vida passa a ser muito mais intensa e mais brilhante, porque entendemos que cada passo nosso, em todos os minutos da vida, tem um significado maior do que nós mesmos. Entendemos que, em algum lugar do tempo e do espaço, esta pergunta está respondida. Entendemos que existe um motivo para estarmos aqui, e isto basta.

120

“Mergulhamos na Noite Escura com fé, cumprimos o que os antigos alquimistas chamavam de Lenda Pessoal, e nos entregamos por inteiro a cada instante, sabendo que sempre existe uma mão que nos guia: cabe a nós aceitá-la ou não.”

Naquela noite, Brida passou horas escutando música, entregue por completo ao milagre de estar viva. Lembrou-se dos seus autores favoritos. Um deles, com uma simples frase, lhe forneceu toda a fé necessária para que saísse em busca da sabedoria. Era um poeta inglês, de muitos séculos atrás, que se chamava William Blake. Ele escreveu:

"*Toda pergunta que pode ser concebida tem uma resposta*."

Era hora de fazer um ritual. Devia ficar os próximos minutos contemplando a chama da vela, e sentou-se diante do pequeno altar em sua casa. A vela transportou-a para a tarde em que ela e Lorens tinham feito amor nos rochedos. Havia gaivotas voando tão alto como as nuvens, e tão baixo como as ondas.

Os peixes deviam perguntar a si mesmos como era possível voar, porque de vez em quando algumas criaturas misteriosas mergulhavam no seu mundo e desapareciam da mesma maneira que haviam entrado.

Os pássaros deviam perguntar como era possível respirar dentro da água, porque se alimentavam de animais que viviam debaixo das ondas.

Existiam pássaros e existiam peixes. Eram universos que de vez em quando se comunicavam, sem que um pudesse responder as perguntas do outro. Entretanto, ambos tinham perguntas. E as perguntas tinham respostas.

Brida olhou a vela à sua frente, e uma atmosfera mágica começou a criar-se ao seu redor. Isto normalmente acontecia, mas naquela noite havia uma intensidade diferente.

Se ela era capaz de fazer uma pergunta, é porque, em outro Universo, havia uma resposta. Alguém sabia, mesmo que ela jamais soubesse. Não precisava mais entender o significado da vida; bastava encontrar-se com o Alguém que sabia. E, então, dormir nos seus braços o mesmo sono que uma criança dorme, porque sabe que alguém mais forte que ela a está protegendo de todo o mal e de todo o perigo.

Quando acabou o ritual, fez uma pequena prece agradecendo os passos que dera até então. Agradeceu porque a primeira pessoa a quem perguntara sobre magia, não havia tentado explicar-lhe o 122

Universo – ao invés, fez com que passasse a noite inteira na escuridão da floresta.

Precisava ir lá, agradecer a ele tudo que lhe havia ensinado.

Sempre que procurava este homem, estava em busca de alguma coisa; quando conseguia, tudo que fazia era ir embora, muitas vezes sem se despedir. Mas foi aquele homem que a colocou em frente à porta que pretendia cruzar no próximo Equinócio. Precisava pelo menos dizer

“obrigada”.

Não, não tinha medo de se apaixonar por ele. Já lera nos olhos de Lorens coisas sobre o lado oculto de sua própria alma.

Podia ter dúvidas sobre o sonho do vestido, mas, quanto ao seu amor, isto estava claro para ela.

– Obrigada por aceitar meu convite – disse ela para o Mago assim que sentaram. Estavam no único bar da aldeia, no mesmo local onde ela percebeu o estranho brilho nos olhos dele.

O Mago não disse nada. Reparou que a energia dela estava completamente mudada; havia conseguido despertar a Força.

– No dia em que fiquei sozinha na floresta, prometi que voltaria para agradecer ou amaldiçoar você. Prometi que voltaria quando soubesse o meu caminho. Entretanto, não cumpri nenhuma das promessas que fiz; vim sempre em busca de ajuda, e você jamais me deixou sozinha quando precisei.

"Talvez seja pretensão minha, mas quero que saiba que você foi um instrumento da mão de Deus. E gostaria que fosse meu convidado esta noite."

Ela ia pedir os dois uísques de sempre, mas ele levantou-se, foi até o bar, e voltou trazendo uma garrafa de vinho, uma de água mineral, e dois copos.

– Na Antiga Pérsia – falou –, quando duas pessoas se encontravam para beber juntas, uma das duas era eleita o Rei da Noite.

Geralmente era a pessoa que convidava.

Não sabia se sua voz estava soando firme. Era um homem apaixonado, e a energia de Brida havia mudado.

Empurrou para a frente dela o vinho e a água mineral.

– Cabia ao Rei da Noite decidir o tom da conversa. Se ele colocasse, no primeiro copo a ser bebido, mais água que vinho, é porque iam falar de coisas sérias. Se colocasse em quantidades iguais, iriam falar de coisas sérias e de coisas agradáveis. Finalmente, se ele enchesse o copo de vinho e deixasse cair apenas algumas gotas de água, a noite deveria ser relaxante, agradável.

Brida encheu as taças até a borda e pingou apenas uma gota de água em cada uma.

– Vim só para agradecer – repetiu. – Por me ensinar que a vida é um ato de fé. E que eu sou digna desta busca. Isto tem me ajudado muito no caminho que escolhi.

Beberam juntos, de um só gole, a primeira taça. Ele porque estava tenso. Ela, porque estava relaxada.

– Assuntos leves, não é? – repetiu Brida.

O Mago disse que ela era o Rei da Noite, e decidiria o que conversar.

– Quero saber um pouco da sua vida pessoal. Quero saber se você, algum dia, teve qualquer caso de amor com Wicca.

Ele fez que sim com a cabeça. Brida sentiu um inexplicável ciúme – mas não sabia se era ciúmes dele, ou ciúmes dela.

– Entretanto, nunca pensamos em ficar juntos – continuou ele.

Os dois conheciam as Tradições. Ambos sabiam que não estavam lidando com a sua Outra Parte.

“Não queria nunca aprender a visão do ponto luminoso”, pensou Brida, mesmo sabendo que isto era inevitável. O amor entre os bruxos tinha destas coisas.

Bebeu mais um pouco. Estava chegando perto do seu objetivo, faltava pouco para o Equinócio da Primavera, e podia relaxar. Há muito tempo não dava a si mesma permissão para beber além da conta. Mas agora, tudo que faltava era sonhar com um vestido.

Continuaram conversando e bebendo. Brida queria voltar de novo ao assunto, mas precisava que também ele estivesse mais à vontade. Mantinha sempre os dois copos cheios, e a primeira garrafa terminou no meio de uma conversa sobre as dificuldades de viver numa aldeia pequena como aquela. Para as pessoas dali, o Mago estava ligado ao demônio.

Brida ficou contente de estar sendo importante: ele devia ser muito solitário. Talvez ninguém naquela cidade lhe dirigisse mais do que palavras de cortesia. Abriram uma outra garrafa, e ela ficou surpresa ao ver que também um Mago, um homem que passava o dia inteiro nas florestas em busca de sua comunhão com Deus, era capaz de beber e de se embriagar.

Quando acabou a segunda garrafa, já havia esquecido de que estava ali apenas para agradecer ao homem à sua frente. A sua relação com ele – ela percebia agora – era sempre um desafio velado. Não gostaria de vê-lo como uma pessoa comum, e estava caminhando perigosamente para isso. Preferia a imagem do sábio que a conduziu até uma cabana no alto das árvores, e que ficava horas contemplando o pôr-do-sol.

Começou a falar de Wicca, para ver se ele reagia de alguma maneira. Contou que ela era uma excelente Mestra, que lhe ensinou tudo que precisava saber até aquele momento – mas de uma maneira tão sutil que ela sentia que sempre soube tudo o que estava aprendendo.

– Mas você sempre soube – disse o Mago. – Isto é a Tradição do Sol.

“Sei que ele não admite que Wicca seja uma boa Mestra”, pensou Brida. Bebeu mais uma taça de vinho e continuou a falar de sua Mestra. O Mago, entretanto, não reagia mais.

– Me fale do amor entre vocês – disse ela, para ver se conseguia provocá-lo. Não queria saber, aliás, não gostaria de saber. Mas era a maneira mais adequada de conseguir qualquer reação.

– Amor de jovens. Fazíamos parte de uma geração que não conhecia limites, que amava os Beatles e os Rolling Stones.

Ela ficou surpresa ao ouvir aquilo. A bebida, ao invés de relaxá-

la, estava fazendo com que ficasse tensa. Sempre quis fazer estas perguntas, e agora estava se dando conta de que não estava feliz com as respostas.

– Foi nesta época que nos encontramos – continuou ele a falar, sem perceber nada. – Ambos estavam buscando os seus caminhos e eles se cruzaram, quando fomos aprender com o mesmo Mestre.

Juntos tomamos conhecimento da Tradição do Sol, da Tradição da Lua, e cada um se tornou um Mestre à sua maneira.

Brida decidiu continuar o assunto. Duas garrafas de vinho conseguem transformar estranhos em amigos de infância. E deixa as pessoas corajosas.

– Por que se afastaram?

Foi a vez do Mago pedir mais uma garrafa. Ela notou isto e ficou mais tensa. Odiaria saber que ele ainda estava apaixonado por Wicca.

– Nos afastamos porque aprendemos sobre a Outra Parte.

– Se vocês não soubessem dos pontos luminosos, nem do brilho nos olhos, estariam juntos até hoje?

– Não sei. Sei apenas que, se estivéssemos, não seria nada bom para nenhum dos dois. Só entendemos a vida e o Universo quando encontramos nossa Outra Parte.

Brida ficou algum tempo sem ter o que dizer. Foi o Mago quem retomou a conversa:

– Vamos sair – disse ele, depois de apenas provar o conteúdo da terceira garrafa. – Preciso de vento e de ar frio no rosto.

– “Ele está ficando embriagado”, pensou ela. “E está com medo.” Sentiu orgulho de si mesma

– podia resistir mais que ele à bebida, e não tinha o menor receio de perder o controle. Tinha saído naquela noite para divertir-se.

– Um pouco mais. Eu sou o Rei da Noite.

126

O Mago bebeu mais uma taça. Mas sabia que tinha chegado ao seu limite.

– Você não pergunta nada sobre mim – disse ela, desafiadora. –

Não tem nenhuma curiosidade? Ou pode ver através dos seus poderes?

Por uma fração de segundo, sentiu que estava indo longe demais, mas não deu importância. Apenas reparou que os olhos do Mago haviam mudado, estavam com um brilho completamente diferente. Alguma coisa em Brida pareceu se abrir – ou melhor, teve a sensação de que havia uma muralha caindo, que dali em diante tudo seria permitido. Lembrou-se da vez mais recente em que estiveram juntos, da vontade de ficar perto dele, e da frieza com que ele a havia tratado. Agora entendia que não tinha ido ali, aquela noite, para agradecer nada. Estava ali para se vingar. Para dizer a ele que havia descoberto a Força com outro homem, um homem que amava.

“Por que preciso me vingar dele? Por que tenho raiva dele?”

Mas o vinho não a deixava responder com clareza.

O Mago olhava para a menina à sua frente, e o desejo de demonstrar o Poder entrava e saía de sua cabeça. Por causa de um dia como este, muitos anos atrás, sua vida inteira havia mudado. Naquela época, existiam Beatles e Rolling Stones, sim. Mas existiam também pessoas que procuravam forças desconhecidas sem acreditar nelas, utilizavam poderes mágicos porque se achavam mais fortes que os próprios poderes, e tinham certeza de que podiam sair da Tradição quando se julgassem suficientemente entediados. Ele fora um deles.

Entrara no mundo sagrado através da Tradição da Lua, aprendendo rituais e cruzando a ponte que ligava o visível com o invisível.

Primeiro mexeu com estas forças sem a ajuda de ninguém, apenas através dos livros. Depois, encontrou o seu Mestre. Logo no primeiro encontro, o Mestre disse que ele aprenderia melhor a Tradição do Sol – mas o Mago não queria. A Tradição da Lua era mais fascinante, envolvia os rituais antigos e a sabedoria do tempo. O

Mestre, então, ensinou a Tradição da Lua – explicando que talvez fosse este o caminho de fazer com que chegasse até a Tradição do Sol.

Neste tempo ele vivia seguro de si, seguro da vida, seguro de suas conquistas. Tinha uma brilhante carreira profissional pela frente, e pensava em utilizar a Tradição da Lua para atingir seus objetivos.

Para ter este direito, a feitiçaria exigia que em primeiro lugar ele fosse consagrado Mestre. E, em segundo lugar, que ele jamais desrespeitasse a única limitação que era imposta aos Mestres da Tradição da Lua: mudar a vontade dos outros. Podia abrir o seu caminho neste mundo utilizando seus conhecimentos mágicos, mas não podia afastar os outros da sua frente, nem obrigá-los a caminhar por ele. Era esta a única proibição, a única árvore cujo fruto não podia comer.

E tudo corria bem, até que se apaixonou por uma discípula de seu Mestre, e ela se apaixonou por ele. Ambos conheciam as Tradições; ele sabia que não era o seu homem, ela sabia que não era a sua mulher. Mesmo assim, entregaram-se um ao outro, deixando nas mãos da vida a responsabilidade de separá-los quando chegasse o momento. Isto, ao invés de diminuir a entrega, fez com que os dois vivessem cada instante como se fosse o último, e o amor entre eles passou a ter a intensidade das coisas que se tornam eternas porque sabem que vão morrer.

Até que um dia ela encontrou outro homem. Um homem que não conhecia as Tradições, e que tampouco possuía o ponto luminoso no ombro, ou os olhos com o brilho que revela a Outra Parte. Mas ela 128

se apaixonou, já que o amor também não respeita razões; para ela, o seu tempo com o Mago havia chegado ao final.

Discutiram, brigaram, ele pediu e implorou. Sujeitou-se a todas as humilhações a que as pessoas apaixonadas costumam se sujeitar.

Aprendeu coisas que jamais sonhou aprender através do amor: a espera, o medo, e a aceitação. “Ele não tem a luz no ombro, você me disse”, tentava argumentar com ela. Mas ela não dava importância –

antes de conhecer a sua Outra Parte, queria conhecer os homens e o mundo.

O Mago estabeleceu um limite para a sua dor. Quando o atingisse, esqueceria a mulher. Este limite chegou um dia, por um motivo que não se lembrava agora – mas, ao invés de esquecê-la, descobriu que seu Mestre estava certo, que as emoções são selvagens, e é preciso sabedoria para controlá-las. Sua paixão era mais forte que todos os seus anos de estudo na Tradição da Lua, mais forte que os controles mentais aprendidos, mais forte que a rígida disciplina a que tivera que submeter-se para chegar aonde havia chegado. A paixão era uma força cega, e tudo que lhe sussurrava ao ouvido é que não podia perder aquela mulher.

Não podia fazer nada contra ela; ela também era uma Mestra, como ele – e conhecia seu ofício através de muitas encarnações, algumas cheias de reconhecimento e glória, outras marcadas pelo fogo e pelo sofrimento. Ela saberia defender-se.

Entretanto, na luta furiosa de sua paixão, havia uma terceira pessoa. Um homem preso na misteriosa trama do destino, a teia de aranha que nem os Magos, nem as Feiticeiras são capazes de compreender. Um homem comum, talvez tão apaixonado como ele por aquela mulher, também desejando vê-la feliz, querendo dar a ela o melhor de si. Um homem comum, que os misteriosos desígnios da Providência haviam atirado de repente no meio da luta furiosa entre um homem e uma mulher que conheciam a Tradição da Lua.

Certa noite, quando não conseguiu controlar mais a sua dor, comeu o fruto da árvore proibida. Usando os poderes e os conhecimentos que a sabedoria do Tempo lhe ensinara, afastou aquele homem da mulher que amava.

Não sabia até hoje se a mulher havia descoberto; era possível que ela já estivesse entediada com sua nova conquista, e não desse muita importância ao acontecido. Mas seu Mestre sabia. Seu Mestre

sempre sabia de tudo, e a Tradição da Lua era implacável com os Iniciados que utilizassem a Magia Negra, principalmente no que há de mais importante e mais vulnerável na raça humana: o Amor.

Ao defrontar-se com seu Mestre, ele entendeu que o juramento sagrado que havia feito era impossível ser rompido. Entendeu que as forças, que julgava dominar e utilizar, eram muito mais poderosas que ele. Entendeu que estava num caminho que havia escolhido, mas não era um caminho como outro qualquer; era impossível ser rompido.

Entendeu que nesta encarnação não havia mais jeito de afastar-se dele.

Agora que havia errado, precisava pagar um preço. E o preço foi beber o mais cruel dos venenos – a solidão – até que o Amor entendesse que ele de novo havia se transformado em um Mestre.

Então, o mesmo Amor que ele havia ferido, tornaria a libertá-lo, mostrando finalmente sua Outra Parte.

– Você não perguntou nada sobre mim. Você não tem qualquer curiosidade, ou pode "ver" tudo com os seus poderes?

A história de sua vida passou numa fração de segundo, o tempo necessário para decidir se deixava as coisas correrem como corriam na Tradição do Sol. Ou se devia falar no ponto luminoso, e interferir no destino.

Brida queria ser uma bruxa, mas ainda não era. Lembrou-se da cabana no alto da árvore, onde estivera próximo de falar sobre aquilo

– agora, a mesma tentação se repetia, porque ele havia abaixado sua espada, havia esquecido que o diabo mora nos detalhes. Os homens são mestres de seu próprio destino. Sempre podem cometer os mesmos erros. Sempre podem fugir de tudo que desejam, e que a vida generosamente coloca diante deles.

Ou então, podem entregar-se à Providência Divina, segurar na mão de Deus, e lutar por seus sonhos, aceitando que eles sempre chegam na hora certa.

– Vamos sair agora – repetiu o Mago. E Brida viu que ele estava falando sério.

Ela fez questão de pagar a conta; era o Rei da Noite. Vestiram os casacos e saíram para o frio, que já não atormentava tanto –

faltavam poucas semanas para a primavera.

Caminharam juntos até a estação. Havia um ônibus pronto para partir daqui a alguns minutos. O frio fez com que a irritação de Brida fosse substituída por uma imensa confusão, algo que não conseguia explicar. Não queria ir naquele ônibus – estava mal, parecia que o objetivo principal da noite se havia estragado, e ela precisava consertar tudo antes de partir. Viera até ali para agradecer a ele, e estava se comportando como nas outras vezes.

Disse que estava enjoada, e não embarcou no ônibus.

Quinze minutos se passaram, um novo ônibus chegou.

– Não quero ir agora – disse ela. – Não é porque esteja passando mal com a bebida. É porque estraguei tudo. Não lhe agradeci como devia.

– Este é o último ônibus desta noite – disse o Mago.

– Tomo um táxi depois. Mesmo que seja caro.

Quando o ônibus partiu, Brida arrependeu-se de haver ficado.

Estava confusa, não tinha idéia do que realmente queria. “Estou bêbada”, pensou.

– Vamos passear um pouco. Quero ficar sóbria.

131

Andaram pela cidadezinha vazia, com seus lampiões acesos, e janelas apagadas. “Não é possível. Vi o brilho nos olhos de Lorens e, no entanto, quero ficar aqui com este homem.” Era uma mulher vulgar, inconstante, indigna de todos os ensinamentos e experiências da feitiçaria. Estava com vergonha de si mesma: alguns goles de vinho e Lorens, e a Outra Parte, e tudo o que aprendera na Tradição da Lua já não tinha mais importância. Pensou, por alguns instantes, que talvez estivesse errada – que o brilho nos olhos de Lorens não era exatamente o mesmo que a Tradição do Sol ensinava. Mas estava enganando a si mesma; ninguém confunde o brilho dos olhos de sua Outra Parte.

Se existissem várias pessoas num teatro, e Lorens fosse uma das pessoas, e jamais houvesse falado com ele antes, no momento em que seus olhos cruzassem com o dele teria plena certeza de que estava diante do homem da sua vida. Conseguiria aproximar-se, ele seria receptivo, porque as Tradições não erram nunca, as Outras Partes terminam sempre se encontrando. Antes de ouvir falar disto, já ouvira falar do Amor à Primeira Vista, que ninguém conseguia explicar direito.

Qualquer ser humano podia reconhecer este brilho, mesmo sem despertar qualquer força mágica. Ela conhecia este brilho antes de saber de sua existência. Vira este brilho, por exemplo, nos olhos do Mago, na tarde em que eles foram ao bar pela primeira vez.

Parou de repente.

“Estou bêbada”, pensou de novo. Tinha que esquecer aquilo rápido. Precisava contar o dinheiro, saber se tinha o suficiente para voltar de táxi. Isto era muito importante.

Mas tinha visto o brilho nos olhos do Mago. O brilho que mostrava a sua Outra Parte.

– Você está pálida – disse o Mago. – Deve ter bebido demais.

– Vai passar. Vamos sentar um pouco, que passa. Depois vou para casa.

Sentaram-se num banco, enquanto ela revirava a bolsa em busca de moedas. Podia levantar-se dali, tomar um táxi, e ir embora para sempre; conhecia sua Mestra, sabia onde continuar seu caminho.

Conhecia também sua Outra Parte; se resolvesse levantar-se daquele banco e partir, mesmo assim ainda estava cumprindo a missão que Deus lhe havia destinado.

Mas tinha 21 anos. Nestes 21 anos, já sabia que era possível encontrar duas Outras Partes na mesma encarnação, e o resultado disto era dor e sofrimento.

Como poderia fugir disto?

– Não vou para casa – disse. – Vou ficar.

Os olhos do Mago brilharam, e, o que antes era apenas esperança, passou a ser uma certeza.

133

Continuaram a andar. O Mago viu a aura de Brida mudando de cor muitas vezes, e torceu para que ela estivesse no rumo certo. Sabia dos trovões e terremotos que explodiam, naquele momento, na alma de sua Outra Parte – mas assim era o processo de transformação.

Assim se transformam a terra, as estrelas, e os homens.

Saíram da aldeia, e estavam em pleno campo, andando em direção às montanhas onde sempre se encontravam, quando Brida pediu que parassem.

– Vamos entrar aqui – disse ela, dobrando por um caminho que ia dar numa plantação de trigo. Não sabia por que estava fazendo aquilo. Sentia apenas que precisava da força da natureza, dos espíritos seus amigos, que desde a criação do mundo habitavam todos os lugares bonitos do planeta. Uma imensa lua brilhava no céu, e fazia com que pudessem enxergar a trilha e o campo ao redor.

O Mago seguia Brida sem dizer nada. No fundo de seu coração, agradecia a Deus por haver acreditado. E por não repetir o mesmo erro, que esteve a ponto de repetir – um minuto antes de receber aquilo que estava pedindo.

Entraram pelo campo de trigo, que a luz da lua transformava num mar prateado. Brida andava sem rumo, sem ter a menor idéia de qual seria o seu próximo passo. Dentro dela, uma voz dizia que podia seguir em frente, que era uma mulher tão forte quanto suas antepassadas – e que não se preocupasse, elas estavam ali guiando seus passos e a protegendo com a Sabedoria do Tempo.

Pararam no meio do campo. Estavam cercados de montanhas, e numa destas montanhas havia uma pedra de onde se via bem o pôr-do-sol, uma cabana de caçador mais alta que todas as outras, e um lugar onde certa noite uma menina havia se defrontado com o terror e a escuridão.

"Estou entregue", pensou consigo mesma. "Estou entregue e sei que estou protegida." Mentalizou a vela acesa em sua casa, o selo com a Tradição da Lua.

– Aqui está bom – disse ela, parando.

Pegou um graveto e traçou um grande círculo no chão, enquanto dizia os nomes sagrados que sua Mestra lhe havia ensinado. Não estava com sua adaga ritual, não tinha qualquer um de seus objetos sagrados, mas suas antepassadas estavam ali, e elas diziam que, para não morrerem na fogueira, haviam consagrado seus utensílios de cozinha.

"Tudo no mundo é sagrado", disse. Aquele graveto era sagrado.

– Sim – respondeu o Mago. – Tudo neste mundo é sagrado. E

um grão de areia pode ser uma ponte para o invisível.

– Neste momento, porém, a ponte para o invisível é a minha Outra Parte – respondeu Brida.

Os olhos dele se encheram de água. Deus era justo.

Os dois entraram no círculo, e ela o fechou ritualmente. Era a proteção que magos e feiticeiros utilizavam desde tempos imemoriais.

– Você generosamente mostrou seu mundo – disse Brida. –

Faço isto agora, um ritual, para mostrar que eu pertenço a ele.

Ela levantou os braços para a lua e invocou as forças mágicas da natureza. Muitas vezes vira sua Mestra fazer isto, quando iam ao bosque – mas agora era ela que fazia, e com a certeza de que nada poderia sair errado. As forças lhe diziam que não precisava aprender nada, bastava lembrar-se dos muitos tempos e das muitas vidas como bruxa. Rezou então para que a colheita fosse farta, e que aquele campo nunca deixasse de ser fértil. Ali estava ela, a sacerdotisa que, em outras épocas, unira o conhecimento do solo com a transformação da semente, e rezara enquanto seu homem trabalhava a terra.

O Mago deixou que Brida desse os passos iniciais. Sabia que, em determinado momento, ele precisava assumir o controle; mas precisava também deixar gravado no espaço e no tempo que foi ela quem iniciou o processo. Seu Mestre, que naquele instante vagava no astral esperando a próxima vida, com certeza estava presente no campo de trigo, da mesma maneira que estivera no bar, na sua última tentação – e devia estar contente porque ele havia aprendido com o sofrimento. Escutou, em silêncio, as invocações de Brida, até que ela parou.

– Não sei por que fiz isto. Mas cumpro a minha parte.

– Eu continuo – disse ele.

Então, virou-se para o norte e imitou o canto de pássaros que agora só existiam em lendas e mitos. Era apenas este detalhe que faltava – Wicca era uma boa Mestra, e havia ensinado quase tudo, menos o final.

Quando o som do pelicano sagrado e da fênix foram invocados, o círculo inteiro encheu-se de luz, uma luz misteriosa, que não iluminava nada ao seu redor, mas que, mesmo assim, era uma luz. O

Mago olhou para a sua Outra Parte e ali estava ela, resplandecendo em seu corpo eterno, com a aura toda dourada e os filamentos de luz saindo do seu umbigo e da sua testa. Sabia que ela

estava vendo a mesma coisa, e estava vendo o ponto luminoso em cima do ombro 135

esquerdo dele, embora um pouco distorcido por causa do vinho que tomaram antes.

– Minha Outra Parte – falou ela, baixinho, ao notar o ponto.

– Vou caminhar com você pela Tradição da Lua – disse o Mago. E imediatamente o campo de trigo à sua volta transformou-se num deserto cinzento, onde havia um templo com mulheres vestidas de branco, dançando diante da imensa porta de entrada. Brida e o Mago olhavam aquilo do alto de uma duna, e ela não sabia se as pessoas podiam vê-la.

Brida sentia o Mago ao seu lado, queria perguntar o que significava aquela visão, mas não conseguia fazer com que a voz saísse de sua garganta. Ele percebeu o medo nos olhos dela, e voltaram para o círculo de luz no campo de trigo.

– O que foi isso? – perguntou ela.

– Um presente meu para você. Este é um dos onze templos secretos da Tradição da Lua. Um presente de amor, de gratidão pelo fato de você existir, e de eu ter esperado tanto tempo para encontrá-la.

– Me leva com você – disse ela. – Me ensina a caminhar pelo seu mundo.

E os dois viajaram no tempo, no espaço, nas Tradições. Brida viu campos floridos, animais que só conhecia através de livros, castelos misteriosos e cidades que pareciam flutuar em nuvens de luz.

O céu ficou todo iluminado, enquanto o Mago desenhava para ela, em cima do campo de trigo, os símbolos sagrados da Tradição. A certa altura pareciam estar num dos pólos da Terra, com a paisagem inteira coberta de gelo, mas não era este planeta; outras criaturas, menores, com dedos mais compridos e olhos diferentes, trabalhavam numa imensa nave espacial. Sempre que tentava comentar alguma coisa com ele, as imagens sumiam e eram substituídas por outras. Brida entendeu, com sua alma de mulher, que aquele homem estava ali se esforçando para mostrar tudo que aprendera em tantos anos, e que devia ter guardado todo este tempo, apenas para presenteá-la. Mas ele podia entregar-se a ela sem medo, porque era a sua Outra Parte. Podia viajar com ele através dos campos elíseos, onde as almas iluminadas habitam, e onde as almas que ainda estão em busca de iluminação visitam de vez em quando, para se alimentarem de esperança.

Não soube precisar quanto tempo passou, até que viu-se de novo com o ser luminoso dentro do círculo que ela mesma traçara. Já 136

havia experimentado o amor outras vezes, mas até aquela noite o amor também significava medo. Este medo, por menor que fosse, era sempre um véu – podia enxergar através dele quase tudo, menos as cores. E, naquele momento, com sua Outra Parte diante dela, entendia que o amor era uma sensação muito ligada às cores – como se fossem milhares de arco-íris

superpostos uns aos outros.

“Quanta coisa perdi por medo de perder”, pensou, olhando os arco-íris.

Estava deitada, o ser luminoso sobre ela, com um ponto de luz em cima do ombro esquerdo, e fibras brilhantes saindo de sua testa e do seu umbigo.

– Queria falar com você e não conseguia – disse ela.

– Por causa da bebida – respondeu ele.

Aquilo, para Brida, era uma recordação distante: bar, vinho, e a sensação de que estava irritada com algo que não queria aceitar.

– Obrigada pelas visões.

– Não foram visões – disse o ser luminoso. – Você enxergou a sabedoria da Terra e de um planeta distante.

Brida não queria falar destes assuntos. Não queria aulas. Queria apenas o que havia experimentado.

– Também estou luminosa?

– Igual a mim. A mesma cor, a mesma luz. E os mesmos feixes de energia.

A cor agora era dourada, e os feixes de energia, que saíam do umbigo e da testa, tinham uma cor azul-clara brilhante.

– Sinto que estávamos perdidos e agora estamos salvos – disse Brida.

– Estou cansado. Temos que voltar. Também bebi muito.

Brida sabia que, em algum lugar, existia um mundo com bares, campos de trigo, e estações de ônibus. Mas não queria voltar para ele

– tudo o que desejava era ficar ali para sempre. Escutou uma voz distante, fazendo invocações, enquanto a luz à sua volta ia diminuindo

– até apagar-se por completo. Uma lua enorme tornou a acender-se no céu, iluminando o campo. Estavam nus, abraçados. E não sentiam nem frio nem vergonha.

O Mago pediu que Brida encerrasse o ritual, já que ela havia começado. Brida pronunciou as palavras que sabia, e ele ajudou.

Quando as fórmulas foram ditas até o final, ele abriu o círculo mágico.

Os dois vestiram-se e sentaram-se no chão.

– Vamos embora daqui – disse Brida, depois de um certo tempo. O Mago levantou-se e ela o acompanhou. Não sabia o que dizer – estava sem graça, e ele também. Tinham confessado seu amor e agora, como qualquer casal que passa por esta experiência, não conseguiam se olhar nos olhos.

Foi o Mago quem quebrou o silêncio.

– Você tem que voltar para a cidade. Sei onde pedir um táxi.

Brida não sabia se estava desapontada ou aliviada com o comentário. A sensação de alegria começava a ser substituída por enjôo e dor de cabeça. Tinha certeza de que seria uma péssima companhia aquela noite.

– Está bem – respondeu.

Mudaram mais uma vez de rumo, e voltaram para a cidade. Ele chamou um táxi de uma cabine telefônica. Depois ficaram sentados no meio-fio, enquanto aguardavam o carro.

– Quero agradecer esta noite – disse ela.

Ele não disse nada.

– Não sei se a festa do Equinócio é uma festa só para feiticeiras.

Mas será um dia importante para mim.

– Uma festa é uma festa.

– Então gostaria de convidá-lo.

Ele fez um gesto, como quem quer mudar de assunto. Devia estar pensando naquele momento a mesma coisa que ela – como é difícil separar-se da Outra Parte, depois que a encontramos.

Imaginava-o voltando para casa, sozinho, perguntando a si mesmo quando ela voltaria. Ela voltaria – porque assim mandava seu coração.

Entretanto, a solidão das florestas é mais difícil de suportar que a solidão das cidades.

– Não sei se o amor surge de repente – continuou Brida. – Mas sei que estou aberta para ele. Pronta para ele.

O táxi chegou. Brida olhou mais uma vez para o Mago, e sentiu que ele estava muitos anos mais moço.

– Também estou pronto para o Amor – foi tudo que disse.

A cozinha era ampla, e os raios de sol entravam através das janelas imaculadamente limpas.

– Dormiu bem, minha filha?

Sua mãe colocou o chocolate quente na mesa, junto com as torradas e o queijo. Depois voltou ao fogão, para preparar ovos com bacon.

– Dormi. Quero saber se o meu vestido está pronto. Preciso dele para a festa de depois de amanhã.

A mãe trouxe os ovos com bacon e sentou-se. Sabia que alguma coisa errada estava se passando com a filha, mas não podia fazer nada.

Gostaria de conversar hoje como jamais havia conversado no passado, e de pouco adiantaria isto. Havia um mundo novo lá fora, que ela ainda não conhecia.

Sentia medo, porque a amava e ela caminhava sozinha neste mundo novo.

– O vestido estará pronto, mamãe? – insistiu Brida.

– Antes do almoço – respondeu. E aquilo a deixou feliz. Pelo menos em certas coisas o mundo não havia mudado. As mães continuavam resolvendo alguns problemas para as filhas.

Hesitou um pouco. Mas terminou perguntando.

– Como vai Lorens, minha filha?

– Bem. Virá hoje a tarde me buscar.

Ficou aliviada e triste ao mesmo tempo. Os problemas do coração sempre machucavam a alma, e ela deu graças a Deus por sua filha não estar diante de um deles. Mas, por outro lado, este era talvez o único assunto em que poderia ajudá-la; o amor mudara muito pouco através dos séculos.

Saíram para um passeio na pequena cidade onde Brida havia passado toda a infância. As casas continuavam as mesmas, as pessoas ainda faziam as mesmas coisas. Sua filha encontrou algumas amigas de colégio, que hoje trabalhavam na única agência de banco ou na papelaria. Todos se conheciam pelo nome, e cumprimentavam Brida; alguns comentavam como estava crescida, outros faziam questão de dizer que ela se transformara numa mulher bonita. Tomaram um chá às dez horas da manhã, no mesmo restaurante onde costumava ir aos sábados, antes de conhecer o seu marido – em busca de algum encontro, alguma paixão repentina, alguma coisa que acabasse de repente com os dias todos iguais.

A mãe olhou de novo para a filha, enquanto conversavam sobre as novidades na vida de cada uma das pessoas da cidade. Brida continuava interessada nisto, e ela ficou contente.

– Preciso do vestido hoje – repetiu Brida. Parecia aflita, mas não devia ser por isto. Sabia que a mãe jamais deixara de satisfazer um desejo seu.

Tinha que arriscar de novo. Fazer as perguntas que os filhos sempre odeiam ouvir, porque são pessoas independentes, livres, capazes de resolver suas coisas.

– Existe algum problema, minha filha?

– Já amou dois homens, mamãe? – Havia um tom de desafio em sua voz, como se, apenas para ela, o mundo mostrasse as armadilhas.

A mãe mergulhou uma madalena na xícara de chá, e comeu com delicadeza. Seus olhos correram em busca de um tempo quase perdido.

– Sim. Já amei.

Brida parou e olhou para ela espantada.

A mãe sorriu. E convidou-a para continuar o passeio.

– Seu pai foi o meu primeiro e o meu maior amor – disse, quando saíram do restaurante. – Sou feliz ao lado dele. Tive tudo o que sonhei quando era bem mais jovem que você. Naquela época, tanto eu como minhas amigas, acreditávamos que o único motivo da vida era o amor. Quem não conseguisse encontrar alguém, não poderia dizer que havia realizado seus sonhos.

– Volte para o assunto, mamãe. – Brida estava impaciente.

– Eu tinha alguns sonhos diferentes. Sonhava, por exemplo, em fazer a mesma coisa que você fez: ir morar numa cidade grande, conhecer o mundo que ficava além dos limites da minha aldeia. A única maneira de fazer com que meus pais aceitassem minha decisão, era dizendo que precisava estudar fora, seguir algum curso que não existisse nas redondezas.

“Passei muitas noites em claro, pensando na conversa que iria ter com eles. Planejava cada frase que ia dizer, o que eles responderiam, e como eu devia argumentar de volta.”

Sua mãe jamais havia falado daquela maneira. Brida ouvia com carinho, e sentiu algum arrependimento. As duas poderiam ter desfrutado outros momentos iguais a este – mas cada uma estava presa em seu mundo e em seus valores.

– Dois dias antes de minha conversa com os dois, conheci seu pai. Eu olhei em seus olhos, e eles tinham um brilho especial, como se eu tivesse encontrado a pessoa que mais desejava encontrar na vida.

– Conheço isto, mamãe.

– Depois que conheci o seu pai, entendi também que a minha busca estava terminada. Não precisava mais de uma explicação para o mundo, nem me sentia frustrada por viver aqui, entre as mesmas pessoas, e fazendo as mesmas coisas. Cada dia passou a ser diferente, por causa do imenso amor que um tinha pelo outro.

“Ficamos noivos e casamos. Nunca lhe falei dos meus sonhos de morar numa cidade grande, de conhecer outros lugares e outras pessoas. Porque, de repente, o mundo inteiro cabia na minha aldeia. O

amor explicava a minha vida.”

– Você falou de outra pessoa, mamãe.

– Quero lhe mostrar uma coisa – foi tudo que disse.

As duas caminharam até o início de uma escadaria que levava à única igreja católica do lugar, e que já havia sido construída e destruída em várias guerras religiosas. Brida costumava ir ali todos os domingos para a missa, e subir aqueles degraus – quando criança – era um verdadeiro suplício. No começo de cada corrimão havia a estátua de um santo – São Paulo à esquerda, e o apóstolo Santiago à direita –

já bastante destruída pelo tempo e pelos turistas. O chão estava coberto de folhas secas, como se, naquele lugar, o outono estivesse chegando – ao invés da primavera.

A Igreja ficava no alto da colina, e era impossível vê-la dali de onde estavam, por causa das árvores. Sua mãe sentou-se no primeiro degrau e convidou Brida a fazer o mesmo.

– Foi aqui – disse a mãe. – Certo dia, por um motivo que não consigo mais lembrar, resolvi rezar durante a tarde. Precisava ficar sozinha, refletir mais sobre minha vida, e achei que a igreja lá em cima seria um bom lugar para isto.

"Quando cheguei aqui, porém, encontrei um homem. Estava sentado aí onde está você, com duas malas ao seu lado, e parecia perdido – procurando desesperadamente alguma coisa num livro aberto em suas mãos. Pensei que fosse um turista em busca de um hotel, e resolvi me aproximar. Eu mesma puxei conversa. Ele ficou um pouco assustado no início, mas logo se acostumou comigo.

"Me disse que não estava perdido. Era um arqueólogo, e dirigia seu carro em direção ao norte – onde haviam encontrado algumas ruínas – quando o motor parou. Um mecânico já estava a caminho, e ele havia aproveitado a espera para conhecer a igreja. Me fez perguntas sobre o povoado, as aldeias em volta, os monumentos históricos.

"De repente, os problemas que eu tinha naquela tarde desapareceram como por milagre. Eu me sentia útil, e comecei a contar-lhe tudo que sabia, entendendo que os muitos anos em que vivi nesta região passavam a ter um sentido. Na minha frente estava um homem que estudava pessoas e povos, que era capaz de guardar para sempre, para todas as gerações futuras, tudo que eu havia escutado ou descoberto quando criança. Aquele homem na escadaria me fez entender como eu era importante para o mundo e para a história do meu país. Eu me senti necessária, e esta é uma das melhores sensações que um ser humano pode ter.

"Quando acabei de falar da igreja, continuamos a conversar sobre outras coisas. Eu contei do meu orgulho por minha cidade, e ele 142

me respondeu, com a frase de um escritor, cujo nome não me lembro, dizendo que 'é a sua aldeia que lhe dá o poder universal'."

– Leon Tolstoy – disse Brida.

Mas sua mãe estava viajando no tempo, como ela também havia feito um dia. Só que não precisava de catedrais no espaço, bibliotecas subterrâneas, e livros empoeirados; bastavam a lembrança de uma tarde de primavera, e um homem com malas na escadaria.

– Conversamos durante algum tempo. Eu tinha a tarde inteira para ficar com ele, mas a qualquer hora podia chegar um mecânico.

Resolvi aproveitar ao máximo cada segundo. Perguntei-lhe sobre o seu mundo, as escavações, o desafio de viver procurando o passado no presente. Ele me falou de guerreiros, de sábios e de piratas que habitaram nossas terras.

"Quando dei por mim, o sol estava quase no horizonte, e nunca, em toda a minha vida, uma tarde havia passado tão rapidamente.

"Entendi que ele estava sentindo a mesma coisa. A todo momento me fazia perguntas, querendo manter a conversa, sem me dar tempo de dizer que eu precisava ir embora. Falava sem parar, contava tudo o que viveu até aquele dia, e queria saber o mesmo de mim. Notei que seus olhos me desejavam, mesmo eu já tendo, naquela época, quase o dobro da idade que você tem agora.

"Era primavera, havia um cheiro gostoso das coisas novas no ar, e me senti de novo jovem. Existe aqui nas redondezas uma flor que só aparece no outono; pois bem, naquela tarde eu me senti como esta flor. Como se, de repente, no outono da minha vida, quando eu pensava que havia vivido tudo que podia viver, surgisse aquele homem na escadaria apenas para me mostrar que nenhum sentimento

– como o amor, por exemplo – envelhece junto com o corpo. Os sentimentos fazem parte de um mundo que eu não conheço, mas é um mundo onde não existe tempo, nem espaço, nem fronteiras."

Ficou algum tempo em silêncio. Seus olhos continuavam distantes, naquela primavera.

– Ali estava eu, como uma adolescente de 38 anos, me sentindo de novo desejada. Ele não queria que eu fosse embora. Até que, em determinado momento, ele parou de falar. Olhou no fundo dos meus olhos, e sorriu. Como se tivesse entendido com seu coração o que eu estava pensando, e quisesse me dizer que sim, que era verdade, que eu 143

era muito importante para ele. Ficamos algum tempo calados, e então nos despedimos. O mecânico não havia chegado.

"Durante muitos dias pensei comigo mesma se aquele homem existia de verdade, ou se era um anjo que Deus enviou para me mostrar as lições secretas da vida. No final, concluí que era mesmo um homem. Um homem que me havia amado, nem que fosse apenas por uma tarde, e nesta tarde me entregou tudo que havia guardado durante sua vida inteira – suas lutas, seus êxtases, suas dificuldades e seus sonhos. Também eu me entreguei por completo naquela tarde –

fui sua companheira, esposa, ouvinte, amante. Em algumas horas, eu pude experimentar o amor de toda uma vida."

A mãe olhou para a filha. Gostaria que ela tivesse entendido tudo. Mas, no fundo, achava que Brida vivia num mundo onde este tipo de amor já não tinha mais lugar.

– Jamais deixei de amar seu pai, um só dia que fosse – concluiu ela. – Ele sempre esteve ao meu lado, me deu o melhor que podia, e eu quero estar junto a ele até o final dos meus dias. Mas o coração é um mistério, e eu jamais vou entender o que aconteceu. O que sei é que aquele encontro me deixou mais confiante em mim mesma, mostrando que eu ainda era capaz de amar e ser amada, e me ensinando algo que nunca vou esquecer: quando você encontrar uma coisa importante na vida, não quer dizer que precise renunciar a todas as outras.

"De vez em quando ainda me lembro dele. Gostaria de saber onde está, se descobriu o que procurava aquela tarde, se está vivo, ou se Deus se encarregou de tomar conta de sua alma. Sei que não voltará nunca – e só assim pude amá-lo com tanta força e com tanta certeza.

Porque não poderia jamais perdê-lo; ele se havia entregue por completo aquela tarde."

Sua mãe levantou-se.

– Acho que preciso ir para casa terminar o seu vestido – disse.

– Vou ficar mais um pouco aqui – respondeu Brida.

Ela aproximou-se da filha e beijou-a com todo carinho.

– Obrigada por me escutar. Foi a primeira vez que contei esta história. Sempre tive medo de morrer com ela, e apagá-la para sempre da face da terra. Agora você vai guardá-la para mim.

Brida subiu as escadas e parou diante da igreja. O edifício, pequeno e redondo, era o grande orgulho da região; foi um dos primeiros lugares sagrados do cristianismo naquelas terras, e, todo ano, estudiosos e turistas vinham visitá-lo. Nada existia da construção original do século V, exceto algumas partes do piso; cada destruição, porém, deixava alguma parte intacta, e desta maneira o visitante podia ver a história de vários estilos arquitetônicos numa mesma construção.

Lá dentro, um órgão tocava, e Brida ficou algum tempo escutando a música. Naquela igreja estavam as coisas bem explicadas, o universo no lugar exato onde devia estar, e quem entrasse em suas portas não precisava se preocupar com mais nada. Ali não existiam forças misteriosas que estavam acima das pessoas, noites escuras onde era preciso acreditar sem compreender. Já não se falava mais em fogueiras, e as religiões de todo o mundo conviviam como se fossem aliadas, ligando de novo o homem a Deus. Seu país ainda era uma exceção nesta convivência pacífica – ao Norte, as pessoas se matavam em nome da fé. Mas isto devia acabar em alguns anos; Deus estava quase explicado. Ele era um pai generoso, todos estavam salvos.

“Sou uma feiticeira”, disse para si mesma, lutando contra um impulso cada vez maior de entrar. Sua Tradição agora era diferente e, embora fosse o mesmo Deus, se ela cruzasse aquelas portas estaria profanando um lugar, e sendo profanada por ele.

Acendeu um cigarro e olhou o horizonte, procurando não pensar mais nisto. Tentou concentrar-se na sua mãe. Teve vontade de voltar correndo para casa, deitar no seu colo, e contar-lhe que daqui a dois dias ia ser iniciada nos Grandes Mistérios das feiticeiras. Que tinha feito viagens no tempo, que conhecia a força do sexo, que era capaz de saber o que estava na vitrine de uma loja usando apenas as técnicas da Tradição da Lua. Precisava de carinho e compreensão, porque também ela sabia histórias que não podia contar para ninguém.

O órgão parou de tocar, e Brida tornou a ouvir as vozes da cidade, o canto dos pássaros, o vento que batia nos galhos e anunciava a vinda da primavera. Atrás da Igreja, uma porta se abriu e se fechou –

alguém havia saído. Por um momento, viu-se de novo num domingo qualquer da sua infância, de pé onde estava agora, irritada porque a missa era longa e o domingo era o único dia em que podia correr pelos campos.

“Preciso entrar.” Talvez sua mãe entendesse o que estava sentindo; mas naquele momento, ela estava longe. O que tinha diante de si era uma igreja vazia. Jamais perguntara à Wicca qual o papel do cristianismo em tudo que estava passando. Tinha a impressão que, se cruzasse aquela porta, estaria traindo as irmãs queimadas na fogueira.

“Entretanto, eu também fui queimada na fogueira”, disse para si mesma. Lembrou-se da oração que Wicca fez no dia em que se comemorava o martírio das bruxas. E nesta oração, ela citou Jesus e a Virgem Maria. O amor estava acima de tudo, e o amor não tinha ódios

– apenas equívocos. Talvez, em certa época, os homens tivessem resolvido ser os representantes de Deus – e cometeram seus erros.

Mas Deus nada tinha a ver com isto.

Não havia ninguém lá dentro, quando finalmente entrou.

Algumas velas acesas mostravam que, naquela manhã, uma pessoa se preocupara em renovar sua aliança com uma força que apenas pressentia – e, desta maneira, cruzara a ponte entre o visível e o invisível. Arrependeu-se do que pensara antes: também ali nada estava explicado, e as pessoas tinham que fazer sua aposta, mergulhar na Noite Escura da Fé. Diante dela, com os braços abertos na cruz, estava aquele Deus que parecia simples demais.

Não podia ajudá-la. Ela estava sozinha em suas decisões, e ninguém poderia ajudá-la. Precisava aprender a correr riscos. Não possuía as mesmas facilidades do crucificado à sua frente – que conhecia a sua missão, porque era o filho de Deus. Nunca errou. Não conheceu o amor entre os homens, só o amor por seu Pai. Tudo o que precisava fazer era mostrar sua sabedoria, e ensinar de novo à humanidade o caminho dos céus.

Mas, seria apenas isto? Lembrou-se de uma aula de catecismo, num domingo, quando o padre estava mais inspirado do que de costume. Naquele dia, estavam estudando o episódio em que Jesus rezava para Deus, suando sangue, e pedindo para que o cálice que precisava beber fosse afastado.

“Mas se ele já sabia que era filho de Deus, por que pediu isto?”

perguntara ao padre.

“Porque ele sabia apenas com o coração. Se tivesse absoluta certeza, sua missão ficava sem sentido, porque não teria se transformado completamente em homem. Ser homem é ter dúvidas, e, mesmo assim, continuar em seu caminho.”

Olhou de novo para a imagem, e pela primeira vez em toda a sua vida, sentiu-se mais próxima dela; talvez ali estivesse um homem

sozinho e com medo, enfrentando a morte, e perguntando “Pai, Pai, por que me abandonaste?”. Se falou isto, é porque nem ele tinha certeza de seus passos. Tinha feito uma aposta – mergulhado na Noite Escura como todos os homens, sabendo que só iria encontrar a resposta no final de toda a sua jornada. Também ele teve que passar pela angústia de tomar decisões em sua vida, de abandonar seu pai, sua mãe, e sua cidade pequena, para ir em busca dos segredos dos homens dos mistérios da Lei.

Se ele havia passado por tudo isto, também havia conhecido o amor, mesmo que os Evangelhos jamais tocassem no assunto – o amor entre pessoas era muito mais difícil de entender que o amor por um Ser Supremo. Mas agora ela se lembrava que, quando ressuscitou, a primeira pessoa para quem apareceu foi para uma mulher, que o acompanhara até o final.

A imagem silenciosa parecia concordar com ela. Tinha experimentado o vinho, o pão, as festas, as pessoas e as belezas do mundo. Era impossível que não houvesse conhecido o amor de uma mulher, e por causa disso tinha suado sangue no horto das Oliveiras, já que era muito difícil deixar a terra e se entregar pelo amor de todos os homens, depois de conhecer o amor de uma só criatura.

Havia provado tudo que o mundo pode oferecer, e mesmo assim continuou sua caminhada, sabendo que a Noite Escura pode acabar numa cruz, ou numa fogueira.

– Todos nós estamos no mundo para correr os riscos da Noite Escura, Senhor. Tenho medo da morte, mas não quero perder a vida.

Tenho medo do amor, porque ele envolve coisas que estão além de nossa compreensão; sua luz é imensa, mas sua sombra me assusta.

Deu-se conta de que estava rezando sem saber. O Deus simples olhava para ela; parecia entender suas palavras, e levá-las a sério.

Por algum tempo ficou esperando uma resposta dele, mas não ouviu nenhum som, e não percebeu qualquer sinal. A resposta estava ali, na sua frente, naquele homem pregado numa cruz. Ele tinha cumprido a sua parte – e mostrou ao mundo que, se cada um também cumprisse a sua, ninguém mais precisava sofrer. Porque já havia sofrido por todos os homens que tiveram a coragem de lutar por seus sonhos.

Brida chorou um pouco, sem saber por que estava chorando.

147

O dia amanheceu nublado, mas não ia chover. Lorens morava há muitos anos naquela cidade, já entendia suas nuvens. Levantou-se, e foi até a cozinha preparar um café.

Brida entrou antes que a água fervesse.

– Você foi dormir muito tarde ontem – disse ele.

Ela não respondeu.

– Hoje é o dia – continuou. – Sei o quanto é importante.

Gostaria muito de estar ao seu lado.

– É uma festa – respondeu Brida.

– O que você quer dizer com isto?

– É uma festa. Desde que nos conhecemos, sempre fomos juntos às festas. Você está convidado.

O Mago foi ver se a chuva do dia anterior havia danificado suas bromélias. Elas estavam perfeitas, ele riu de si mesmo – afinal, as forças da natureza às vezes conseguiam se entender.

Pensou em Wicca. Ela não ia enxergar os pontos luminosos, porque só as Outras Partes podem ver isto entre si; mas ia notar a energia dos feixes de luz circulando entre ele e sua discípula. As feiticeiras eram, antes de tudo, mulheres.

A Tradição da Lua chamava aquilo de "Visão do Amor", e, embora isto pudesse acontecer entre pessoas que estivessem apenas apaixonadas – sem qualquer relação com a Outra Parte –, calculou que esta visão ia deixá-la com raiva. Raiva feminina, raiva da madrasta da Branca de Neve, que não admitia ninguém mais bela.

Wicca, entretanto, era uma Mestra, e ia perceber logo o absurdo do seu sentimento. Mas a esta altura sua aura já haveria mudado de cor.

Então ia se aproximar dela, beijar-lhe o rosto, e dizer que ela estava com ciúmes. Ela diria que não. Ele ia perguntar por que havia ficado com raiva.

Ela responderia que era uma mulher, e não precisava dar satisfações de seus sentimentos. Ele lhe daria outro beijo, porque ela estava falando a verdade. E ia dizer que teve muitas saudades dela durante o tempo em que ficaram separados, e que ainda a admirava mais que qualquer outra mulher no mundo – exceto Brida, porque Brida era sua Outra Parte.

Wicca ia ficar feliz. Porque era sábia.

"Estou velho. Fico imaginando conversas." Mas não era por causa da idade – os homens apaixonados sempre se comportam assim, refletiu.

149

Wicca ficou contente porque a chuva havia parado, e as nuvens iam sumir antes do anoitecer. A natureza precisava estar de acordo com as obras do ser humano.

Todas as providências estavam tomadas, cada pessoa cumpriu o seu papel, nada estava faltando.

Foi até o altar e invocou o seu Mestre. Pediu para que ele estivesse presente aquela noite; três novas feiticeiras seriam iniciadas nos Grandes Mistérios, e a responsabilidade sobre os seus ombros era enorme.

Depois, foi à cozinha preparar o café. Fez suco de laranja, torradas, e comeu alguns biscoitos de dieta. Continuava ainda cuidando de sua aparência – sabia o quanto era bonita. Não precisava abrir mão de sua beleza apenas para provar que também era inteligente e capaz.

Enquanto mexia distraída o café, lembrou-se de um dia como este, há muitos anos atrás, quando o seu Mestre selou seu destino com os Grandes Mistérios. Por alguns instantes, tentou imaginar quem era então, quais eram os seus sonhos, o que desejava da vida.

"Estou velha. Fico relembrando o passado", disse em voz alta.

Acabou o café rapidamente e iniciou seus preparativos. Ainda tinha alguma coisa a fazer.

Sabia, entretanto, que não estava ficando velha. No seu mundo não existia o Tempo.

Brida ficou surpresa com o grande número de automóveis estacionados à beira da estrada. As nuvens pesadas da manhã haviam sido substituídas por um céu claro, onde o pôr-do-sol mostrava os seus últimos raios; apesar do frio, aquele era o primeiro dia de primavera.

Ela invocou a proteção dos espíritos da floresta, e depois olhou para Lorens. Ele repetiu as mesmas palavras, um pouco encabulado, mas contente de estar ali. Para que continuassem unidos, era preciso que cada um pisasse, de vez em quando, na realidade do outro.

Também entre os dois havia uma ponte entre o visível e o invisível. A magia estava presente em todos os atos.

Caminharam rápido pelo bosque, e logo estavam na clareira.

Brida já esperava algo parecido; homens e mulheres de todas as idades

– e provavelmente com as profissões mais diversas – estavam reunidos em grupos, conversando entre si, tentando fazer com que tudo aquilo parecesse a coisa mais natural do mundo. Entretanto, estavam todos tão perplexos quanto eles.

– É toda esta gente? – Lorens não esperava aquilo.

Brida respondeu que não; alguns eram convidados como ele.

Não sabia exatamente quem devia participar; tudo seria revelado no momento certo.

Escolheram um canto, e Lorens largou a sacola no chão. Ali dentro estava o vestido de Brida, e três garrafões de vinho – Wicca recomendara que cada pessoa, participante ou convidada, trouxesse um garrafão. Antes de saírem de casa, Lorens perguntou pelo terceiro convidado. Brida falou do Mago que costumava visitar nas montanhas

– e ele não deu maior importância.

– Imagine – ouviu uma mulher comentando ao seu lado. –

Imagine se minhas amigas soubessem que, nesta noite, eu estou num verdadeiro *Sabbat*.

O *Sabbat* das feiticeiras. A festa que havia sobrevivido ao sangue, às fogueiras, à Idade da Razão, e ao esquecimento. Lorens procurou ficar à vontade, dizendo para si mesmo que existiam ali muitas outras pessoas na sua situação. Notou que vários troncos de lenha seca estavam empilhados no centro da clareira, e sentiu um calafrio.

Wicca estava num canto, conversando com um grupo. Ao ver Brida, veio logo cumprimentá-la e perguntar se tudo estava bem. Ela agradeceu a gentileza, e apresentou Lorens.

– Convidei mais uma pessoa – disse.

151

Wicca olhou-a, surpresa. Mas logo depois abriu um largo sorriso; Brida teve certeza que ela sabia quem era.

– Fico contente – respondeu. – A festa também é sua. E faz tempo que não vejo aquele velho bruxo. Quem sabe aprendeu alguma coisa.

Chegou mais gente – sem que Brida pudesse distinguir quem era convidado e quem era participante. Meia hora depois, quando quase cem pessoas conversavam em voz baixa na clareira, Wicca pediu silêncio.

– Isto é uma cerimônia – falou. – Mas esta cerimônia é uma festa. Por favor, nenhuma festa começa antes que as pessoas encham seus cálices.

Abriu seu garrafão, e encheu o copo de alguém ao seu lado. Em pouco tempo, os garrafões circulavam, e o tom das vozes aumentava perceptivelmente. Brida não queria beber; ainda estava viva em sua memória a lembrança de um homem, num campo de trigo, mostrando para ela os templos secretos da Tradição da Lua. Além disso, o convidado que estava esperando ainda não havia chegado.

Lorens, porém, estava muito mais relaxado, e começou a puxar conversa com as pessoas ao seu lado.

– É uma festa! – disse, rindo, para Brida. Viera preparado para coisas do outro mundo, e era apenas uma festa. Muito mais divertida, aliás, do que as festas de cientistas que era obrigado a freqüentar.

A uma certa distância de seu grupo estava um senhor de barbas brancas, que ele reconheceu como um dos catedráticos da Universidade. Ficou algum tempo sem saber o que fazer, mas o senhor também o reconheceu, e, de onde estava, levantou um brinde para ele.

Lorens ficou mais aliviado – não existia mais a caça às bruxas, nem aos seus simpatizantes.

– Parece um piquenique – Brida ouviu alguém dizer. Sim, parecia um piquenique, e aquilo a deixava irritada. Esperava algo mais ritualístico, mais próximo dos *Sabbats* que haviam inspirado Goya, Sans-Sens, Picasso. Pegou o garrafão ao seu lado, e também começou a beber.

Uma festa. Cruzar a ponte entre o visível e o invisível através de uma festa. Brida gostaria muito de ver como algo sagrado podia acontecer em ambiente tão profano.

A noite caía rápido, e as pessoas bebiam sem parar. Assim que a escuridão ameaçou cobrir todo o local, alguns dos homens presentes –

sem qualquer ritual específico – acenderam a fogueira. No passado 152

também era assim – a fogueira, antes de significar um elemento mágico poderoso, era apenas uma luz. Uma luz em torno da qual as mulheres se reuniam para falar de seus homens, de suas experiências mágicas, dos encontros com os *súcubos* e *íncubos* – os temíveis demônios sexuais da Idade Medieval. No passado, também era assim

– uma festa, uma imensa festa popular, a celebração alegre da primavera e da esperança, numa época em que ser alegre era desafiar a Lei, porque ninguém podia divertir-se num mundo feito apenas para tentar os fracos. Os senhores da terra, trancados em seus castelos sombrios, olhavam as fogueiras nas florestas e sentiam-se roubados –

aqueles camponeses estavam querendo conhecer a felicidade, e quem conhece a felicidade não consegue mais conviver sem revolta com a tristeza. Os camponeses podiam ter vontade de ser felizes o ano inteiro, e aí todo o sistema político e religioso estaria ameaçado.

Quatro ou cinco pessoas, já meio embriagadas, começaram a dançar em torno da fogueira – quem sabe, querendo imitar uma festa de bruxas. Entre os que estavam dançando, Brida notou uma Iniciada, que conheceu quando Wicca comemorou o martírio das irmãs. Ficou chocada com aquilo – imaginava que as pessoas da Tradição da Lua tivessem um comportamento mais de acordo com o lugar sagrado que estavam pisando. Lembrou-se da noite junto com o Mago, e de como a bebida havia atrapalhado a comunicação entre ambos durante o passeio astral.

– Meus amigos vão morrer de inveja – ouviu. – Nunca irão acreditar que estive aqui.

Aquilo foi demais para ela. Precisava afastar-se um pouco, entender direito o que estava acontecendo, e lutar contra o imenso desejo de voltar para casa, de fugir dali antes que se decepcionasse com tudo o que havia acreditado durante quase um ano. Procurou Wicca com os olhos – ela estava rindo e se divertindo como os outros convidados. O número de pessoas em volta da fogueira aumentava cada vez mais, com alguns batendo palmas e cantando, acompanhados por outros, que batiam com galhos e chaves nos garrafões vazios.

– Preciso dar uma volta – disse para Lorens.

Ele já havia formado um grupo em torno de si, e as pessoas estavam fascinadas com suas histórias sobre estrelas antigas e milagres da Física moderna. Mas parou imediatamente de conversar.

– Quer que eu vá com você?

– Prefiro ir sozinha.

Afastou-se do grupo o caminhou em direção à floresta. As vozes estavam ficando cada vez mais animadas e mais altas, e tudo aquilo – os bêbados, os comentários, as pessoas brincando de bruxaria em torno da fogueira –, tudo aquilo começou a misturar-se em sua cabeça. Esperou tanto tempo por esta noite, e era apenas uma festa –

uma festa igual à de associações beneficentes, onde as pessoas jantam, embriagam-se, contam casos, e depois fazem discursos sobre a necessidade de ajudar os índios do Hemisfério Sul ou as focas do Pólo Norte.

Começou a andar pela floresta, mantendo sempre a fogueira no seu campo de visão. Subiu por um caminho que circundava a pedra, e que lhe permitia ver a cena do alto. Mas, mesmo vista de cima, a cena era desoladora: Wicca percorrendo os vários grupos para saber se tudo 154

estava bem, as pessoas dançando em volta da fogueira, alguns casais em seus primeiros beijos alcoolizados. Lorens estava contando algo animado a dois homens, talvez falando coisas que cabiam muito bem num encontro de bar, mas não numa festa como aquela. Um retardatário chegava através do bosque; um estranho animado pelo barulho, vindo em busca de um pouco

de diversão.

O modo como caminhava era familiar.

O Mago.

Brida levou um susto e desatou a correr pelo caminho de descida. Queria encontrá-lo antes que ele chegasse na festa. Precisava que ele a socorresse, como já havia feito tantas vezes antes. Precisava entender o sentido de tudo aquilo.

“Wica sabe organizar um *Sabbat*”, pensou o Mago, à medida que se aproximava. Ele podia ver e sentir a energia das pessoas circulando livremente. Nesta fase do ritual, o *Sabbat* parecia com qualquer outra festa – era preciso fazer com que todos os convidados comungassem de uma única vibração. No primeiro *Sabbat* de sua vida, ficou muito chocado com tudo aquilo; lembrou-se de haver chamado seu Mestre para um canto, para saber o que estava acontecendo.

“Você já foi a alguma festa?”, perguntou o Mestre, aborrecido porque ele estava interrompendo uma animada conversa.

O Mago respondeu que sim.

“E o que faz uma festa ser boa?”

“Quando todos estão se divertindo.”

“Os homens dão festas desde o tempo que moravam nas cavernas”, respondeu o Mestre. “São os primeiros rituais coletivos que se tem notícia, e a Tradição do Sol encarregou-se de manter isso vivo até hoje. Uma festa boa limpa o astral de todo mundo que está participando; mas é muito difícil de acontecer – bastam umas poucas pessoas para estragar a alegria comum. Estas pessoas se julgam mais importantes que as outras, são difíceis de agradar, acham que estão ali perdendo tempo porque não conseguiram comungar com os outros. E

terminam experimentando uma misteriosa justiça: geralmente saem carregados com as larvas astrais expulsas das pessoas que souberam unir-se aos outros.”

“Lembre-se que o primeiro caminho direto até Deus é a oração.

O segundo caminho direto é a alegria.”

Muitos anos se passaram desde aquela conversa com o seu Mestre. O Mago já havia participado de muitos *Sabbats* desde então, e sabia que estava diante de uma festa ritual, habilmente organizada; o nível de energia coletivo crescia a cada instante.

Procurou Brida com os olhos; havia muita gente, não estava acostumado com multidões. Sabia que precisava participar da energia coletiva, estava disposto a isto, mas antes precisava acostumar-se um pouco. Ela poderia ajudá-lo. Ia sentir-se mais à vontade assim que a encontrasse.

Era um Mago. Conhecia a visão do ponto luminoso. Tudo que precisava fazer era mudar seu estado de consciência, e o ponto surgiria, no meio de todas aquelas pessoas. Havia buscado anos por

este ponto de luz – agora encontrava-se a apenas algumas dezenas de metros dele.

O Mago mudou seu estado de consciência. Tornou a olhar a festa, desta vez com a percepção alterada, e podia ver as auras das mais diversas cores – todas, porém, se aproximando da cor que devia predominar aquela noite. “Wicca é uma grande Mestra, faz tudo com muita rapidez”, refletiu de novo. Em breve todas as auras, as vibrações de energia que todas as pessoas têm em volta do seu corpo físico, estariam na mesma sintonia; e a segunda parte do ritual podia começar.

Moveu seus olhos da esquerda para a direita, e finalmente localizou o ponto de luz. Resolveu fazer uma surpresa, e chegou perto sem fazer qualquer barulho.

– Brida – disse.

Sua Outra Parte virou-se.

– Ela foi dar uma volta por aí – respondeu gentilmente.

Por um momento que pareceu eterno, ele olhou para o homem à sua frente.

– Você deve ser o Mago de quem Brida fala tanto – disse Lorens. – Sente-se conosco. Ela vai chegar logo.

Mas Brida já havia chegado. Estava na frente dos dois, com os olhos assustados e a respiração ofegante.

Do outro lado da fogueira, o Mago pressentiu um olhar.

Conhecia aquele olhar, um olhar que não podia ver os pontos luminosos, já que só as Outras Partes identificam-se entre si. Mas era um olhar antigo e profundo, um olhar que conhecia a Tradição da Lua e o coração de mulheres e homens.

O Mago virou-se e enfrentou Wicca. Ela sorriu do outro lado da fogueira – numa fração de segundo havia compreendido tudo.

Os olhos de Brida também estavam fixos no Mago. Brilhavam de contentamento. Ele havia chegado.

– Quero que conheça Lorens – disse ela. A festa começou a ficar divertida de uma hora para outra, não precisava mais de explicações.

O Mago ainda estava no estado alterado de consciência. Viu a aura de Brida mudando rápido de cor, caminhando para o tom que 157

Wicca havia escolhido. A menina estava alegre, contente porque ele havia chegado, e qualquer coisa que dissesse ou fizesse podia estragar de vez sua Iniciação aquela noite. Precisava

dominar-se a qualquer custo.

– Muito prazer – disse ele para Lorens. – Que tal me oferecer um copo de vinho?

Lorens sorriu e estendeu a garrafa.

– Bem-vindo ao grupo – disse. – Você vai gostar da festa.

Do outro lado da fogueira, Wicca desviou os olhos e respirou aliviada – Brida não havia percebido nada. Ela era uma boa discípula

– não gostaria de afastá-la da Iniciação aquela noite, simplesmente por não ter conseguido dar o passo mais simples de todos: comungar com a alegria dos outros.

“Ele cuidará de si mesmo.” O Mago tinha anos de trabalho e disciplina em suas costas. Saberia dominar um sentimento, pelo menos o tempo suficiente para colocar outro sentimento em seu lugar.

Respeitava-o por seu trabalho e obstinação, e tinha um certo receio do seu imenso poder.

Conversou com mais alguns convidados, mas não conseguiu afastar a surpresa com o que acabara de presenciar. Então aquele era o motivo, o motivo para que tivesse dado tanta atenção àquela menina –

que, afinal de contas, era uma feiticeira igual a todas as outras que haviam passado várias encarnações aprendendo a Tradição da Lua.

Brida era a sua Outra Parte.

“Meu instinto feminino está funcionando mal.” Tinha imaginado tudo, menos a coisa mais óbvia. Consolou-se pensando que o resultado de sua curiosidade fora positivo: era o caminho escolhido por Deus para que reencontrasse sua discípula.

O Mago viu um conhecido a distância, e pediu licença ao grupo para ir falar com ele. Brida estava eufórica, gostava da presença dele ao seu lado, mas achou melhor deixá-lo ir. Seu instinto feminino dizia que não era aconselhável ele e Lorens ficarem muito tempo juntos –

podiam se tornar amigos, e, quando dois homens estão apaixonados pela mesma mulher, é preferível que se odeiem do que se tornem amigos. Porque, neste caso, terminaria perdendo ambos.

Olhou as pessoas em volta da fogueira, e teve vontade de dançar também. Convidou Lorens – ele vacilou por um segundo, mas acabou tomando coragem. As pessoas giravam e batiam palmas, bebiam vinho e batiam com chaves e galhos nos garrafões vazios. Sempre que passava diante do Mago, ele sorria e levantava um brinde. Ela estava num de seus melhores dias.

Wicca entrou na roda; todos estavam relaxados e contentes. Os convidados, antes preocupados com o que iam contar, assustados com o que podiam ver, agora integravam-se definitivamente ao Espírito daquela noite. A primavera chegou, era preciso celebrar, encher a alma de fé nos dias de sol, esquecer o mais rápido possível as tardes cinzentas e as noites de solidão dentro de casa.

As palmas cresciam, e agora Wicca comandava o ritmo. Era sincopado, constante, todos com olhos fixos na fogueira. Ninguém sentia mais frio – parecia que o verão já estava ali. As pessoas em torno da fogueira começaram a tirar os suéteres.

– Vamos cantar! – disse Wicca. Ela repetiu algumas vezes uma música simples, composta de apenas duas estrofes; em breve estavam todos cantando com ela. Poucas pessoas sabiam que se tratava de um mantra de feiticeiras, onde o importante era o som das palavras, e não o seu significado. Era um som de união com os Dons, e aqueles que tinham a visão mágica – como o Mago e outros Mestres presentes –

podiam ver as fibras luminosas de várias pessoas se unindo.

Lorens ficou cansado com a dança, e foi ajudar os “músicos”

com seus garrafões. Outros foram saindo da fogueira – alguns porque também estavam cansados, outros porque Wicca pedia que auxiliassem no ritmo. Sem que ninguém – além dos Iniciados –

percebesse o que estava acontecendo, a festa começava a penetrar no território sagrado. Em pouco tempo, ficaram em torno da fogueira apenas as mulheres da Tradição da Lua e as feiticeiras que iam ser Iniciadas.

Mesmo os discípulos de Wicca não dançavam mais; existia um outro ritual, numa outra data, para a Iniciação dos homens. Naquele momento, o que rodava no plano astral diretamente em cima da fogueira era a energia feminina, a energia da transformação. Assim fora desde os tempos remotos.

161

Brida começou a sentir muito calor. Não podia ser o vinho, porque havia bebido pouco. Na certa eram as chamas da fogueira.

Teve uma vontade imensa de tirar a blusa, mas estava com vergonha –

uma vergonha que ia perdendo o sentido à medida que cantava aquela música simples, batia palmas, e rodava em volta do fogo. Seus olhos agora estavam fixos na chama, e o mundo parecia cada vez menos importante – uma sensação muito parecida a que sentiu quando as cartas do *tarot* se revelaram pela primeira vez.

"Estou entrando num transe", pensava ela. "E daí? A festa está divertida!"

"Que música estranha", Lorens dizia para si mesmo, enquanto mantinha o ritmo no garrafão. Seu ouvido, treinado para escutar o próprio corpo, estava percebendo que o ritmo das palmas e o som das palavras vibravam exatamente no centro do peito, como quando ouvia os tambores mais graves num concerto de música clássica. O curioso é que o ritmo parecia também estar definindo as batidas do seu coração.

À medida que Wicca ia acelerando, seu coração também ia acelerando. Aquilo devia estar acontecendo com todo mundo.

"Estou recebendo mais sangue no cérebro", explicava o seu pensamento científico. Mas estava num ritual de bruxas, e não era hora de pensar nisto; podia conversar com Brida depois.

– Estou numa festa, e quero apenas me divertir! – falou em voz alta. Alguém ao seu lado concordou, e as palmas de Wicca aumentaram o ritmo um pouco mais.

“Sou livre. Tenho orgulho do meu corpo, porque ele é a manifestação de Deus no mundo visível.” O calor da fogueira estava insuportável. O mundo parecia distante, e ela não queria mais preocupar-se com coisas superficiais. Estava viva, o sangue correndo em suas veias, completamente entregue à sua busca. Dançar em torno daquela fogueira não era novo para ela, porque aquelas palmas, aquela música, aquele ritmo despertavam de novo lembranças adormecidas, de épocas onde era Mestra da Sabedoria do Tempo. Não estava só, porque aquela festa era um reencontro, um reencontro consigo e com a Tradição que carregara por muitas vidas. Sentiu um profundo respeito por si mesma.

Estava de novo em um corpo, e era um belo corpo, que lutou por milhões de anos para sobreviver num mundo hostil. Habitou o mar, rastejou para a terra, subiu em árvores, caminhou com os quatro membros, e agora pisava, orgulhosamente, com os dois pés na terra.

Aquele corpo merecia respeito por sua luta durante tanto tempo. Não existiam corpos belos ou corpos feios, porque todos tinham feito o mesmo percurso, todos eram a parte visível da alma que os habitava.

Tinha orgulho, um profundo orgulho do seu corpo.

Tirou a blusa.

Estava sem sutiã, mas isto não fazia a menor diferença. Tinha orgulho de seu corpo, e ninguém podia reprová-la por causa disto; mesmo que tivesse setenta anos, continuaria tendo orgulho de seu corpo, já que era através dele que a alma podia fazer suas obras.

As outras mulheres em torno da fogueira faziam o mesmo; isto tampouco importava.

Desafivelou o cinto e ficou completamente nua. Neste momento teve uma das mais completas sensações de liberdade de toda a sua vida. Porque não estava fazendo isto por nenhuma razão. Fazia porque a nudez era a única maneira de mostrar como a sua alma estava livre naquele momento. Não importava que outras pessoas estivessem presentes, vestidas, e olhando – tudo que ela queria é que estas pessoas sentissem por seus corpos o que ela estava sentindo pelo seu agora. Podia dançar livre, e nada mais impedia seus movimentos.

Cada átomo de seu corpo estava tocando o ar, e o ar era generoso, trazia de muito longe segredos e perfumes, para que a tocassem da cabeça aos pés.

Os homens e os convidados que batiam nos garrafões notaram que as mulheres em torno da fogueira estavam nuas. Batiam palmas, davam-se as mãos, e ora cantavam num tom suave, ora em tom frenético. Ninguém sabia quem estava ditando aquele ritmo – se eram os garrafões, se eram as palmas, se era a música. Todos pareciam conscientes do que estava acontecendo, mas se alguém tivesse coragem de tentar sair do ritmo naquele momento, não conseguiria.

Um dos maiores problemas da Mestra, àquela altura do ritual, era não deixar que as pessoas percebessem que estavam em transe.

Precisavam ter a impressão de controlar a si mesmos, embora não controlassem. Wicca não estava violentando a única Lei que a Tradição punia com excepcional severidade: interferir na vontade dos outros.

Porque todos que estavam ali sabiam que estavam pisando num *Sabbat* de feiticeiras – e, para as feiticeiras, a vida é a comunhão com o Universo.

Mais tarde, quando esta noite fosse apenas uma lembrança, nenhuma daquelas pessoas iria comentar o que viu. Não havia qualquer proibição a respeito, mas quem estava ali sentia a presença de uma força poderosa, uma força misteriosa e sagrada, intensa e implacável, que nenhum ser humano ousaria desafiar.

– Girem! – disse a única mulher vestida, uma roupa negra que ia até seus pés. Todas as outras, nuas, dançavam, batiam palmas e agora giravam sobre si mesmas.

Um homem colocou ao lado de Wicca uma pilha de vestidos.

Três deles seriam utilizados pela primeira vez – sendo que dois apresentavam grandes semelhanças de estilo. Eram pessoas com o mesmo Dom – o Dom se materializava na maneira de sonhar a roupa.

Não precisava mais bater palmas – as pessoas continuavam agindo como se ela ainda comandasse o ritmo.

Ajoelhou-se, colocou os dois polegares na testa, e começou a trabalhar o Poder.

O Poder da Tradição da Lua, a Sabedoria do Tempo, estava ali.

Era um poder perigosíssimo, que as feiticeiras só conseguiam invocar depois que se tornavam Mestras. Wicca sabia como lidar com ele mas, mesmo assim, pediu proteção ao seu Mestre.

Naquele poder morava a sabedoria do tempo. Ali estava a Serpente, sábia e dominadora. Só a Virgem, mantendo a serpente sob o seu calcanhar, poderia subjugá-la. Assim, Wicca rezou também para a Virgem Maria, pedindo a pureza da alma, a firmeza da mão, e a proteção de seu manto, para que pudesse baixar aquele Poder até as mulheres à sua frente, sem que ele seduzisse ou dominasse nenhuma delas.

Com o rosto voltado para o céu, a voz firme e segura, recitou as palavras do apóstolo Paulo:

"Se alguém destrói o templo de Deus Deus o destruirá.

Pois o templo de Deus é santo, e este templo sois vós.

Ninguém se iluda:

Se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco para ser sábio;

Pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus.

Com efeito, está escrito: 'Ele apanha os sábios em sua própria astúcia.'

Por conseguinte, ninguém procure nos homens motivo de orgulho,

pois tudo pertence a vós."

165

Com alguns movimentos de mão, Wicca diminuiu o ritmo das palmas. Os garrafões soaram mais lentamente, e as mulheres começaram a girar em velocidade cada vez menor. Wicca mantinha o Poder sob controle, e a orquestra toda precisava funcionar bem, desde a mais estridente trompa até o violino mais suave. Para isto, precisava da ajuda do Poder – sem, entretanto, entregar-se a ele.

Bateu palmas e emitiu os sons necessários. Lentamente, as pessoas pararam de tocar e de dançar. As feiticeiras se aproximaram de Wicca, e pegaram seus vestidos – apenas três mulheres permaneceram nuas. Naquele momento, completava-se uma hora e vinte e oito minutos de som contínuo, e o estado de consciência de todos os presentes estava alterado – sem que nenhum deles, exceto as três mulheres nuas, tivesse perdido a noção de onde estavam e do que estavam fazendo.

As três mulheres nuas, porém, estavam em transe completo.

Wicca estendeu sua adaga ritual para a frente, e dirigiu toda a energia concentrada para elas.

Os seus Dons se apresentariam em poucos instantes. Esta era a forma de servirem ao mundo, depois de atravessarem longas e tortuosas veredas, chegarem até ali. O mundo as havia testado de todas as maneiras possíveis; eram dignas do que haviam conquistado.

Na vida diária continuariam com suas fraquezas, com seus ressentimentos, com as suas pequenas bondades e pequenas crueldades. Continuariam com a agonia e o êxtase, como todo mundo que participa de um mundo ainda em transformação. Mas, no seu devido tempo, elas iam aprender que cada ser humano tem, dentro de si, algo muito mais importante que ele mesmo: o seu Dom. Pois nas mãos de cada pessoa Deus colocou um Dom – o instrumento que Ele usava para manifestar-se ao mundo, e ajudar a humanidade. Deus havia escolhido o próprio ser humano como o Seu braço na Terra.

Alguns entendiam seu Dom pela Tradição do Sol, outros pela Tradição da Lua. Mas todos terminavam aprendendo – nem que precisassem ficar algumas encarnações tentando.

Wicca ficou diante da grande pedra, colocada ali por sacerdotes celtas. As feiticeiras, com suas roupas negras, formaram um semicírculo ao seu redor.

Olhou as três mulheres nuas. Elas estavam com os olhos brilhantes.

– Venham até aqui.

As mulheres se aproximaram até o meio do semicírculo. Wicca então pediu que se deitassem de frente no chão, com os braços abertos em forma de cruz.

O Mago viu Brida deitando-se no chão. Tentou fixar-se apenas em sua aura, mas era um homem – e um homem olha o corpo de uma mulher.

Não queria lembrar. Não queria saber se estava sofrendo ou não.

Tinha consciência de apenas uma coisa – que a missão de sua Outra Parte junto a ele estava cumprida.

"Pena ter ficado tão pouco com ela." Mas não podia pensar assim. Em algum lugar do Tempo compartilharam do mesmo corpo, sofreram as mesmas dores e foram felizes com as mesmas alegrias.

Estiveram juntos na mesma pessoa, quem sabe, caminhando por um bosque semelhante a este, olhando uma noite onde as mesmas estrelas brilhavam no céu. Riu de seu Mestre – que o fizera passar tanto tempo na floresta, apenas para que pudesse entender seu encontro com a Outra Parte.

Assim era a Tradição do Sol – obrigando cada um a aprender aquilo que precisava, e não apenas aquilo que queria. Seu coração de homem ia chorar durante muito tempo – mas seu coração de Mago exultava de alegria e agradecia à floresta.

Wicca olhou para as três mulheres deitadas a seus pés, e deu graças a Deus por poder continuar o mesmo trabalho por tantas vidas; a Tradição da Lua era inesgotável. A clareira no bosque fora consagrada por sacerdotes celtas num tempo já esquecido, e de seus rituais havia sobrado pouca coisa – como, por exemplo, a pedra que estava agora às suas costas. Era uma pedra imensa, impossível de ser transportada por mãos humanas – mas os Antigos sabiam como movê-

las através da magia. Construíram pirâmides, observatórios celestes, cidades em montanhas da América do Sul, utilizando apenas as forças que a Tradição da Lua conhecia. Tal conhecimento já não era mais necessário ao homem, e fora apagado no Tempo para que não se tornasse destruidor. Mesmo assim, Wicca gostaria de saber, apenas por curiosidade, como faziam aquilo.

Alguns espíritos celtas estavam presentes, e ela os cumprimentou. Eram mestres, que não se reencarnavam mais, e que faziam parte do governo secreto da Terra; sem eles, sem a força de sua sabedoria, o planeta já estaria desgovernado há muito tempo. Os mestres celtas pairavam no ar, em cima das árvores que ficavam à esquerda da clareira, com o corpo astral envolto numa intensa luz branca. Através dos séculos eles vinham ali em todos os Equinócios, para saber se a Tradição ainda era mantida. Sim – dizia Wicca com um certo orgulho –, os Equinócios continuavam a ser celebrados mesmo depois de toda a cultura celta desaparecer da História oficial do mundo. Porque ninguém consegue apagar a Tradição da Lua –

exceto a Mão de Deus.

Ficou prestando atenção nos sacerdotes algum tempo. O que pensariam dos homens de hoje? Será que estavam com saudades do tempo em que freqüentavam aquele lugar, quando o contato com Deus parecia mais simples e mais direto? Wicca achava que não, e seu instinto o confirmava. Eram os sentimentos humanos que construíam o jardim de Deus, e para isto era necessário que vivessem muito, em muitas épocas, em muitos costumes diferentes. Assim como todo o resto do Universo, também o homem seguia seu caminho de evolução, e cada dia estava melhor que no dia anterior; mesmo que esquecesse as lições da véspera, mesmo que não aproveitasse aquilo que aprendeu, mesmo que reclamasse, dizendo que a vida era injusta.

Porque o Reino dos Céus é semelhante a uma semente que um homem planta no campo; ele dorme e acorda, de dia e de noite, e a

semente cresce sem que ele saiba como. Estas lições ficavam gravadas na Alma do Mundo e beneficiavam toda a humanidade. O importante era que continuassem existindo pessoas como as que estavam ali aquela noite, pessoas que não tinham medo da Noite Escura da Alma, como dizia o velho e sábio San Juan de La Cruz. Cada passo, cada ato de fé, resgatava de novo toda a raça humana. Enquanto houvesse pessoas sabendo que toda a sabedoria do homem era loucura diante de Deus, o mundo continuaria seu caminho de luz.

Teve orgulho de suas discípulas e de seus discípulos, capazes de sacrificar o conforto de um mundo já explicado pelo desafio de descobrir um mundo novo.

Tornou a olhar para as três mulheres nuas, deitadas no chão de braços abertos, e procurou novamente vesti-las com a cor da aura que emanavam. Elas agora caminhavam pelo Tempo, e se encontravam com muitas Outras Partes perdidas. Aquelas três mulheres iam mergulhar, a partir desta noite, na missão que as esperava desde que nasceram. Uma delas devia ter mais de sessenta anos; a idade não tinha a menor importância. Importante era que finalmente estavam diante do destino que pacientemente as aguardava, e a partir daquela noite iam utilizar os Dons para evitar que plantas importantes do jardim de Deus fossem destruídas. Cada uma daquelas pessoas chegou até ali por motivos diferentes – uma desilusão amorosa, o cansaço com a rotina, a busca do Poder. Haviam enfrentado o medo, a preguiça, e as muitas decepções de quem segue o caminho da magia.

Mas o fato é que chegaram exatamente aonde precisavam chegar, porque a Mão de Deus sempre guia aquele que segue seu caminho com fé.

“A Tradição da Lua é fascinante, com seus Mestres e seus rituais. Mas existe uma outra Tradição”, pensou o Mago, com os olhos fixos em Brida, e com uma certa inveja de Wicca – que ia ficar perto dela por muito tempo. Muito mais difícil, porque era mais simples, e as coisas simples parecem sempre complicadas demais. Seus Mestres estavam no mundo, e nem sempre sabiam a grandeza daquilo que ensinavam – porque ensinavam por um impulso que geralmente parecia absurdo. Eram carpinteiros, poetas, matemáticos, gente de todas as profissões e hábitos, que moravam em todos os lugares do 169

planeta. Gente que em algum instante sentiu necessidade de falar com alguém, de explicar um sentimento que não compreendia direito, mas que era impossível guardar para si mesmo – e esta era a maneira que a Tradição do Sol utilizava para que sua sabedoria não se perdesse. O

impulso da Criação.

Onde quer que o homem pusesse seus pés, havia sempre um vestígio da Tradição do Sol. Às vezes uma escultura, às vezes uma mesa, outras vezes os fragmentos de um poema transmitido de geração em geração por determinado povo. As pessoas através das quais a Tradição do Sol falava eram pessoas iguais a todas as outras, e que certa manhã – ou certa tarde – olharam o mundo e compreenderam a presença de algo maior. Haviam mergulhado sem querer num mar desconhecido, e na maior parte das vezes se recusavam a voltar lá de novo. Todas as pessoas vivas possuíam, pelo menos uma vez a cada encarnação, o segredo do Universo.

Mergulhavam sem querer na Noite Escura. Pena que quase sempre não acreditavam em si mesmas, se recusavam a voltar lá. E o Sagrado Coração, que alimentava o mundo com seu amor, sua paz, e sua entrega completa, ficava de novo cercado de espinhos.

Wicca ficou grata por ser uma Mestra da Tradição da Lua.

Todas as pessoas que chegavam até ela estavam querendo aprender –

ao passo que, na Tradição do Sol, a maior parte queria sempre fugir do que a vida estava lhe ensinando.

“Isto não tem mais importância”, pensou Wicca. Porque o tempo dos milagres estava retornando mais uma vez, e ninguém podia ficar alheio às mudanças que o mundo começava a experimentar daqui para a frente. Em poucos anos a força da Tradição do Sol ia manifestar-se com toda a sua luz. Todas as pessoas que não seguissem seu caminho começariam a ficar insatisfeitas consigo mesmas, seriam forçadas a escolher.

Ou aceitar uma existência cercada de desilusão e dor, ou entender que todo mundo nasceu para ser feliz. Depois da escolha feita não haveria mais como mudar; e a grande luta, a Jihad, seria travada.

Com um movimento perfeito de mão, Wicca traçou um círculo no ar usando a adaga. Dentro do círculo invisível desenhou a estrela de cinco pontas, que os bruxos chamavam de Pentagrama. O

pentagrama era o símbolo dos elementos que atuavam no homem – e através dele, as mulheres deitadas na terra iam agora entrar em contato com o mundo da luz.

– Fechem seus olhos – disse Wicca.

As três mulheres obedeceram.

Wicca fez os passes rituais com a adaga, na cabeça de cada uma delas.

– Agora abram os olhos de suas almas.

Brida abriu. Estava num deserto, e o lugar parecia muito familiar.

Lembrou-se que já estivera ali antes. Com o Mago.

Procurou-o com os olhos, mas não conseguia encontrá-lo.

Entretanto, não tinha medo; estava tranqüila e feliz. Sabia quem era, a cidade onde morava – sabia que em outro lugar do tempo estava acontecendo uma festa. Mas nada disso tinha importância, porque a paisagem à sua frente era mais bonita: as areias, montanhas no fundo, e uma enorme pedra na sua frente.

– Bem-vinda – disse uma voz.

Ao seu lado estava um senhor, com roupas parecidas com as que vestiam os seus avós.

– Sou o Mestre de Wicca. Quando você se tornar uma Mestra, suas discípulas irão encontrar Wicca aqui. E assim por diante, até a Alma do Mundo conseguir se manifestar.

– Estou num ritual de bruxas – disse Brida. – Num *Sabbat*.

O Mestre riu.

– Você enfrentou o seu Caminho. Poucas pessoas têm coragem de fazer isto. Preferem seguir um caminho que não é delas.

“Todas possuem o seu Dom, e não querem enxergar. Você o aceitou – seu encontro com o Dom é o seu encontro com o Mundo.”

– Por que preciso disto?

– Para construir o jardim de Deus.

– Tenho uma vida pela frente – disse Brida. – Quero vivê-la como todas as pessoas vivem. Quero poder errar. Quero poder ser egoísta. Ter falhas, me entende?

O Mestre sorriu. De sua mão direita surgiu um manto azul.

171

– Não existe outra maneira de estar perto das pessoas sem ser uma delas.

O cenário à sua volta mudou. Já não estava mais no deserto, e sim numa espécie de líquido, onde várias coisas estranhas nadavam.

– Assim é a vida – disse o Mestre. – Errar. As células se reproduziam exatamente iguais durante milhões de anos, até que uma delas errava. E por causa disto, alguma coisa era capaz de mudar naquela repetição infindável.

Brida olhava, deslumbrada, o mar. Não perguntava como era capaz de respirar ali dentro. Tudo que conseguia ouvir era a voz do Mestre, tudo que conseguia lembrar-se era de uma viagem muito semelhante, que começara num campo de trigo.

– Foi o erro que colocou o mundo em marcha – disse o Mestre.

– Jamais tenha medo de errar.

– Mas Adão e Eva foram expulsos do Paraíso.

– E retornarão um dia. Conhecendo o milagre dos céus e dos mundos. Deus sabia o que estava fazendo quando chamou a atenção dos dois para a árvore do Bem e do Mal.

“Se ele não quisesse que os dois comessem, não teria dito nada.”

– Então por que disse?

– Para colocar o Universo em movimento.

O cenário mudou de novo para o deserto com a pedra. Era de manhã, e uma luz cor-de-rosa começava a inundar o horizonte. O

Mestre se aproximou dela com o manto.

– Eu te consagro neste momento. O seu Dom é o instrumento de Deus. Que você consiga ser uma boa ferramenta.

Wicca levantou com as duas mãos o vestido da mais jovem das três mulheres. Fez uma oferta simbólica aos sacerdotes celtas que assistiam a tudo, pairando com seus corpos astrais sobre as árvores.

Depois virou-se para a moça.

– Levante-se – disse.

Brida levantou-se. No seu corpo nu dançavam as sombras da fogueira. Algum dia, um outro corpo fora consumido por estas mesmas chamas. Mas este tempo havia terminado.

– Levante os braços.

A moça levantou os braços. Wicca a vestiu.

– Eu estava nua – disse ela para o Mestre, assim que ele terminou de colocar o manto azul. – E não tinha vergonha.

– Se não fosse a vergonha, Deus não teria descoberto que Adão e Eva comeram a maçã.

O Mestre olhava o nascer do sol. Parecia distraído, mas não estava. Brida sabia disto.

– Jamais tenha vergonha – continuou ele. – Aceite o que a vida lhe oferece, e procure beber das taças que estão na sua frente. Todos os vinhos devem ser bebidos – alguns, apenas um gole; outros, a garrafa inteira.

– Como posso distinguir isto?

– Pelo gosto. Só conhece o vinho bom quem provou o vinho amargo.

Wicca girou Brida e a colocou de frente para a fogueira, enquanto passava para a Iniciada seguinte. O fogo captava a energia de seu Dom, para que pudesse se manifestar definitivamente nela.

Naquele momento, Brida devia estar assistindo ao nascer de um sol.

Um sol que passaria a iluminar o resto de sua vida.

– Agora você precisa ir embora – disse o Mestre, assim que o sol terminou de nascer.

– Não tenho medo do meu Dom – respondeu Brida. – Sei para onde vou, sei o que tenho de fazer. Sei que alguém me ajudou.

“Já estive aqui antes. Havia pessoas que dançavam, e um templo secreto da Tradição da Lua.”

O Mestre não disse nada. Virou-se para ela e fez um sinal com a mão direita.

– Você foi aceita. Que seu caminho seja de Paz, nos momentos de Paz. E de Combate, nos momentos de Combate. Jamais confunda um momento com o outro.

173

O vulto do Mestre começou a dissolver-se, junto com o deserto e com a pedra. Ficou apenas o sol, mas o sol começou a misturar-se com o próprio céu. Aos poucos o céu ficou escuro, e o sol parecia muito com as chamas de uma fogueira.

Estava de volta. Lembrava-se de tudo: os ruídos, as palmas, a dança, o transe. Lembrava-se de haver tirado a roupa na frente de todas aquelas pessoas, e agora sentia um certo constrangimento. Mas lembrava-se também de seu encontro com o Mestre. Procurou dominar a vergonha, o medo, e a ansiedade – eles iriam acompanhá-la sempre, e precisava se acostumar.

Wicca pediu que as três Iniciadas ficassem bem no centro do semicírculo formado pelas mulheres. As feiticeiras deram-se as mãos e fecharam a roda.

Cantaram músicas que ninguém mais ousou acompanhar; o som fluía de lábios quase fechados, criando uma vibração estranha, que se tornava cada vez mais aguda, até parecer o grito de um pássaro louco.

No futuro também ela saberia como pronunciar estes sons. Aprenderia muito mais coisas, até se tornar também uma Mestra. Então, outras mulheres e homens seriam iniciados por ela na Tradição da Lua.

Tudo isto, porém, ia chegar no seu devido tempo. Tinha todo o tempo do mundo, agora que reencontrara o seu destino, tinha alguém para ajudá-la. A Eternidade era sua.

Todas as pessoas apareciam com cores estranhas em volta delas, e Brida ficou um pouco desnorteada. Gostava do mundo como era antes.

As feiticeiras terminaram de cantar.

– A Iniciação da Lua está feita e consumada – disse Wicca. – O

mundo agora é o campo, e vocês cuidarão para que a colheita seja fértil.

– Estou com uma sensação estranha – disse uma das Iniciadas. –

Não consigo enxergar direito.

– Vocês estão vendo o campo de energia em volta das pessoas, a aura, como nós chamamos. Este é o primeiro passo no caminho dos Grandes Mistérios. Esta sensação vai passar daqui a pouco, e mais tarde eu lhes ensinarei como despertá-la de novo.

Num gesto rápido e ágil, atirou sua adaga ritual no chão. Ela cravou no solo, o cabo ainda balançando com a força do impacto.

– A cerimônia acabou – disse.

Brida foi até Lorens. Os olhos dele brilhavam, e ela sabia de todo o seu orgulho e seu amor. Podiam crescer juntos, criar juntos uma nova maneira de vida, descobrir todo um Universo que estava diante deles, esperando pessoas com um pouco de coragem.

Mas havia um outro homem. Enquanto conversava com o Mestre, ela fez sua escolha. Porque este outro homem saberia como segurar sua mão nos momentos difíceis, e conduzi-la com experiência e amor através da Noite Escura da Fé. Aprenderia a amá-lo, e seu amor seria tão grande quanto o seu respeito por ele. Ambos caminhavam na mesma estrada do conhecimento, por causa dele havia chegado até ali. Com ele, terminaria por aprender, um dia, a Tradição do Sol.

Agora sabia que era uma bruxa. Aprendera durante muitos séculos a arte da feitiçaria, e estava de volta ao seu lugar. A sabedoria era a partir desta noite a coisa mais importante em sua vida.

– Podemos ir – disse para Lorens assim que chegou perto. Ele olhava com admiração a mulher vestida de negro à sua frente; Brida, porém, sabia que o Mago a estava vendo vestida de azul.

Estendeu a sacola com suas outras roupas.

– Vá indo, veja se consegue uma carona. Preciso falar com alguém.

Lorens pegou a sacola. Mas deu apenas alguns passos em direção ao caminho que cruzava a floresta. O ritual havia terminado e estavam de novo no mundo dos homens, com seus amores, seus ciúmes, e suas guerras de conquista.

O medo também havia voltado. Brida estava esquisita.

– Não sei se existe Deus – disse ele para as árvores à sua volta.

– E não posso pensar nisto agora, porque também enfrento o mistério.

Sentiu que falava de uma maneira diferente, com uma segurança estranha, que nunca julgara possuir. Mas, naquele momento, acreditou que as árvores estavam escutando.

"Talvez as pessoas aqui não me entendam, talvez desprezem meus esforços, mas sei que tenho tanta coragem quanto estas pessoas, porque busco Deus sem acreditar nele."

"Se ele existe, ele é o Deus dos Valentes."

Lorens notou que suas mãos tremiam um pouco. A noite havia passado sem que pudesse compreender nada. Percebia que mergulhara em um transe – e isto era tudo. Mas o tremor em suas mãos não era

por causa deste mergulho na Noite Escura, como Brida costumava se referir.

Olhou para o céu, ainda cheio de nuvens baixas. Deus era o Deus dos Valentes. E saberia entendê-lo, porque valentes são aqueles que tomam decisões com medo. Que são atormentados pelo demônio a cada passo do caminho, que se angustiam com tudo que fazem, perguntando se estão certos ou errados.

E, mesmo assim, agem. Agem porque também acreditam em milagres, como as feiticeiras que dançavam, aquela noite, em torno da fogueira.

Deus podia estar tentando voltar para ele – através daquela mulher, que agora se afastava em direção a outro homem. Se ela fosse embora, talvez Ele se afastasse para sempre. Ela era sua oportunidade

– porque sabia que a melhor maneira de mergulhar em Deus era através do amor. Não queria perder a chance de tê-lo de volta.

Respirou fundo, sentindo o ar frio e puro da floresta, e fez a si mesmo uma promessa sagrada.

Deus era o Deus dos valentes.

Brida caminhou em direção ao Mago. Os dois se encontraram perto da fogueira. As palavras eram difíceis.

Foi ela quem quebrou o silêncio.

– Temos o mesmo caminho.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Então vamos segui-lo juntos.

– Mas você não me ama – disse o Mago.

– Eu te amo. Ainda não conheço o meu amor por você – mas te amo. Você é a minha Outra Parte.

O olhar do Mago, porém, estava distante. Lembrava-se da Tradição do Sol, e uma das mais importantes lições da Tradição do Sol era o Amor. O amor era a única ponte entre o invisível e o visível que todas as pessoas conheciam. Era a única linguagem eficiente para traduzir as lições que o Universo todo dia ensinava aos seres humanos.

– Não vou embora – disse ela. – Fico com você.

– Seu namorado está esperando – respondeu o Mago. – Eu abençoarei o amor de vocês.

Brida olhou-o sem entender.

– Ninguém pode possuir um nascer do sol como aquele que vimos uma tarde – continuou. – Assim como ninguém pode possuir uma tarde com a chuva batendo na vidraça, ou a serenidade que uma criança dormindo espalha ao seu redor, ou o momento mágico das ondas quebrando nas rochas. Ninguém pode possuir o que existe de mais belo na Terra – mas podemos conhecer e amar. Através destes momentos, Deus se mostra aos homens.

"Não somos donos do sol, nem da tarde, nem das ondas, nem sequer da visão de Deus – porque não podemos possuir a nós mesmos."

O Mago estendeu a mão para Brida, e entregou-lhe uma flor.

– Quando nos conhecemos – e parece que eu sempre conheci você, porque não consigo lembrar como era o mundo antes – mostrei-lhe a Noite Escura. Queria ver como você enfrentava seus próprios limites. Já sabia que estava diante de minha Outra Parte, e esta Outra Parte ia me ensinar tudo que eu precisava aprender – foi para isto que Deus dividiu o homem e a mulher.

Brida tocava a flor. Era a primeira flor que via em muitos meses. A primavera havia chegado.

– As pessoas dão flores de presente porque nas flores está o verdadeiro sentido do Amor. Quem tentar possuir uma flor, verá a sua beleza murchando. Mas quem apenas olhar uma flor num campo, permanecerá para sempre com ela. Porque ela combina com a tarde, com o pôr-do-sol, com o cheiro de terra molhada e com as nuvens no horizonte.

Brida olhava a flor. O Mago tornou a pegá-la e a devolveu para a floresta.

Os olhos de Brida encheram-se de lágrimas. Tinha orgulho de sua Outra Parte.

– Isto a floresta me ensinou. Que você nunca será minha, e por isso terei você para sempre. Você foi a esperança dos meus dias de solidão, a angústia dos meus momentos de dúvida, a certeza de meus instantes de fé.

"Porque eu sabia que minha Outra Parte ia chegar um dia, me dediquei a aprender a Tradição do Sol. Apenas por ter certeza de sua existência é que continuei existindo."

Brida não conseguia esconder as lágrimas.

– Então você veio, e entendi tudo isto. Você chegou para me libertar da escravidão que eu mesmo havia criado, para dizer que eu estava livre – podia voltar ao mundo e às coisas do mundo. Eu entendi

tudo que precisava saber, e te amo mais do que todas as mulheres que conheci na minha vida, mais do que amei a mulher que me desviou, sem querer, para a floresta. Vou me lembrar

sempre que o amor é a liberdade. Esta foi a lição que demorei tantos anos para aprender.

“Esta foi a lição que me exilou, e que agora me liberta.”

As chamas crepitavam na fogueira, e alguns convidados retardatários começavam a se despedir. Mas Brida não escutava nada do que estava acontecendo.

– Brida! – ela ouviu uma voz distante.

– Ele está olhando para você, garota – disse o Mago. Era a frase de um velho filme que assistira. Estava alegre, porque havia virado mais uma página importante da Tradição do Sol. Sentiu a presença de seu Mestre – ele havia escolhido também esta noite para sua nova Iniciação.

“A vida inteira eu me lembrarei de você, e você se lembrará de mim. Assim como nos lembraremos do entardecer, das janelas com chuva, das coisas que teremos sempre porque não podemos possuir.”

– Brida! – tornou a chamar Lorens.

– Vá em paz – disse o Mago. – E enxugue estas lágrimas. Ou diga que foram as cinzas da fogueira.

“Não me esqueça nunca.”

Sabia que não precisava dizer aquilo. Mas disse, de qualquer maneira.

Wicca reparou que três pessoas haviam esquecido seus garrafões vazios. Precisava telefonar para elas, e mandar que viessem buscá-los.

– Daqui a pouco o fogo se apaga – disse.

Ele continuou em silêncio. Ainda havia chamas na fogueira, e ele estava com os olhos fixos nelas.

– Não me arrependo de ter sido apaixonada por você um dia –

continuou Wicca.

– Nem eu – respondeu o Mago.

Ela teve uma vontade imensa de conversar sobre a garota. Mas ficou calada. Os olhos do homem ao seu lado inspiravam respeito e sabedoria.

– Pena que eu não seja sua Outra Parte – ela tornou a puxar o assunto. – Teríamos sido um grande casal.

Mas o Mago não escutava o que Wicca estava dizendo. Havia um mundo imenso diante dele, e muitas coisas a fazer. Era preciso ajudar a construir o jardim de Deus, era preciso ensinar as pessoas a ensinarem a si mesmas. Ia encontrar outras mulheres, apaixonar-se, e viver intensamente esta encarnação. Naquela noite completava uma etapa em sua existência, e uma nova Noite Escura estendia-se diante dele. Mas ia ser uma fase mais divertida, mais alegre, e mais perto daquilo tudo que havia sonhado. Sabia disto por causa das flores, das florestas, das meninas que chegam um dia governadas pela mão de Deus, sem saber que estão ali para fazer com que se cumpra o destino.

Sabia disto por causa da Tradição da Lua, e da Tradição do Sol.